

REVISTA EDIÇÃO Nº 109 | JULHO DE 2024

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

*ESCRITOR ANGOLANO,
AUTOR DO LIVRO
NO BANCO: OS
VALORES DE NGUNJI À
MESA DOS DRONGOS*

**ENTREVISTA
EXCLUSIVA
COM**

JOÃO KAVETO

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Expediente, pág. 03	
Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04	
Entrevista com João Kaveto, pág. 05	
Kafka e o ciclo da borboleta, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 13	
Berrante de ouro, por Bert Jr., pág. 17	
Café da tarde, por Bert Jr., pág. 20	
Poema: Luz de Vela, por Fauno Mendonça, pág. 22	
Poema: O que acontece?, por Sellma Luanny, pág. 24	
A mulher escritora e o modernismo no Brasil, por Clarissa Machado, pág. 25	
Dicas para leitura, pág. 31	
Poema: Na reflexão, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 32	
Poema: Crônicas submersas, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 35	
Poema: Simplicidade, por Janete Santos Silva, pág. 37	
Ritualidade na ótica da diplopia, por José Vitor da Silva e Luiz Manoel Dias, pág. 39	
Poema: Mulher, por Luciene Guisone, pág. 43	
Minicontos que atravessam a ponte, por Flavio Joppert, pág. 46	
Poema: Livros sem instruções, por Valério Maronni, pág. 52	
Entrevista com Ana Rita de Calazans Perine, pág. 57	
Entrevista com Dr. Jorge Guedes, pág. 64	
Entrevista com Roberto Mollero Tomé, pág. 67	
Entrevista com Renato Aparecido Rodrigues, pág. 72	
Entrevista com Rodrigo Galvão, pág. 77	
Entrevista com José Alberto Janeiro, pág. 82	
Citações de grandes autores, pág. 90	
Conto: A segunda aliança, por Luiz F. Haiml, pág. 94	
Conto: Bárbara la Blanchisseuse, por Míriam Santiago, pág. 101	
Conto: Vulcão, por Idicampos, pág. 106	
Conto: Três mulheres, por Iraci J. Marin, pág. 109	
Conto: Sangue sobre o pôr-do-sol, por Ney Alencar, pág. 113	
Conto: O menino que amava os monstros, por Roberto Schima, pág. 117	
Conto: O encontro, por Roberto Mollero Tomé, pág. 125	
Conto: Passos para o cosmos - Preparos finais - Parte IX, por Sellma Luanny, pág. 129	
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 139	



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

NADINE GORDIMER

“Eu não consigo viver com alguém que não consiga viver sem mim.”

HARUKI MURAKAMI

“Infelizmente, o tempo está correndo, as horas estão passando. O passado aumenta, o futuro diminui.”

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA O NOSSO SITE: www.revistaconexaoliteratura.com.br

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura® é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit

CONTATO: ✉ ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a)!

Nossa nova edição destaca João Kaveto, talentoso escritor angolano, autor do livro *No Banco: Os valores de Ngunji à mesa dos Drongos*. Kaveto possui experiência de gestão estratégica de projetos agroindustriais e de reintegração socioeconômica de comunidades rurais, cujos processos concepção e implantação desempenhou com empresas brasileiras. Chegou a ocupar cargos de liderança consubstanciadas na condução de processos administrativos e financeiros de empresas do setor mineiro e de petróleo e gás em Angola. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

Você também poderá conferir excelentes dicas para leitura, entrevistas com escritores, poemas, contos, crônicas e muito mais.

Para saber como participar da nossa edição de agosto/2024: [clique aqui](#).

Tenha uma ótima leitura!



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR



PARTICIPE DA ANTOLOGIA
POEMAS NOTURNOS
VOL. VII

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

**POEMAS
NOTURNOS**

VOLUME VII

E-BOOK



CONEXÃO
LITERATURA

saiba mais: clique aqui

João Kaveto é cidadão angolano formado em gestão de empresas pela Faculdade de Economia da Universidade Agostinho Neto, na cidade do Lubango. Possui experiência de gestão estratégica de projetos agroindustriais e de reintegração socioeconômica de comunidades rurais, cujos processos concepção e implantação desempenhou com empresas brasileiras. Chegou igualmente a ocupar cargos de liderança consubstanciadas na condução de processos administrativos e financeiros de empresas do setor mineiro e de petróleo e gás em Angola e foi responsável pelo recrutamento de quadros brasileiros destes setores e do setor tecnológico para prestação de serviços em Angola. Atualmente exerce funções de consultor de planejamento, gestão e análise de projetos de investimentos com parceria de empresas brasileiras, dedicando-se também na apreciação da estrutura do tecido empresarial angolano face aos programas de desenvolvimento socioeconômico do seu país.

JOÃO KAVETO

Autor do livro *No Banco: Os valores de Ngunji à mesa dos Drongos*



JOÃO KAVETO - FOTO DIVULGAÇÃO



Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

João Kaveto: Hum...! Bom, primeiro gostaria de dizer que sou um jovem que cresceu nas piores condições possíveis, vendedor de rua para apoiar a minha mãe no sustento da família, fui pai dos irmãos, marido da mãe, dada a ausência da figura paterna, cresci num meio cheio de desigualdades sociais, e fui e ainda sou hoje, fortemente influenciado por uma realidade derivada de fenômenos sociopolíticos do meu país. Para melhor atender a Vossa pergunta, permitam-se repartir as repostas em três momentos fundamentais: (I) - Quando frequentava o 9º ano, minha mãe vendeu uma das suas saias para comprar um livro de Física I onde cheguei a ler coisas sobre o movimento dos corpos na terra e dos planetas. Por saber do sacrifício da minha mãe para oferecer-me aquele livro, passei a devorá-lo. Apaixonava-me profundamente com o que lia, tornando-me desde aquele momento, numa pessoa altamente observadora.

Observava tudo ao meu redor com a alma de um apaixonado pelos movimentos dos planetas; observava o que as pessoas diziam e faziam e meditava sobre as possíveis razões, escrevendo minha análise sobre tudo que cabia à minha imaginação; (II) - Em 2011, creio, li num dos jornais, a forma profissional e principalmente “romântica”, com que um renomado advogado da nossa praça, Dr. Sérgio Raimundo, defendia a necessidade de recorrer da condenação de 20 anos de prisão, dada uma senhora que assassinara o marido. No entender do advogado, a redução da pena era necessária porque reduziria a fatura social sobre as consequências possíveis, pois, pela ausência, no país, de instituições de apoio psicológico à menores, a educação dos filhos, sem culpa, seria moldada pelas ruas, uma vez que, para além das dores causadas pela morte do pai, os menores ficariam privados da ausência e amor da mãe por muito tempo. A justificativa apresentada, a forma brilhante da narrativa, moldou, desde aquela data, a forma com que eu escrevia, independentemente do assunto; e (III) - Pessoas próximas que liam algumas frases escritas por mim diziam que elas tinham alma, e isso fez-me dar início à um processo programático de leitura sem limites, fazendo com que em 2016 fizesse para mim mesmo a promessa de escrever e sonhar, cada vez mais, em lançar o meu primeiro livro, momento que, felizmente, chegou com a edição do “No Banco: Os valores de Ngunji à mesa dos Drongos” pela editora brasileira Viseu.



Conexão Literatura: Poderia comentar sobre este seu livro “No Banco”?

João Kaveto: Sim, com o maior prazer! “No Banco: Os Valores de Ngunji à mesa dos Drongos”, é um romance que inicialmente pretendia que fosse um livro técnico, “Como Encarar os Desafios do Empreendedorismo em Angola”, fruto de mais de 15 anos observando o percurso e os constrangimentos que os empreendedores do meu país e da lusofonia enfrentam no processo de realização dos seus sonhos, face aos valores, por eles definidos, como seres humanos. Sendo gestor de formação e profissional em consultoria de projetos de investimentos, tive o privilégio de gerir pequenas e grandes empresas dos setores estratégicos do meu país, para além de conceber, implementar e analisar projetos de investimento de muitos empresários, fatos que

fizeram-me ter a visão e prováveis razões, e momentos em que uns são bem-sucedidos, enquanto outros jazem na lama, realidade esta que possui alguma relação de influência da forma potências externas moldam as realidades sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais em países como o meu, e permitam-me dizer, também do Brasil, país, acreditem, que também amo. Depois de me apaixonar pela técnica de escrita de romances, a envolvência dos personagens e não só, decidi transformar o estudo técnico e suas conclusões neste romance: “No Banco: Os valores de Ngunji à mesa dos Drongos”

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?





“

SOU UM JOVEM QUE CRESCER NAS PIORES CONDIÇÕES POSSÍVEIS, VENDEDOR DE RUA PARA APOIAR A MINHA MÃE NO SUSTENTO DA FAMÍLIA, FUI PAI DOS IRMÃOS, MARIDO DA MÃE, DADA A AUSÊNCIA DA FIGURA PATERNA, CRESCI NUM MEIO CHEIO DE DESIGUALDADES SOCIAIS, E FUI E AINDA SOU HOJE, FORTEMENTE INFLUENCIADO POR UMA REALIDADE DERIVADA DE FENÔMENOS SOCIOPOLÍTICOS DO MEU PAÍS.

JOÃO KAVETO

João Kaveto: Meu processo de criação é bastante dinâmico, começa quando tomo nota dos fatos comuns que observo dos principais atores de determinada realidade socioeconômica, política e de fenômenos naturais. Depois das notas tomadas, em papel, medito sobre elas durante dias, fazendo com que a minha mente, automaticamente, passa a cogitar hipóteses e conclusões que são passadas novamente em papel ou numa gravação por telemóvel, para dias depois ouvir repetidas vezes. Este processo é repetido sempre que observo num outro lugar, cenas, fatos e pensamentos semelhantes. Foi por esse método que levei mais de 10 anos para terminar este meu primeiro livro.

Minhas principais inspirações são as realidades comportamentais dos agentes econômicos e dos agentes sociopolíticos, face aos princípios da justiça social e do amor ao próximo. Por acreditar que o Universo é um software que equaciona qualquer problema em função da forma que alimentamos os seus campos, determinando assim a realidade de cada um para o equilíbrio maior, inspiro-me com muita relevância na força que move uma pessoa cujo único bem precioso reside nos princípios da liberdade, da igualdade de oportunidades, da justiça social e da preservação do meio ambiente.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

João Kaveto: Sim! Destaco um trecho retirado da Parte II: A Luz, o Pesadelo e a Promessa.

(...) Quando seus filhos se atreviam a questionar o porquê de tal comportamento, a resposta de Don Jota era sempre dada de forma muito estranha: “Concebam teoricamente os vossos planos como o pai faz, mas materialize-os com os princípios defendidos pela vossa mãe. Meus filhos, para lidar com comunistas é preciso ser astuto, ambíguo, chato, fingido, adulante, caso contrário, você será para sempre um servente instrumentalizado. Um dia, vocês entenderão, meus filhos” – recomendava Don Jota.

Ngunji observava sempre as razões por trás dos choros ocultos da sua mãe, causados em grande medida pelo comportamento do pai, que, apesar de merecer a sua confiança, era um completo martírio ter de encarar quase sempre a realidade sem poder agir (...)

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura em Angola?

João Kaveto: Hum! Ficar calado, vale? Se sim, prefiro dizer, mesmo assim, que está no bom caminho. Aproveito a ocasião para enviar cumprimentos aos grandes senhores, José Agualusa, Ondjaki, Jacques dos Santos e José Luis Mendonça.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

João Kaveto: Os leitores interessados no meu livro impresso ou e-book, podem adquiri-lo por meios das mais

variadas plataformas de comercialização on-line, tais como: Amazon, Americanas, Magazine Luiza, Shoptime e Submarino. Apple, Barnes & Noble, Google, Kobo, Livraria Cultura e Wook. Em Angola, fisicamente, o livro será comercializado, inicialmente, pela Livraria Universo dos Livros.

Para saber mais sobre mim, basta acessar as minhas páginas nas redes sociais: Facebook: João Kaveto; LinkedIn: João Kaveto; Instagram: @joao.kaveto

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

João Kaveto: Sim. Neste momento tenho praticamente na fase de edição, mais dois livros: “Análise Estratégica dos Projetos Agroindustriais de Angola” e “A Empresa do Meu Avô”, que serão publicados à partir de 2025.

Perguntas rápidas:

Um livro: “1984” de George Orwell

Um filme: “Bob Marley: One Love”

Um hobby: Leitura

Um sonho: Ver Elon Musk ou outro homem conquistar Marte

Um dia especial: Sábado.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

João Kaveto: Sim. Desejo dizer aos leitores da Conexão Literatura, o seguinte: Existem sonhos, aqueles que seguem os sonhos da infância, cuja beleza da sua realização só se tornam justos e relevantes quando forem materializados por, ou para outras pessoas. Estes sonhos, realizados por ou para os outros, demonstram a pureza da nossa alma, dando-nos o brilho que reivindica o direito e a capacidade de realização dos nossos sonhos justos da fase adulta.



SIGA O AUTOR NAS REDES SOCIAIS:

Facebook: João Kaveto; LinkedIn: João Kaveto; Instagram: @joao.kaveto

LANÇAMENTO

DO LIVRO

No Banco: Os valores de Ngunji à mesa dos Drongos, de João Kaveto

»»» *Anote na agenda:*

1. **Livraria Drummond**, em São Paulo, Avenida Paulista, dia 14 de Agosto às 19 horas;
2. Presença garantida na **Academia de Letras Brasileira**, na Bahia, dia 16 de agosto.
3. **Livraria Jaqueira**, Centro Histórico de Recife, Recife, Pernambuco, dia 22 de agosto, às 17 horas.



Para adquirir o livro:

Impresso ou digital, disponível nas plataformas Amazon, Americanas, Magazine Luiza, Shoptime e Submarino. Apple, Barnes & Noble, Google, Kobo, Livraria Cultura e Wook. Em Angola, fisicamente, o livro será comercializado, inicialmente, pela Livraria Universo dos Livros.

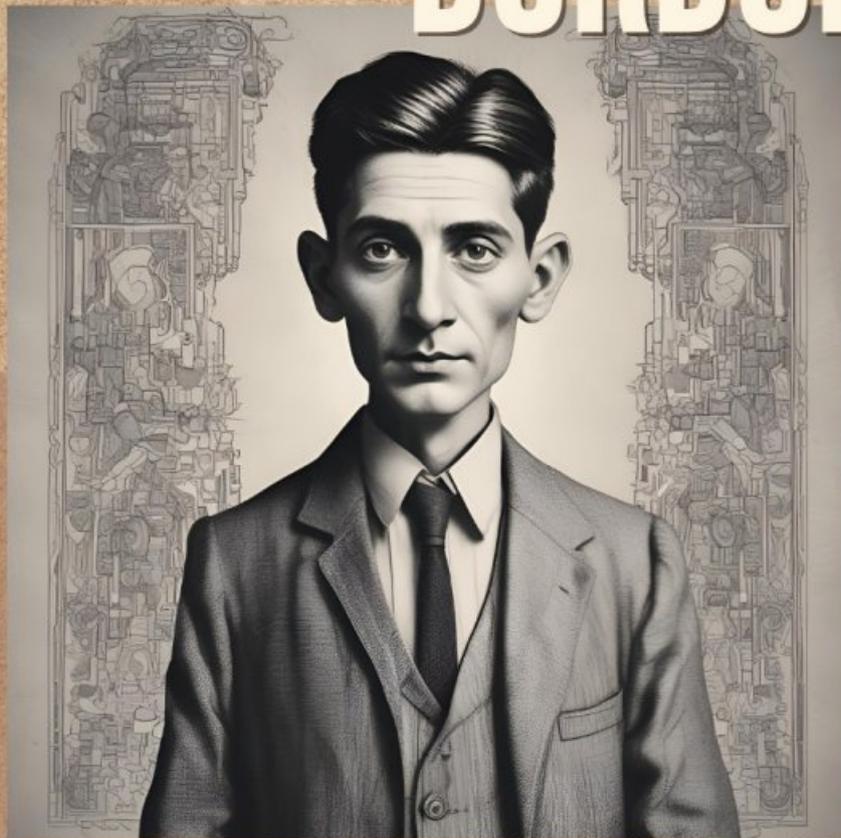
AIR MAIL

13

14

KAFKA E O CICLO DA BORBOLETA

Por
Gilmar Duarte Rocha



Neste ano de 2024, registra-se e celebra-se o centenário de morte do escritor tcheco Franz Kafka, falecido em 03 de junho de 2024, com apenas 40 anos de idade, na cidade de Klosterneuburg, Áustria.

Kafka é uma daquelas pessoas enigmáticas, que parece veio ao mundo de passagem, apenas cumprir um rito ou uma tarefa, inacabados, à primeira vista. À primeira vista.

Nascido em 03.07.1883, em Praga, província da Boêmia, então parte do império austro-húngaro, filho de uma família judaica relativamente bem estabelecida economicamente, o jovem Franz cresceu estudando em boas escolas e falando alemão, como era praxe entre os letrados e os burgueses das cidades que hoje fazem parte da atual República Tcheca.

Cresceu esboçando certa timidez e ensimesmamento e tinha o comportamento arredo, com dificuldades de relacionamento com as pessoas que o rodeavam. Excetuando a sua irmã mais jovem Ottla, com quem mantinha estreita amizade e que lhe era uma espécie de confidente, Kafka meio que se isolava das outras pessoas da família e vivia às turras com o pai, um próspero comerciante judeu de caráter egoísta e arrogante (segundo o biógrafo de Kafka Stanley Korngold), que queria a todo custo ditar os rumos e o futuro do filho.

Franz, que estudou nas melhores escolas de Praga, onde predominava o alemão, ingressou na universidade no curso de Química, trocando um pouco depois pelo Direito, mais para atender os desígnios do pai do que por interesse próprio. Na universidade, conhece Max Brod, com quem viria a formar uma longa amizade, sendo Max a primeira (e talvez única) pessoa que entende de imediato a profundidade e o talento do jovem estudante tcheco.

Kafka não seguiu a carreira de jurista: preferiu trabalhar em empresas de seguros, cultivando uma vida de burocrata, numa espécie de relação de amor e ódio com a profissão, onde apesar dos percalços e das atividades escriturárias, tinha a oportunidade de redigir relatórios e escrever cartas, aliás redigir correspondências era um de seus hobbies preferidos, principalmente para as pessoas que lhe eram muito caras, como Felice Bauer (uma parente de Max Brod), talvez a única mulher com quem manteve um relacionamento mais duradouro, pois o candidato a escritor, dentre suas excentricidades, não conseguia firmar compromisso amoroso por muito tempo, sempre trocando de parceiras e frequentando bordéis amiúde.

Kafka lia muito e tinha preferência pelas produções de Flaubert, Goethe, Dostoiévski e alguns escritores que escreviam em tcheco. Debutou na arte de escrever ficção redigindo contos e pequenas novelas para revistas literárias, chegando a publicar na primavera de 1915 o que futuramente se tornaria um dos seus maiores clássicos, a novela *Metamorfose*, que passaria despercebida pela mídia de então. Coincidentemente, a partir do período onde se travaria as longas batalhas do que se chamaria Primeira Grande Guerra Mundial, Kafka começa a pensar alto e a traçar muitos projetos literários, que constituiria

os chamados “anos decisivos”, termo cunhado por um dos seus principais estudiosos, Reiner Stach, autor do best-seller “Kafka: os anos decisivos” (Editora Todavia, 2022).

Aí é que entra na história o que chamo de “ciclo da borboleta”, onde se pode equiparar a existência terrena de Kafka com a trajetória efêmera dos insetos da ordem dos lepidópteros, que consiste em quatro fases: ovo, larva (lagarta), pupa (crisálida) e borboleta adulta (ímago). O escritor tcheco vem ao mundo como todos os outros grandes escritores (ovo; rebento); passa a infância e adolescência rastejando, pleno de dúvidas e questões quanto ao futuro (pupa); entra numa fase nebulosa onde imerge de cabeça na literatura e ruma dentro da sua imaginação, elaborando composições literárias de vanguarda, que beiram a disruptividade; e, diferentemente dos outros escritores geniais, não tem tempo de desabrochar para o público em toda a sua plenitude, pois a morte crava-lhe a foice (de tuberculose na laringe) quando ainda estava em idade produtiva, numa fase de vida bastante auspiciosa para a maioria dos literatos.

Como se não bastasse a morte prematura, Franz Kafka — não obstante o incentivo de Max Brod e Felice Bauer — subestimou e rebaixou tudo o que escreveu e, na iminência da morte, autorizou o próprio Max Brod a queimar toda a sua obra, os livros publicados (cartas, dois ou três contos, inclusive *A Metamorfose*) e principalmente o material inédito. Para sorte dos amantes da literatura, Max Brod tinha muito juízo e senso de responsabilidade e não atendeu o desejo do amigo depois da sua morte. Não só não queimou a obra completa, como também revelou ao mundo material que o próprio Kafka julgava como perdido.

Enfim, se dependesse do desejo de Kafka, obras viscerais como *O processo*, *O Castelo*, *Na colônia penal*, dentre outros, jamais existiriam. São livros de qualidade, de conteúdo, criativos, que enriquecem a literatura alemã e que influenciaram uma gama de escritores que vieram depois de Kafka, como Albert Camus, Sartre, Garcia Márquez, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Moacyr Scliar.

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

20
24

YOUTUBE

LITERATURA,
CURIOSIDADES E
MISTÉRIOS



● NOVOS VÍDEOS NO CANAL

CONEXÃO

NERD

www.youtube.com/conexaonerd

APRESENTADO
POR ADEMIR PASCALE

BERRANTE DE OURO

POR BERT JR.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Como diplomata, tem vivido em diferentes países. É autor de dois livros de contos, três de poesia, e um de crônicas humorísticas. Sua estreia no romance se dá com *Antes do fim do riso* (ed. Oito e Meio, 2024). É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*.
Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. - Site: www.bertjr.com.br.

Peguei-me imaginando um famoso e cobiçado prêmio nacional da música sertaneja, com o nome de Berrante de Ouro, no momento em que acabasse de passar por uma reformulação audaciosa. Anteriormente, o prêmio contemplava apenas as modalidades mais conhecidas e convencionais: o sertanejo de raiz, o de dicção caipira, o sertanejo urbano, o sertanejo universitário, o sertanejo de “sofrência”, o sertanejo gospel, etc.

No entanto, como muitas vezes acontece, a equipe da assessoria de marketing viu que já era hora de incluir novas categorias, que despontavam no universo artístico nacional, de modo a conferir maior visibilidade ao prêmio e aumentar o seu apelo comercial. Com base nisso, colocou-se em marcha uma estratégia ousada, abrindo espaço para vertentes menos tradicionais e com marcada influência da música internacional, sobretudo norte-americana.

O resultado disso tudo é que a edição do Berrante de Ouro surgia, agora, com várias novidades. A seguir, alguns dos artistas a ser agraciados nas novas categorias, de acordo com informações privilegiadas obtidas de um ex-funcionário do Berrante de Ouro que passou a detestar música sertaneja.

Lista dos premiados:

A temperamental BÍlis Rolodeu será a estrela premiada na categoria Rock Sertanejo. A crítica especializada destaca a personalidade turbulenta de Rolodeu como algo determinante em sua escalada para transformar-se no maior ícone de um estilo musical em que a agressividade da paixão se mistura à ternura do romântico brega. BÍlis irá participar com o sucesso “Contra a parede eu derreto”. Devido à sua vocação dramática, a cantora tem protagonizado diversos papéis em boletins de ocorrência, por transtornos à ordem pública. Em sua defesa, Rolodeu alega que os episódios foram apenas confusões passageiras em pubs, ou mal-entendidos com vizinhos de sono demasiado leve.

Anotem aí: Arrehta Franga será a revelação do Funk-Jazz Sertanejo neste Berrante de Ouro. “Vou pra festa de meia arrastão que é pra pescaria ser das boas”, declarou a estrela numa entrevista recente. Franga deverá participar com o hit “No teu quadrado sento eu”, em que produz uma gama enorme de vocalizações com o objetivo de “sensualizar a rotina”, a fim de tornar a vida contemporânea mais estimulante. A canção tem sido muito ouvida em salas de massagem tântrica e veículos estacionados em locais de parca iluminação.

Na categoria “Melhor pastiche de canto lírico” haverá a inigualável Tina Tortelli. Dona de um agudo classificado de doloroso por inúmeros especialistas, ela afirma que não usa a voz para romper cristais simplesmente porque prefere utilizá-los para beber vinhos e champanhes. Indagada sobre os segredos de sua assombrosa técnica vocal, a diva Tortelli declarou que, para imprimir a carga dramática típica de suas interpretações, imagina-se diante de um bom prato de macarrão, tendo de decidir-se entre acompanhá-lo com almôndegas ao sugo ou molho de cogumelos.

Na categoria Sertanejo Estagiário, o prêmio ficará com Filé Fake & Espetinho. A dupla já revelou empregar o método do jejum intermitente tanto para compor quanto para interpretar canções. Em sua entrevista mais recente, confessaram que quando a fome aperta é que vem a inspiração para fabricar as melhores músicas de “sofrência”. Segundo eles, “A dor de quem leva chifre só tem comparação com o desespero por um prato de comida”. Às vezes, a dupla chega a pernoitar no estúdio sem chamar nenhum serviço de entrega de refeições, para não interromper o processo criativo até que se conclua todas as fases da gravação.

Na categoria Sertanejo Holístico, o público feminino irá ao delírio com Virgo & Leo. A dupla tem tudo o que é preciso para a premiação, inclusive um mapa astral que a prevê. Além do grande sucesso “Lua sem Vênus não dá jogo”, Virgo & Leo tornaram-se famosos por seu clube de leitura de tarô nas redes sociais. Segundo o empresário da dupla, o segredo do sucesso está no trabalho em equipe: Virgo compõe, estuda diariamente durante horas para tocar vários instrumentos com virtuosismo, faz o arranjo das músicas, supervisiona a produção dos espetáculos e revisa a parte contábil e jurídica da empresa, enquanto Leo interage com o público nas redes sociais e brilha no palco como intérprete.

A literalmente consagrada Glória Gaynever receberá o Berrante de Ouro na categoria Sertanejo Gospel-Exaltação. O fator decisivo para essa premiação foi o sucesso alcançado por Gaynever com o hit “Quando corei, orei”. A cantora revelou haver composto a canção após ser beijada por uma desconhecida num baile de formatura. Porém, se declara atenta às tentações mundanas, afirmando nunca haver “ficado” com mais de três pessoas numa festa.

Na categoria Sertanejo Exorcigospel o prêmio será conferido ao jovem futebolista, e músico estreante, Jônasson Gabicéu. O sucesso chegou cedo na vida artística de Gabicéu, graças ao divino gosto musical do Criador, que, além de haver inspirado, ainda abençoou a canção intitulada “Nem adianta vim, Coisa Ruim”. Depois da premiação, Jônasson pretende, se for da vontade divina, conciliar as duas carreiras: a de cantor e a de jogador de futebol. Segundo revelou, têm chovido propostas para jogar em clubes do exterior graças ao seu dom de falar em línguas, que, conforme lhe assegurou o seu empresário, coincidem com aquelas em uso nos países estrangeiros.

O último Berrante de Ouro da noite será entregue a Sayna Vog, na categoria Melobossa Sertaneja. Nada mais natural, depois que a sofisticada diva da melobossa lançou o álbum “Amorarrelva”, que vem sendo considerado um ícone desse estilo musical inovador, mais voltado à escuta da respiração, dos murmúrios e dos gemidos, do que propriamente da voz da cantora.

Por fim, imaginei-me assistindo à cerimônia do Berrante de Ouro no conforto de casa, votando pelo celular na(o) artista da minha preferência. O(a) mais votado(a) ganhava um curso de português caipira, com aulas de reforço de sotaque e exercícios para ampliação de vocabulário regional, de modo a garantir uma aparência convincente de autenticidade.

Café da tarde

Por Bert Jr.

Ofertas de devaneio
estendem tentáculos etéreos
que a permeável pele do tempo
tanto tricotam quanto operam

O café preto recende
em pleno ar da cozinha
como se atrêmula mão da avozinha
ainda equilibrasse a xícara

O aroma de café reacende
um afeto que não se extingue
e um interno palco se acende
com cenas de sabor antigo

Sou instante e também memória
contraste entre o feito e o sonhado
síntese fugidia
de gesto e significado



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Como diplomata, tem vivido em diferentes países. É autor de dois livros de contos, três de poesia, e um de crônicas humorísticas. Sua estreia no romance se dá com *Antes do fim do riso* (ed. Oito e Meio, 2024). É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*.
Instagram: @_bertjunior.
Facebook: Bert Jr. - Site: www.bertjr.com.br.



Dr. Jorge Guedes
NEUROPSICANÁLISE

Dr. Jorge Guedes

Psicanalista

Áreas de Atuação:

Psicanalista
Psicoterapeuta
Homeopata Naturalista

Credenciais:

ITR - 19.066 Registro Internacional de
Terapeuta- Psicanalista e Psicoterapia

CONAHOM - 1709 Conselho Nacional de
Homeopatia

Redes Sociais:



@psic_quantica



Dr. Jorge Guedes Neuropsicanálise

Informações e agendamentos:



Av. Antônio Carlos Magalhães, 846 - Ed. Max
Center - Sala 321, Salvador, Bahia, CEP 41.825-900



71 9 9704-2503



**38 anos de
experiência**



**Brasil, Portugal,
Alemanha e França**



**Atendimentos
personalizados:
Online e presencial**

Visite o site

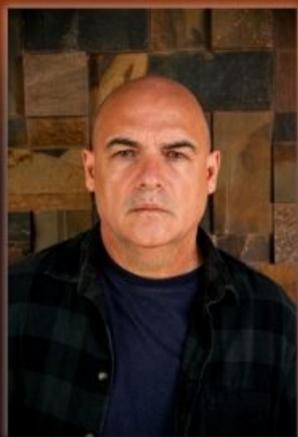
www.drjorgeguedes.com.br

Luz de Vela

Por Fauno Mendonça

Luz de vela. Rogo para enxergar meu presente, acalentar meu passado e iluminar meu futuro! Todos precisam de luz para ter seu caminho bem traçado, delimitado pela paciência e fortalecido pela esperança. Não adianta pensar que caminhamos sozinhos. A luz, seja ela seu verdadeiro sonho ou um sopro amigo, sempre deverá estar presente para te ajudar a buscar a felicidade. Os males não podem fazer parte de suas metas. Somos fracos demais para carregar em nossos ombros sentimentos nefastos. São pesados demais. Tenha humildade e aceite a sua verdadeira luz, mas antes procure a paz, pois, sem isso nada terá sentido!

Esse texto é parte integrante do livro "Encontre-se", de Fauno Mendonça



Sobre o autor

Fauno Mendonça, brasileiro, nascido em agosto de 1968, foi advogado e atualmente trabalha no Poder Judiciário. Escreveu "A Busca dos Loucos", "Bragof", "D. e o Procurador", "Encontre-se" e "Ao Norte do Silêncio".

Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?

O SEU LIVRO?

O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO,
NÓS FAZEMOS ISSO
PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE **900 MIL**
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: **CLIQUE AQUI** ←

www.revistaconexaoliteratura.com.br

O QUE ACONTECE?

POR SELMA LUANNY

Tolos e incultos a rirem
do reflexo que não enxergam, próprio.
Da magnitude da sua incoerência
machucam-se sem se darem conta.
Beiram um tenebroso precipício
do qual retorno não parece haver.

Em nada esperançoso se o futuro
preparo não parece ter. Com sinais
de diluição do intelecto - brilhante,
mas com desconexos pontos...
num escasso e limitado tempo
luz às trevas cede espaço.

Instabilidade e insensatez
nas desmembradas atitudes
que descontroladamente avançam,
destrutivas... e as consequências
cegamente desconsideram.
Intoxicando e consumindo o todo...
como se fora seu somente.

Humanidade que se transfigurando
por desarmoniosos agentes, segue.
Pela falta de ressonância de comuns
e superiores ideais, nos espinhos
que antagonismo cultivam,
se machuca... Do Universo frágil
parte a reivindicar nobreza.



Sobre a autora: Brasileira e Médica Anátomo-
Patologista, Sellma Luanny são prenomes e
um dos pseudônimos da autora. Publicou três
livros de poesia de sua autoria (Poemas
Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e
participou em duas antologias - em papel.
"Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E
Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022;
"Menção Honrosa" com o poema "Pelos
Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023.
Tem participado de antologias em e-books
editados pela Revista Conexão Literatura e em
edições mensais desta revista. No YouTube,
canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra,
incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com
versão em Inglês).



A Mulher
escritora
e o Modernismo no
Brasil

Por Clarissa Machado

MINIBIOGRAFIA DA AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

“Precisamos de advogadas para as causas femininas. A mulher não nasceu, somente, para dona de casa, pois a sua ação não se limita, unicamente, entre quatro paredes. Ela forma a metade da humanidade e há de, ainda, quando se libertar da ignorância, contribuir para a felicidade dos povos”.

(Passadismo e Modernismo, Lola de Oliveira, 1932)

Em uma análise superficial a respeito do Modernismo no Brasil, observa-se a ausência da autoria feminina no rol de escritores da primeira fase; e um assombroso *déficit* nas duas outras fases. Não haveria um conjunto robusto e significativo de mulheres escrevendo à época? Nesta esteira de raciocínio é que segue a presente, ainda que breve, investigação. Cumpre discorrer, preliminarmente, algumas linhas no que concerne ao movimento literário denominado “Modernismo” e quais são as suas principais características no Brasil.

Modernismo foi um movimento cultural que surgiu no início do século XX na Europa, assinalado especialmente pelo rompimento com as tradições do passado. No Brasil, além desta característica estavam também a criação de uma cultura essencialmente nacional e popular. No Brasil, a oficialização do movimento ocorreu com a **Semana de Arte Moderna**, evento que aconteceu em fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, considerada seu marco simbólico. A Semana de Arte Moderna abraçou não apenas artistas plásticos, mas também beletristas e literatos. A presença feminina foi surpreendente e apontada como “revolucionária”.

A Literatura Modernista encontra-se dividida em três gerações ou fases, delineadas a seguir, com menções apenas às escritoras:

Primeira geração: GERAÇÃO DE 22 (fase HERÓICA ou panfletária) 1922-1930 caracterizada pela forte influência do expressionismo, futurismo e surrealismo, bem como da negação do passado e da valorização da cultura nacional. As escritoras presentes nesta fase são: Adalziria Bittencourt, Ercília Nogueira Cobra, Eugênia Álvaro Moreyra, Henriqueta Lisboa, Lola de Oliveira e Laura Villares.

Segunda geração: GERAÇÃO DE 30 (fase NEORREALISTA ou de Consolidação) 1930-1945 é extremamente marcada por temas nacionais, populares e regionais, e contou com a presença das autoras: Adalgisa Nery, Alaíde Lisboa de Oliveira, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Diva Machado Pereira, Elsie Lessa, Hecilda Clark, Julieta Bárbara Guerrini, Lila Ripoll, Lúcia Miguel Pereira, Maria José Dupré, Pagu e Rachel de Queiroz.

Terceira geração: GERAÇÃO DE 45 (fase NEOPARNASIANA ou de Reflexão) 1945-1978 é a fase de maior intimismo e subjetivismo, e é a geração em que constam as escritoras mais conhecidas do público: Laís Corrêa de Araújo, Adélia Prado, Antonieta Dias de Moraes, Clarice Lispector, Elisa Lispector, Eneida de Moraes, Hilda Hilst, Lygia

Bojunga, Lygia Fagundes Telles, Maria Ângela Alvim, Maria Lúcia Alvim, Marina Colasanti e Ruth Guimarães.

Oportuno realçar um dado extraordinário: foi no ano de 1922, que a *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino* foi fundada por Bertha Lutz, no Rio de Janeiro, uma organização que lutava pelos direitos civis e políticos das mulheres, fator que certamente influenciou na escrita e encorajou as mulheres das Letras no desenvolvimento de suas obras. Com temas fortemente relacionados ao universo feminino tais como rompimento com o padrão feminino vigente, ideal de feminilidade, mitos da inferioridade da mulher, virgindade feminina e matrimônio como formas de aprisionamento da mulher, direitos da mulher, crítica aos códigos civil e penal brasileiros; a condição da mulher e o machismo, a mãe moderna, o mito da maternidade, subjetividade feminina, moral e bons costumes, divórcio, prostituição, adultério, conflitos do amor e do casamento, mulheres na modernidade e a mulher emancipada; é que as mulheres modernistas marcaram o movimento, e não por acaso foi o período dos mais propícios para o surgimento das primeiras Academias Femininas e Feministas oficiais no Brasil – ainda que o estado do Ceará tenha sido pioneiro neste quesito; o teria feito de maneira considerada “tímida” em 1904 (Liga Feminina Cearense, fundada por Alba Valdez).

À conta destas considerações, ressalta-se que a luta pelos direitos femininos se intensificou no Modernismo e a segunda geração (a de 30) foi contemplada com uma das mais aguardadas conquistas: em 1932, o Código Eleitoral Brasileiro assegurou o direito ao voto às mulheres brasileiras; e dois anos depois, em 1934, o direito passou a ser previsto na Constituição Federal. Logicamente, isto não era tudo; razão pela qual a luta feminina continuou, inclusive por meio de organizações literárias, dentre as quais, à guisa de registro, podemos citar como as mais significativas:

Anos 1940 – fundação da Academia Feminista de Letras do Rio de Janeiro. Presidente: Adalzira Bittencourt.

1942 - fundação da Academia de Letras Ala Feminina (Ceará) por Júlia Galeno.

1943 - Fundação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Presidente: Lydia Moschetti.

1949 - fundação da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras.

1969 - fundação da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

1972 - fundação da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá.

Cabe evidenciar o fortalecimento da imprensa feminina e o consequente “protagonismo feminino” nesta ocasião nos meios de comunicação impressos - escritos, publicados e editados por mulheres, e destinados às mulheres. A **Revista Feminina** (anteriormente nomeada de **A Luta Moderna**), escrita e dirigida por mulheres, criada em 1914 e **A Violeta** (1916, do Grêmio Literário Júlia Lopes, Mato Grosso) já constituíam uma fonte de inspiração para as modernistas, que criaram suas próprias revistas. Dentre as mais expressivas estavam: **Brasil Feminino** (1932, dirigida por Iveta Ribeiro, contava com Adalzira Bittencourt, Henriqueta Lisboa, Bertha Luz e Rachel Prado) e **Atenéia** (1949, dirigida por Lydia Moschetti, com a participação de Stela Brum, Alzira Freitas

Tacques, Aurora Nunes Wagner, Aura Pereira Lemos, Araci Froes, Beatriz Regina e Magda Costa.). Quanto aos jornais, o **Corymbo** (criado e dirigido pelas irmãs escritoras Julieta de Mello Monteiro e Revocata Heloisa de Mello) foi um dos maiores expoentes e que se manteve ativo até 1944. Contudo, os nascidos durante o auge do Modernismo foram: **Brasil Mulher** (1975, criado por Joana Lopes e Therezinha Zerbini), **Nós Mulheres** (1976, lançado pela Associação de Mulheres) e **Maria Quitéria** (1977/1978, publicado pelo Movimento Feminino pela Anistia e Liberdades Democráticas).

Não se pode perder de vista que inúmeras foram as obras de autoria feminina no Modernismo brasileiro e todas de ímpar relevância. Sob este prisma é que a lista a seguir sinaliza alguns dos títulos mais aclamados pela crítica:

GERAÇÃO DE 22:

Ametistas (Lola de Oliveira, 1922)

Fogo-Fátuo (Henriqueta Lisboa, 1925)

Vertigem (Laura Villares, 1926)

Virgindade Inútil e Anti-Higiênica (Ercília Cobra, 1927)

Han Ryner e o Amor Plural (Maria Lacerda Moura, 1928)

Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500 (Adalzira Bittencourt, 1929)

GERAÇÃO DE 30:

O Quinze (Rachel de Queiroz, 1930)

Parque Industrial (Pagu, 1933)

Em Surdina (Lúcia Miguel Pereira, 1933)

Mãos Postas (Lila Ripoll, 1938)

A Bonequinha Preta (Alaíde Lisboa de Oliveira, 1939)

Floradas na Serra (Dinah Silveira de Queiroz, 1939)

A Mulher Ausente (Adalgisa Nery, 1940)

Éramos Seis (Maria José Dupré, 1943)

GERAÇÃO DE 45:

Água Funda (Ruth Guimarães, 1946)

Presságio (Hilda Hilst, 1950)

Romanceiro da Inconfidência (Cecília Meireles, 1953)

Ronda Solitária (Elisa Lispector, 1954)

Cantochão (Laís Corrêa de Araújo, 1967)

Zooológico (Marina Colasanti, 1975)

Tônico e o Segredo de Estado (Antonieta Dias de Moraes, 1975)

A Bolsa Amarela (Lygia Bojunga, 1976)

A Hora da Estrela (Clarice Lispector, 1977)

O Seminário dos Ratos (Lygia Fagundes Telles, 1977)

O Coração Disparado (Adélia Prado, 1978)

Convém salientar que o trabalho de maior proeminência para a mulher brasileira talvez tenha sido o de **Adalzira Bittencourt**, que além de fundadora e presidente da

Academia Feminista de Letras (Rio de Janeiro, anos 1940), organizou a **Primeira Exposição do Livro Feminino** no Rio de Janeiro e o projeto **Dicionário Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil** (1969) que catalogava obras de brasileiras. É de ser relevado ainda que Adalzira foi uma das primeiras autoras a escrever sobre a importância da mulher na Literatura. Sob esta perspectiva, são notáveis as obras: *Mulheres e Livros* (1948), e *A Mulher Paulista na História* (1954).

Por fim, não poderíamos deixar de destacar Gilka Machado e Laís Corrêa de Araújo. Gilka, escritora eleita no ano de 1933 como a maior poeta do Brasil, e que apesar de ser apontada como predominantemente Simbolista, é considerada pela historiografia literária também uma representante do Pré-Modernismo e do próprio Modernismo. Gilka Machado foi uma das fundadoras do Partido Republicano Feminino que, entre outras coisas, reivindicava o direito das mulheres ao voto. Sua obra mais polêmica “*A Mulher Nua*” foi publicada em 1922, seguida por *O Grande Amor* (1928), *Meu Glorioso Pecado* (1928), *Carne e Alma* (1931), *Sublimação* (1938), *Meu Rosto* (1947) e *Velha Poesia* (1968). Já Laís Corrêa, além de ter sido a única mulher a participar da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda (1963, Belo Horizonte, MG), foi uma das fundadoras e primeiras redatoras do Suplemento Literário do Minas Gerais, onde também atuou como tradutora, área em que teve proeminência por suas traduções de textos em Prosa e Poesia, de grandes autores da literatura mundial como André Breton, Roland Barthes, T. S. Eliot, Robert Frost, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges. Dentre as suas obras mais relevantes estão: *Caderno de Poesia* (1951), *O Signo* (1955), *Cantochão* (1967), *Decurso de Prazo* (1988), *Pé de Página* (1995), *Geriátrico* (2002) e *Inventário* (2003).

Ao ensejo da conclusão, é de clareza solar que a participação das mulheres brasileiras no Modernismo não foi de modo algum acanhada; quiçá, desconsiderada. Outro ponto incontestável é que graças às obras das modernistas é que o movimento feminista no país foi profundamente fortalecido, e, logo, uma redefinição (ou revolução) no papel da mulher progressivamente aconteceu; o que, como sonhava Adalzira Bittencourt, significava o reconhecimento da mulher como cidadã plenamente capaz de realizar quaisquer atividades na esfera pública.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

POEMAS SOBRE O MAR - VOL. II

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

Poemas sobre o tempo

E-BOOK

"Cada segundo é tempo para
mudar tudo para sempre."
— Charles Chaplin

VOLUME II

saiba mais: [clique aqui](#)

DICAS PARA LEITURA

AVENTURAS PELO MUNDO - VOL. II,
REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS
MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE.
O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA
LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



POEMAS AO PÔR DO SOL - VOL. V,
COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA
LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

Na Reflexão

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Tentou fugir do meu controle, tamanha saudade
Talvez, por ingenuidade, pensando que podia ficar por lá
Infundo sentimento que não consigo deixar
Trazendo de volta, para ao meu lado estar... de verdade

Na sensação, o largo sorriso ao ver a "jabuticabeira" toda florida
Em contemplação o "zumbido" das abelhas
Com destaque, o brilhar da luz nas asinhas em centelhas
Repousando no ar, o perfumar a mostrar como são queridas

Altivo, elegante, se mostra o "pessegueiro"
Antes "pelado", mas em pé por inteiro
Assanhados afloram pequeninos brotos da flor
Com o roseado a mostrar a beleza final que será a cor

Bem ao redor
Conversas dos caseiros que já as sabemos de "cor"
No embolado, prestações do que foi o trabalhar
Assim, o final de semana foi partindo devagar

Em alegria, de repente, o saliente Luar
Cumprimentos, sorrisos, extensivos às Estrelas com o raro cintilar
Com todo o cuidado, me "embrulho" na tal saudade
Posto que, sem mentir, como lá esquecer, tamanho sentimento... de "verdade"!



JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação, participação no Livro ESCREVER CAMÕES.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

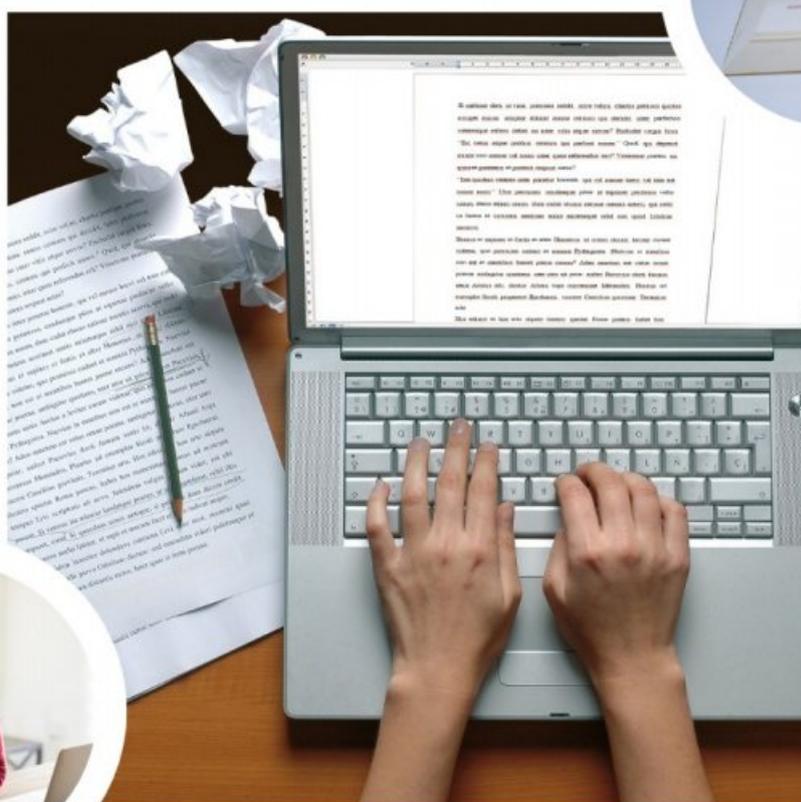
Instagram: joaquimgouvea_

Email: mjgouvea@hotmail.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br

CRÔNICAS SUBMERSAS

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Há muito não rascunho rotinas, com receio de entediar os possíveis leitores. Quanto mais o tempo passa, mais percebo a irrelevância de minhas reflexões! Escrever para quê? Isso irá impactar na evolução da humanidade? Não tenho conseguido organizar as ideias e aproveitar o que o cotidiano me apresenta gratuitamente. Sinto que as crônicas “não nascidas” deslocam-se para o paraíso das crônicas submersas. O problema é que não estão, totalmente, submersas, caso contrário, não estaria pensando nelas agora!

O que aconteceu com a crônica nascida, por exemplo, na rodoviária, quando segurei a porta do banheiro para a garota que empurrava uma mala e, ao mesmo tempo, digitava ao celular? Jurei escrever algo sobre a automação das pessoas... Senti-me, literalmente, como porta automática! Por que não desenvolvi a ideia?

Questiono-me, ainda, sobre o motivo de não dissertar sobre um fato ocorrido, recentemente, no ponto de ônibus. A jovem, com máscara no queixo, acompanhada da idosa sem máscara, falava alto ao celular. Pensei, inicialmente, na máxima: “O que os olhos não veem o coração não sente”. Por que saí de casa? Deveria ficar na bolha!

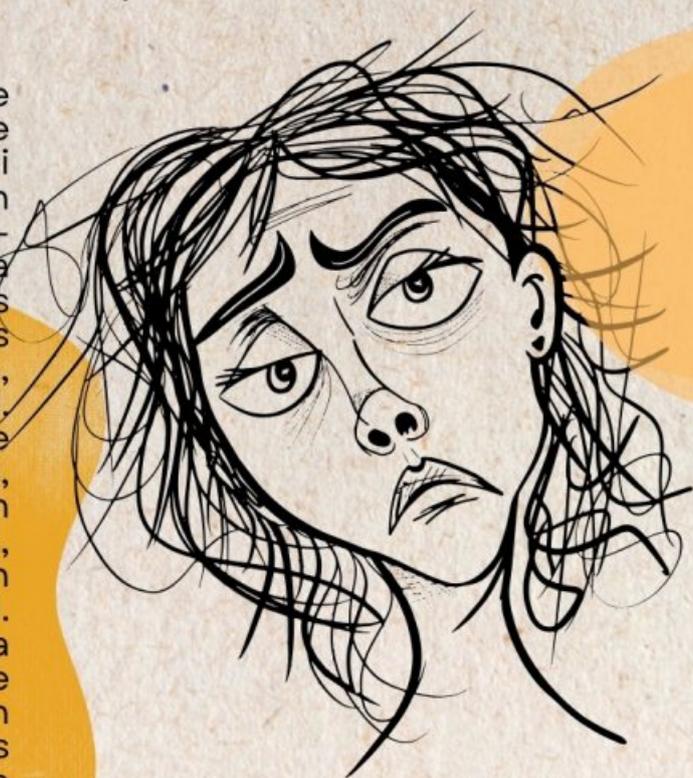
– Oi, mãe! Tudo bem? (...) Então, fiz o teste de COVID e deu positivo. O médico me pediu para ficar em quarentena, mas é ruim, hein!? Tenho festa pra ir, no final de semana! A vó tá aqui, comigo, sim! Vou nada, mãe! Tá bom!

Nessa altura do campeonato, já nem conseguia criar um enredo reflexivo: eram tantos os elementos a serem considerados! Fui tomada por enorme desânimo, que muito se agravou depois que as duas entraram no ônibus de destino, “cumprindo o protocolo”... “Crônica brochante” – pensei no título... Melhor, não!

Tempos difíceis esses em que vivemos! Pensando bem... Tudo tem uma razão de ser! Os textos nascem em seu tempo correto: às vezes, repaginados... às vezes, multiplicados... às vezes, recortados... e tudo bem! Não é a vida uma espiral?!

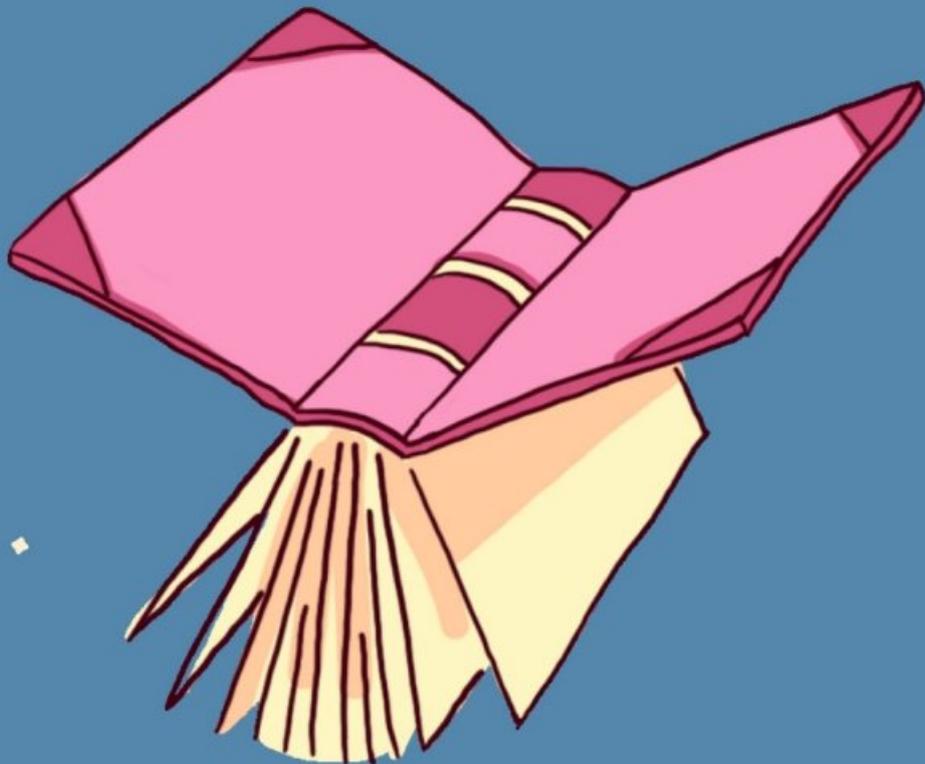
(Escrita em período de pandemia – COVID 19)

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Deixe que
os livros
te levem para
lugares nunca
antes vistos



Revista Conexão Literatura

POR JANETE SANTOS SILVA

Simplicidade

Gosto do vento, sussurro da brisa,
Que entre as folhas, livremente, gira.
Gosto do céu, vasto e infinito,
Onde o pensamento voa sem limite.

Gosto das estrelas, no céu a brilhar,
Guiando sonhos, no escuro a navegar.
Gosto da noite, que em silêncio fala,
Histórias que a lua, gentil, embala.

Gosto do amanhecer, promessa de luz,
Que o novo dia, com esperança, conduz.
Gosto do entardecer, pintura divina,
Onde o sol se despede e a noite se aproxima.

Janete Santos Silva é mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/PPGed. Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências Educacionais- FACE / Valença-Bahia e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Itapetinga- Bahia. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica EDUCON/ FAVENI e Psicanálise/ FAMART. Atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Itapetinga/BA. É membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas – GELFORPE/UESB/CNPq. Seu currículo Lattes está disponível em <https://lattes.cnpq.br/9732997152054690> e seu perfil ORCID pode ser encontrado em <https://orcid.org/0000-0002-3803-0358>. Para entrar em contato, envie um e-mail para ninha.bela@hotmail.com.



Janete Santos Silva



RITUALIDADE NA ÓTICA DA

DIPLOPIA



POR JOSÉ VITOR DA SILVA*
E LUIZ MANOEL DIAS**

José Vitor da Silva*

Luiz Manoel Dias**

Rito pode ser definido como um ato ou conjunto de comportamentos realizados com certa frequência, sistematicamente e que caracterizam determinados costumes. Por exemplo, quando duas pessoas se encontram, realizam o rito do cumprimento. O rito pode ser pessoal, familiar, cultural, social e religioso. Essa classificação leva em consideração o contexto de vida das pessoas e seus valores.

As famílias possuem diversos ritos, destacando-se o da refeição no qual os familiares sentam-se à mesa para se alimentarem e seguem determinados comportamentos que são adotados durante esse ato. Por muito tempo, a família sempre adotou os próprios ritos de acordo com sua cultura, sociedade e religião.

Na contemporaneidade, diversos fatores têm contribuído para a extinção de ritos, independentemente de seus tipos. O excesso de atividades cotidianas, a tecnologia e a pouca valorização concedida à comunicação pessoal, deixando as pessoas mais conectadas com seu mundo e interior tecnológico, parecem ser algumas causas responsáveis.

A superficialidade com a qual o ser humano tem realizado atividades da vida diária está abandonando de forma crescente a ritualidade, essencialmente o rito familiar. Não se senta mais à mesa para as refeições. A restrição do diálogo familiar ou da comunicação assumem proporções comprometedoras.

O rito, por si só, para ser desenvolvido, carece, no mínimo, da presença de duas ou mais pessoas. Entretanto, na realidade atual, as pessoas parecem cada vez mais isoladas e sem redes de apoio.

O contexto tecnológico, em especial o celular, em vez de ser o meio ou recurso, passou a ser o fim e, com isso, a ritualidade está perdendo espaço e valorização. Associado a isso, desconsiderando valores humanos, embora se reconheça sua necessidade e importância no mundo contemporâneo, a tecnologia tem assumido outras direções na vida humana.

Finalmente, presume-se que seja oportuno e necessário apresentar as seguintes indagações:

Qual o preço a ser cobrado pela vida mediante a secundarização da ritualidade?

O que se pode e o que se deve fazer para amenizar possíveis consequências comprometedoras ao ser humano, em relação à ritualidade?

Urge reflexão e oxalá que seja breve.

Por outro lado, é importante evidenciar que todo fenômeno pode ser interpretado ou visualizado sob duas perspectivas, sendo uma positiva e outra, negativa, ou seja, retrospectiva e contemporânea. O mesmo parece estar ocorrendo com a ritualidade. Com isso, esse fenômeno será mais bem compreendido, assim como terá uma visão mais abrangente, se analisado verticalmente sob a concepção do passado e do presente.

Como todos os costumes e tradições, a ritualidade não estaria perdendo força entre as pessoas. Não se pode afirmar que a ritualidade está “morrendo”, mas apenas se transicionando naturalmente. O que está ocorrendo, nada mais é que a transição natural, presente ao longo dos tempos, em todos os segmentos. A ritualidade praticada por nossos antecessores, nada tem a ver com aquela desenvolvida há séculos. O que hoje está se passando, a realidade atual, jamais foi imaginada pelos antepassados.

Por sua vez, as pessoas que viveram em outras realidades também acrescentaram e suprimiram vários ritos. Pode-se afirmar que muitas necessidades rituais antepassadas sofreram transições, quer seja por adaptações ou por imposições contemporâneas da tecnologia atual, que cada vez mais se impõe no mundo cotidiano.

Vive-se uma era na qual se cobra uma dicotomia: ou “se muda” ou “fica para trás”. O ritmo dessa transição atual não traz em seu bojo paralelo algum na história humana. Pode-se afirmar que as mudanças ocorridas ao longo da vida humana não se comparam com a realidade e contexto vivenciado na atualidade.

A revolução industrial, considerada por muitos como um dos maiores marcos de todos os tempos, não se compara a grande transição que está ocorrendo no mundo, especificamente relacionada com as mudanças de paradigmas. Devido a isso e por conta da sobrevivência humana, as pessoas criam novos ritos que chocam aqueles que carregam, dentro de si, a herança recebida no passado. Pode-se afirmar que está havendo situações conflitivas entre o presente e o passado.

Porém, é preciso estar consciente que o passado já cumpriu sua etapa. Vive-se no contexto atual outra realidade. Assim como o passado marcou o itinerário do presente o futuro das próximas gerações será influenciado pela dinâmica em que se vive hoje.

A ausência de adaptação ao “novo mundo” traz o risco de se ficar isolado e esquecido, sem possibilidade de oferta de colaborações para a formação de novas demandas do futuro. A ritualidade é dinâmica. Sua transição ocorre de forma cíclica e de acordo com a necessidade da vida, nada tendo a ver com a que se perpetuou por um longo período do passado. Em outras palavras, isso significa que recordar o passado é saudável e pode até mesmo ser aproveitado em partes, mas sem se apegar a ele.

Isso se caracteriza pelas exigências da evolução contínua. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a perda de alguns valores na essência da ritualidade permitiu a aquisição de novas forças motrizes.

Pela perspectiva tecnológica as pessoas interagem muito mais umas com as outras do que em etapas passadas. Hoje, já não há necessidade da presença física para se

compartilhar um rito. O problema da distância e a presença entre as pessoas foram praticamente extintas não sendo mais empecilho para se confraternizarem.

Entretanto, não se pode deixar de ter em mente que o mundo caminha nessa trilha e não sugere quaisquer possibilidades de mudanças transicionais do ponto de vista de direção e regressão.

Pode-se deduzir que a ritualidade continuará existindo sempre, porém, sempre diversificada da forma como vivenciada anteriormente. A adaptação aos tempos se torna imperativa. Entretanto, o primeiro passo requer novas concepções, abordagens e atitudes. Emergem novas óticas, isto é diplopia na ritualidade...



*Enfermeiro, gerontólogo e professor universitário.

**Engenheiro elétrico.



MULHER

POR LUCIENE GUISTONE

No início, no ventre da mãe,
Cresce por nove meses.

Ao nascer é um pequeno ser,
Que se desenvolve e alegra a todos.

Engatinhando pronuncia os primeiros sons,
Parece mais uma bonequinha de luxo.

Na primeira infância brinca,
E sonha ao lado da mãe.

Na segunda infância pensa em ser,
Mulher adulta e mãe.

Chega a primeira adolescência,
E a escola é seu lugar preferido.

Na segunda adolescência seguem os olhares,
E suspiros para os galãs das telenovelas.

Chega, então, a última fase da adolescência,
Ela se prepara, cheia de charme, para cursar faculdade.

A juventude reluz sua beleza e inteligência,
Os sonhos sopram através dos ventos que veem de longe.



Estuda mais, na formatura tem seu dia de glória,
Profissão almejada, trabalho conquistado.

A vida segue, a beleza prossegue,
Os sonhos se tornam ideais.

O moço escolhido será seu marido,
A vida a dois lhe trará muitas surpresas e desafios.

No corpo adulto floresce uma vida,
Que chegará de mansinho, trazendo luz e mais vida.

Assim ela escreve sua história,
Como muitas e tantas outras.

Para todas que são, foram, ou ainda serão,
Crianças, meninas, jovens, adultas, mães e profissionais.

Lavadeiras, parteiras, professoras, camponesas,
Domésticas, enfermeiras, médicas e muito mais.

Mulher mãe, mulher empresária, mulher rural,
Mulher apaixonada, mulher solteira, mulher no mundo.

Tias, avós, irmãs, netas, sobrinhas,
Primas, mães, ou não, o tempo não para jamais.

Muita força e sapiência,
Assim cantou Erasmo.

Mulher, sempre mulher.



MULHER

Luciene Guisone: Licenciada em história pela universidade estadual de Goiás - Campus Anápolis. Membro da UBE - União brasileira de escritores - seção Goiás. Coordenadora da Casa Chico Xavier para estudos em iniciação filosófica-Silvânia/GO. Professora e autora de artigos e livros.

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL



MINICONTOS QUE ATRAVESSAM A PONTE

— Por Flavio Joppert —

Medeia



Ela apenas queria um emprego para dar uma melhor qualidade de vida para os filhos. Procurou o Serviço de Propaganda Política, e fez o pedido para ser uma delatora. Afinal aquele sistema todo de ausência de liberdade estava longe de terminar. Seus filhos eram da pátria, era dela que lhes viam o alimento melhor do que o dos que os pais não cumpriam seus deveres com a nação. Agora era a vez deles, já tinham idade para entrar na engrenagem da ditadura, e conseguir algum emprego nas repartições do governo, cujo salário faria deles tanto quanto bucha de canhão como mãe de obra barata. Mas não tinha jeito: no serviço privado, a pessoa jurídica garantia menos status que o calculável pela mais valia do patrão. Vendo eles fardados, lustrosos como lixeiros de luxo, angustiada lembra dos filhotes da coruja na torre da cidade. Medeia.



A Gestapo



Militares da Operação Condor conversavam entre eles. Uma reunião entre amigos, regada a um bom Wiski envelhecido 12 anos. Alguns a Cowboy, outros a On The Rock. Falavam sobre seu alter ego: o nazismo. Alguns pensavam poder haver um bom nazista, como alguém que ultrapassasse o limite do espírito da época e procurasse um caminho diferente, sem comprometer o processo evolutivo. Um deles opinou, limpando a garganta de seu catarro, para começar de forma mais simpática: a gestapo, eu penso que a gestapo fosse assim, sei que na Operação Valquíria, o comandante da ocupação de Paris estava envolvido, foi detido, e eles deixaram que ele se matasse com a própria pistola. Outro caso deles de prisão com suicídio liberado foi o de Rommel. Eles deviam estar sintonizados com o passar do tempo, e sabiam da surra que aqueles sujeitos iam levar depois que aplicassem o soro da verdade, por isso tranquilamente liberavam o suicídio de forma humanitária. Eles seguiam essa linha de serem legais, “tá aí”: o bom nazista existia.





MINICONTOS QUE ATRAVESSAM A PONTE

— Por Flavio Joppert —

A Mulher Pecadora

Toda mulher que tivesse relações sexuais com mais de alguns homens era considerada pecadora, e apedrejada até a morte pelos juízes e magistrados da vila. Um dia uma moça por ter consentido sexo com um rapaz, abandonada por ele, foi julgada como pecadora e culpada de seus crimes com pena de morte. Todos da vila se reunirão, levaram-na para a praça e lá começaram pedra por pedra construindo sua fortaleza de orgulho. Quando acabou ela estava morta no chão com os pertences que lhe restavam: as pedras. Os homens foram embora, e de forma facínora deixaram que as crianças fossem brincar na praça atirando pedra para o alto. Meninos e meninas se divertiam naquele cenário de horror, muitas vezes as pedras caíam em suas cabeças e selavam seus destinos junto ao das mulheres pecadoras.



Alpinista Social



Sua busca por uma elevada posição, próxima dos Reis, deformou de tal forma seu caráter que perdeu o senso crítico. Sua condição sociável cada vez era pior, principalmente porque sua conduta diagnosticava que sua consideração era a de que as pessoas eram descartáveis. Cada vez menos, e mais distante do seu alvo. Ser a estrela. Seu instinto lustroso, com um caráter cada vez mais roto, com a mesquinhez eram: sua alma. Depressão ou a queda de um grande, rasteiro como um monstro venenoso que deseja as alturas para construir sua teia, a fim de comer moscas. O caráter corrompido, mesmo desprovido de impunidade, começava a afastar cada vez mais a honestidade. Não que fosse um escroque ou um gigolô como se imagina; mas era um alpinista descendo cada vez mais no seu nível social pelos escrúpulos.





MINICONTOS QUE ATRAVESSAM A PONTE

— Por Flavio Joppert —

A Dança do Ventre

Quando voltamos dos Rituais da Dança do Ventre, voltamos alegres, descansados, em paz com a vida e universo. Tenho pena de que não possa vir todos os fins de semana. Só têm a casa para descansar. Eu seu ritual, as dançarinas derramam sobre nós o Prana do Céu. É o que temos de melhor para celebrar a noite e as estrelas, nossa vida e descansar. Ouvi dizer que o filho de nosso amigo se casará com uma Odalisca, melhor não há. Será felicidade e alegria. Seu pai me disse que no Japão, diferente das Odaliscas que celebram nossas alegrias em gratidão aos céus em rituais, existem Gueixas, que se preparam desde a infância para dar atenção aos homens. Algo de proporção menor, mas como eu gostaria que nosso filho se casasse com uma Gueixa. Assim ele seria feito feliz com a atenção dela.



Meu Primeiro Amor



No Cambriano, um romance do “paleomundo” quando sapos, ou salamandras ainda com cheiro de mar, se beijam, naquele momento para dar início com amor ao que viria a ser o cuidado parental, a salamandra que foi amada, ou beijada por um sapo, se transformaria em princesa, um dia, da linha de seu ventre, nasceria Eva, mãe de todas as mulheres. Foi assim que começou a magia do amor.



Vidas Passadas



Adormecido entre rochas, o que restou do dragão ancestral, por ele passam as linhas de uma linhagem mitocondrial capaz de chegar ao primeiro átomo que se transformou em energia e gerou o universo, como que de um espermatozoide e óvulo se faz uma vida. Está lá como uma fotografia do tempo, como daguerreotipo de meus avós.





MINICONTOS QUE ATRAVESSAM A PONTE

— Por Flavio Joppert —

A Besta Encantada

É isso mesmo? É isso mesmo. Se eles verem a garota andando com um rapaz, não chegam mais perto dela. Para namorar tem que ser por “carta”. Mas e se for o melhor amigo dela? Então tem que matar o veado com um tiro de besta, como sacrifício com flechada do Cupido. Irmão pode? Não sei, tem muito parente que abusa das garotas, principalmente os primos, esses então são um perigo.



O Vampiro Energético



Magro, alto, pálido com sua capa de chuva preta frequentava os ônibus nos dias frios em busca de um contato, ou de um contágio. Completamente vampiro, com sua bunda, magra, seca, branca, e fria, como um pedaço de carniça cadavérica. No ônibus sua preferência era para lugares vagos, imediatamente após um dos passageiros se levantar. Era ali que alimentava o seu Kundalini numa troca erótica, energizando o seu chacra, assento vago esquentado pela bunda anterior, fonte de sua energia vital. Assim aquecia sua bunda, e se energizava eroticamente. Todos os dias encontrava a felicidade dessa maneira. Ninguém desconfiava porque ele trocava tanto de lugar.



O Monge e as Galinhas



Um Monge Budista meditava para encontrar a razão das galinhas serem tão felizes no galinheiro; orgulhosas desprezavam as codornas que tinham os ovos menores que os seus. Se consideravam melhores que todas as aves do céu, porque até o milho lhes ofertavam de graça. Observando a vida das galinhas percebeu que elas só podiam ser felizes porque quando uma vez mortas, no abatedouro, não podiam voltar atrás para contar. “Ninguém sabe o futuro que o espera.”



MINICONTOS QUE ATRAVESSAM A PONTE

— Por Flavio Joppert —

A Codorna e a Raposa

Conta a história que certo dia no Bosque, a raposa encontrou uma codorna. Preparando para devorar a ave, decidiu engambelar para não ser tão violenta, perguntando para a codorna como ia a vida, ela respondeu: podiam ter aceitado meus ovos por menor que fossem, e que a vida dela ainda era bem difícil por causa disso; a raposa atenciosa, se interessando pela conversar, rebate: meu problema não é diferente, dei meu rabo para todos eles, poderem se casar com honra. A codorna dando ouvidos pergunta atenciosa: mas então o que deseja, responde a outra: desejo comer...



Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



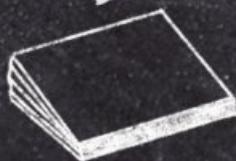
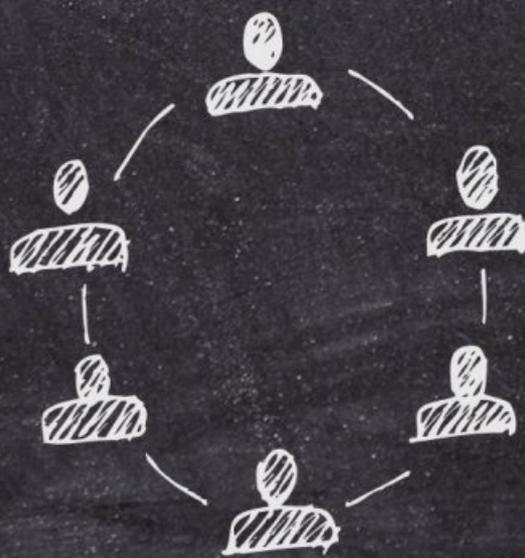
Flavio na Niteroiense de Letras



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica



Libertas
sem instruções

Por Valério Maronni

Cronistas rastejavam com suas ideias blindadas
e escutavam rajadas de balas tipográficas,
coletâneas intimidadas pela pólvora aos quatro cantos da página
jogada às pás
por quem estilhaçava os vidros da biblioteca central
ao lado da estação do desembarque
tomada de assalto pelo preço do frete.

Vinha o telhado a ruir ao tremor dos bombardeiros
que sobrevoavam a praça da amostra de livros,
na cidade destruída marchavam fileiras de leitores convocados,
mochilas de livros lidos em tempo algum
que iam para a trincheira constatar estrondos,
explosões capas-rasgadas estampidos almas-rasgadas
enquanto não houvesse publicação das notícias do front.

No canteiro central uma palmeira condecorada
adubada por fertilizante feito de livros moídos
com medalhas na capa,
em terras despedaçadas nesse aqui
lado oposto do globo oco.

Poetas tombavam nos campos de batalha
ao tentar convencer o inimigo dos inexplicáveis textos
que rondavam suas cabeças,
seus livros abertos coletavam chuvas de balas com fonte Calibri,
dissecavam o mistério da dor de seus poemas:
a impossibilidade de separar a dor do verso,
de desgarrar a estrofe de o amor.

Escritores caíam sobre caixas de livros na vala cavada
por quem gostava de ler contos encharcados
de lama vermelha e sangue frio,
fim de capítulos caprichosamente sem terminar,
o título:
uma guerra e depois outras tantas,
foi ali mesmo seus túmulos
cobertos por camada de asfalto em um futuro mais que imperfeito
para dar lugar à avenida com o nome do ditador,
que lia livros sem instruções.

Havia mais sentido no sem-sentido de um hospital de campanha,
mais que os cinco sentidos do corpo
como ensinavam os livros,

havia o sentido saciado da fome,
o sentido analgésico da dor,
o sentido trêmulo do frio,
e na criatura que ignorava livros
 faltava algum sentido:
 o senso de localização,
gostava de leituras em territórios desertos,
onde fábricas usavam impressoras três-dê
 para imprimir Tanques e canhõeS.

Cada posição do cinto de munição da metralhadora
 portava uma palavra sem ódio,
disparada para timbrar um poema
 no inimigo de peito aberto.

Ah! aquelas malditas traças que destruíam partes das letras
 e perfuravam túneis arredondados nos livros de história
 das guerras continentais,
buracos que vazavam a capa
 como feitos por bombas que caíam em mim,
e me deixavam sem escrever por seis meses
 dentro de um bunker
 inundado de acentos mal colocados
 e impaciência.

Na testa dos capacetes aos milhares espalhados
 nas planícies submarinas,
um nome que lembrava guerra,
ou um nome e um sobrenome de família,
ou um título e um subtítulo com palavras rudes,
ou um verso carregado sob nuvens cúmulos
 manuscrito pelo editor
 que tentava enviar suas condolências à artilharia.

Um botão vermelho apertado na sala de segurança máxima,
na metrópole de Wikiwar
 autorizado por quem não foi à escola,
destruição em massa do conhecimento
 e todas as livrarias seriam evaporadas,
mas um assíduo leitor
 que fazia a limpeza da sala hermeticamente fechada
 dobrou um marcador de livros
 e secretamente travou o desgraçado botão.

Aquelas pegadas na areia
pareciam as de um autor cansado
a carregar todo o seu aparato de guerra e de livros,
anos após o conflito analisava-se
com um microscópio usado em laboratórios de (guerra) química
as filigranas daquelas marcas na Patagônia,
podia-se ler a marca das botas em alto relevo
e os versos de saudade em baixo relevo
escritos com a ponta da baioneta
nos momentos de trégua para buscar livros
nas agências postais espalhadas nos campos minados.

Inverno e mais cinco invernos
com palavras congeladas nas noites do Saara,
difíceis de ler nas entrelinhas
caídas das páginas empenadas do livro enfiado na console do Spitfire,
uma ou outra vazavam pelo cockpit espalhando leveza aos ares,
outras com menos sílabas
saíam agarradas a projéteis em direção ao Mar Vermelho.

Uma coisa era a ideia que se formava do tirano,
nada ainda havia sido escrito sobre ele,
outra coisa era o autocrata real sem piscar os olhos,
impresso na carne algemada em ossos
que usava texto em negrito latim,
reprovado em português
que cheirava à incenso do misticismo medieval.

Triste a marcha do soldado cabeça de papel!
esse material sagrado inventado há dois milênios,
nas sombras da muralha da China,
usado para traçar a involução humana
e ao mesmo tempo estratégias de destruição,
aceitar rabiscos de poetas e escritores
e amedrontado para aceitar rotas,
fugas e mapas de invasões,
a se molhar de rios sob pontes destruídas,
a se ferir de canetas vermelhas do punho de um qualquer.

Era na península escandinava o local da camuflagem,
sob serragem,
arame farpado e cadáveres,
que se escondia a estante feita com uma peça de fuselagem,
só se via livros sobre guerras milenares e trilionárias,

exceto o último do canto: um novo amanhecer
sem capa e com suas páginas arrancadas:
a aurora não tinha o que iluminar.
O cargueiro afundado equivocadamente
levava containers para a bienal em Singapura,
por força da corrente de águas quentes sul-equatorial
se empilharam perfeitamente
na beira da fossa das Marianas,
como andares de uma biblioteca a vivenciar as profundezas do abismo
para que os tubarões pudessem reaprender a lição.

Juliana batia em retirada dessa neurose,
habitava escalas em voos comerciais
sob o mesmo risco de um imprevisto,
os livros em sua valise eram outros,
falavam de flechas e não de balas no coração.

O armistício era assinado onde?
Paris, Londres, Bruxelas ou Amsterdam?
onde houvesse um livro aberto para se elaborar um croquis da paz.

Depois de poucos segundos
outras guerras se iniciavam em cada cabo do mundo,
tempo menor que o de impressão do livro sobre sua luta,
sim!
a sua, caro leitor combatente.

Valério Maronni publicou *O menino contador* pela Amazon KDP. Criou os blogs julianavrsempoluição e o-contografista. Participou de coletâneas das editoras Pangeia, Andross, Sinete e Perse. Publicou nas revistas Subtextos, Conexão Literatura e LiteraLivre.



ANA RITA DE CALAZANS PERINE

ORIOR.COM.BR/ANA-RITA
ardecalzansperine@gmail.com



Autora do livro *Transparências e transposições - Ensaios sobre o existir e o viver em sociedade*

A filosofia – enquanto assombro e encantamento diante do que me toca, atravessa e transforma – permeia minha infância, formações que tive e escolhas que fiz. Sou natural de Gramado / RS, atualmente residindo em Canela. Mesmo tendo por meu lugar o não lugar, alguns pontos onde aterro me abraçam como casa, assim é Minas Gerais para mim, onde passei a maior parte da vida e cofundi o Instituto ORIOR. Tenho formação em Ciências Jurídicas e Sociais, Filosofia Prática e Filosofia Clínica. São mais de trinta anos dedicados a pesquisas, aplicação e difusão de ciências humanas e afins. Atuo na área de Desenvolvimento Humano e Transformação Cultural, acompanhando processos terapêuticos, fortalecendo parilhas e redes transdisciplinares de aprendizado. Coordeno o movimento “Artes, Ciências e Humanidades”, em prol da diversidade de expressão, da confluência de saberes e do caráter emancipatório do pensamento humano.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ana Rita de Calazans Perine:

Minha presença no meio literário acontece como natural desdobramento do exercício de melhor compreender a mim mesma e meu entorno. A partilha dos meus assombros, encantamentos, divagações e delírios começa ganhar maior constância com a experiência de vida adquirida e a constatação de que, por mais diversas que sejam nossas historicidades, as vicissitudes humanas as colocam em correspondência e correlação. O processo de amadurecimento e autoconhecimento passa pela colheita e conexão dos fragmentos que nos compõe enquanto individualidades humanas, singulares e plurais ao mesmo tempo, onde a imagem de quem somos é traçada também pelas relações que estabelecemos no fluxo da existência. Assim, ler e escrever são ações amalgamadas: por aproximações e contrastes leio o mundo e a mim mesma nos escritos do cotidiano, essencialmente relacional.



Conexão Literatura: Você é autora do livro "Transparências e transposições - Ensaio sobre o existir e o viver em sociedade". Poderia comentar?

Ana Rita de Calazans Perine:

Com selo da Pragmatha Editora, o livro apresenta uma seleção de crônicas, poemas e ensaios sobre temas existenciais. Os conteúdos estão divididos em cinco partes: Fronteiras imagéticas – entes e mundos, Em sociedade – desafios e possibilidades, Vestígios do real – desbloqueio e alforria, Em clínica – humanismo e emancipação e Usina poética – remadas e rimas.

Entendendo estar a filosofia radicada no âmago do espírito humano, sem teto que a limite nem chão que dela se aproprie, "Transparências e Transposições -

Ensaio sobre o existir e o viver em sociedade” é um exercício filosófico por excelência: primário, basal, raiz. Nele, o mergulho na densidade do estar no mundo faz emergir sutilezas do ser em constante relação consigo e com o meio. Entre cenas que ocultando revelam o enigmático pacote vida se mostra, acompanhado de efêmeras nuances que fazem bailar luz e sombras no jogo que agora (em forma de livro) se eterniza brincante. Encantos, assombros, alegrias e tristezas deságuam embalados por processos de pesquisa, experimentações e autodescoberta. As emoções e pensamentos que compõem essas livres narrativas, como ar e fogo, fornecem os subsídios necessários à combustão que faz eclodir o humano: híbrido e multifacetado, austero e jocoso, infantil e maduro, inquiridor e displicente...

Seja em prosa ou verso, sereno ou tempestuoso, o texto flui na cadência da vida, sem absolutizar regras e métricas, expresso em ritmos e contra ritmos próprios, movimento e pausa, voz e silêncio. Marcações ligadas a momentos pontuais de reconhecimento e busca por individuação, em que representação e apresentação se enlaçam com o existir e com viver em sociedade.

Fruto de desnudamentos que demandaram boas doses de coragem e desprendimento, o livro reúne, ao longo de décadas, fases e faces de quem sou. Assim, ao esboçar uma possível cartografia humana, pode ser lido de tantos modos quanto ditam os olhares e a experiência do leitor.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ana Rita de Calazans Perine:

Minha escrita brota da necessidade visceral que tenho em aguçar olhares e refinar leituras. Escrevo a partir de experiências cotidianas, de como a vida me toca e de como eu toco a vida. É bem mais ato de desague, vazão, do que de disciplina e contenção.

No momento em que a escrita se impõe, qualquer lugar passa a ser um bom lugar para esmiuçar emoções e pensamentos, para atribuir sentido e significado ao vivido. Mais do que integrar meus remédios existenciais, a escrita é o próprio boticário os percebendo, identificando e manipulando. Através dela percepciono o mundo e a mim mesma. De um lado, resguarda minha sanidade; de outro, dela me liberta!

Neste processo, embora avaliar resultados seja bastante complexo, eu busco sentir o tempo próprio de cada texto. Quando as palavras, antes silenciadas e em suspensão, encontram a voz no aterramento, cumprida está a travessia!



O existir e o viver em sociedade e as relações que nela travo são minhas maiores inspirações. Aí se incluem todas as formas de vida que pulsam no ventre da Mãe Terra, poética que faz de mim humana e aprendiz...

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Ana Rita de Calazans Perine:

“A filosofia (e o filosofar) está em tudo que nos toca e atravessa, é disposição originária e própria do humano, permeia o universo do ser.

A filosofia não nasce na Academia, é pela Academia absorvida e por vezes por ela engessada em teorias e correntes de pensamento que

aprisionam ideias alheias, nascidas do livre circular, sem libertar suas próprias. O filosofar é da vida e do viver, ainda que possa estar no meio acadêmico, não é ditado por títulos, insígnias e chancelas. Filosofia é pathos (paixão, afeto, empatia, emoção, persuasão), ethos (ética, autoridade moral) e logos (lógica, razão): os três pilares da retórica, segundo Aristóteles. Um discurso, ainda que persuasivo, pode não trazer verdade nem permitir sua checagem, não trazendo nem permitindo, seria um discurso vazio.

Verdade é busca. Checagem, indícios que dela encontramos no processo de estar aqui e agora, em relação com a vida, inseridos no pulso da existência, experimentando e experienciando. Daí a prática do laboratório grego, filosofia promovendo ajustes necessários no processo do viver. Não há transcendência sem experiência, nem avanço sem fronteira.

Percorremos o território da existência impondo e ampliando limites. Na zona fronteiriça, divisa entre eles, carimbamos o passaporte do aprendizado. Ele é o salvo conduto, nosso passe livre, convertido em bagagem, repertório, histórias para contar, inquietudes para compartilhar, conhecimentos para disseminar...

O risco da filosofia?! Talvez o inerente a um bem conduzido processo terapêutico: nos colocar diante de nós mesmos!”

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Ana Rita de Calazans Perine: A educação demanda maior incentivo e investimento.

Há carência não só na produção e leitura de textos como na interpretação dos mesmos. Livros não se prestam para serem censurados, mas para serem lidos e amplamente dialogados. O saber ler o mundo, a si próprio e os livros triangulam ao possibilitar ponderações, ajustes e sustentações para um mundo mais equilibrado e inclusivo. Quando isso não ocorre reduzimos possibilidades, extirpamos singularidades e encapsulamos humanidades. Inviabilizamos beleza e poesia, aniquilamos a capacidade de questionar e discernir. Sem exercitar o pensar por conta própria nos tornamos meros repetidores e definhamos em talentos e expressividades. Daí a importância do movimento “Artes, Ciências e Humanidades”, em prol da confluência de saberes, da diversidade de expressão e da emancipação do pensamento.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ana Rita de Calazans Perine:

Algumas informações sobre a minha trajetória, incluindo contatos
<https://linktr.ee/anaritadecalazansperine>

O livro impresso pode ser adquirido no link <https://pragmatha.com.br/produto/transparencias-e-transposicoes-ensaios-sobre-o-existir-e-o-viver-em-sociedade/> e o ebook em <https://encurtador.com.br/De0ke>.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ana Rita de Calazans Perine:

De momento minha atenção se divide entre estudos, sessões de terapia que conduzo, rodas de conversa com minha mediação e tempo livre que faço questão de manter. A partir destas interações surgem inspirações, natural que possam vir a se concretizar em novos projetos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Grande Sertão Veredas, Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Bibi Ferreira

Um filme: Meia Noite em Paris, Woody Allen

Um hobby: contemplar e estar entre amigos

Um dia especial: junto de quem se ama

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ana Rita de Calazans Perine:

Espero que, em transparências, meus assombros, encantamentos e delírios possam, em transposições, encontrar e mobilizar os teus, leitor! Pois, do mesmo modo que não há aprendizado e transformação sem experiência,

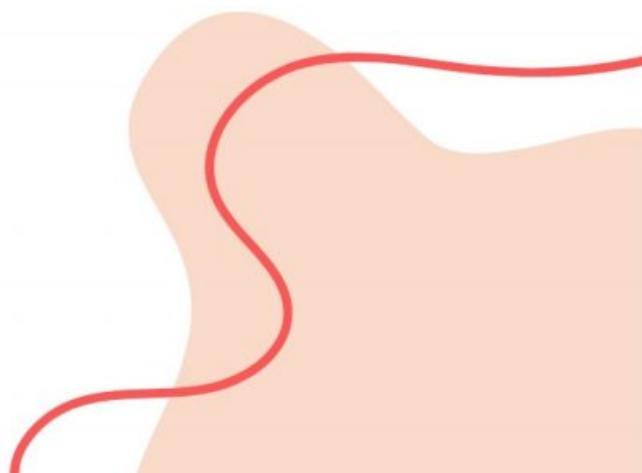
transparências são necessárias
para transposições e
transposições são necessárias
para transparências...

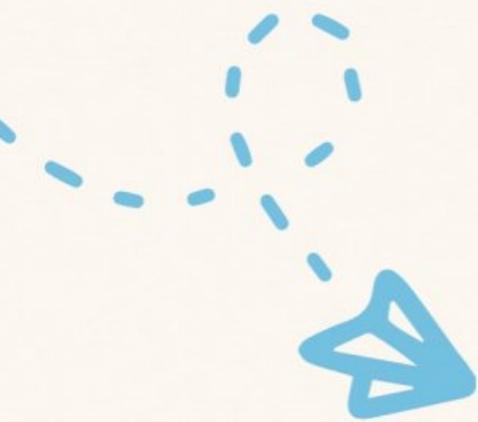
Circunstâncias mudam, relações
transfiguram, tempo encurta,
lugar amplia, mas o assunto que
convém não negligenciar segue
ecoando: a acolhida a nós
mesmos passa pela leitura real de
nossos desejos e vontades; nem
sempre bancá-los é tarefa fácil,
mas aqui reitero o convite!

Convém não esquecer:

A vida acontece
Entre vontades e desejos
Entre sonhos e realidades
Entre ideações e factibilidades
Entre margens e travessias
Entre ocasos e recomeços
Entre a gente e os outros
Nem antes nem depois
A vida acontece entre
Equalizando forças
Recuperando equilíbrios
No inclinar-se

EQUALIZANDO FORÇAS
@ANA-RITA-DE-CALAZANS-PERINE

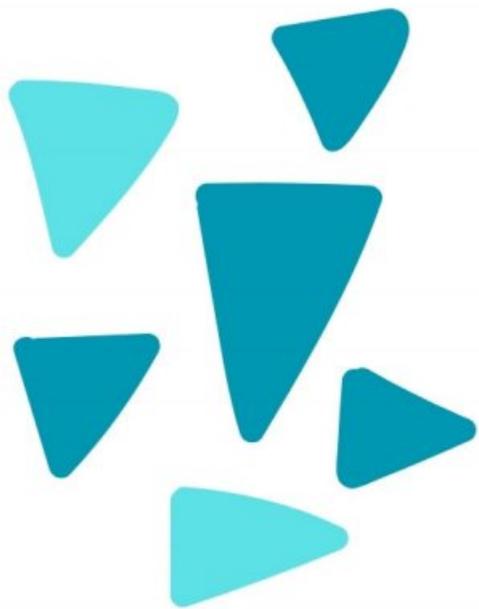




REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**A NOSSA REVISTA VIAJA
NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ**





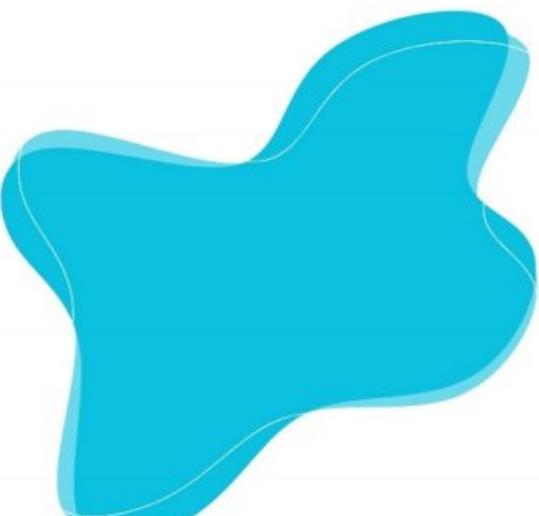
www.revistaconexaoliteratura.com.br



DR. JORGE GUEDES

Autor do livro *Regeneração das células-tronco*

Dr. Jorge Guedes é um renomado profissional na área da saúde mental e espiritual, com mais de 38 anos de experiência. Atua em diferentes países, principalmente em intercâmbio entre América do Sul e Europa, atendendo um mês no Brasil e um mês em Portugal.



Conexão Literatura: Além de escritor, você também é pesquisador da TRCT – Terapia Regenerativa das Células-Tronco, consultor e palestrante, atuando em diversos países. Poderia comentar?

Dr. Jorge Guedes:

É um trabalho que sempre foi desenvolvido em conjunto até mesmo porque existe uma conexão em cadeia que liga esses elementos. É importante escrever sobre o assunto devido ao pioneirismo da questão o que leva a necessidade da realização das palestras e das consultorias para maiores esclarecimentos, tanto no Brasil quanto em outros países.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Regeneração das células-tronco". Fale mais sobre o livro.

Dr. Jorge Guedes:

O material possui conteúdo vasto acerca de diversas patologias que podem ser tratadas com a Terapia Regenerativa das Células-Tronco, visando a qualidade de vida, através de exercícios de reativação neuromuscular, neuroesquelética



e neuromotora.

As células-tronco tem o potencial de regenerar danos provocados por lesões de várias origens e oferece tratamentos para uma ampla gama de lesões, que atingem o copo físico, refletem no fator psicológico e intensificam os transtornos mentais.

Conexão Literatura: Para quem você indicaria a leitura do livro "Regeneração das células-tronco"

Dr. Jorge Guedes:

É indicado para todos os públicos, do curioso ao acadêmico, por se tratar de um assunto abordado de forma clara e direta alcança diversos tipos de pessoas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Dr. Jorge Guedes:

Podemos desbloquear o potencial de auto regeneração e implementar práticas terapêuticas não invasivas e indolor através da reativação das células-tronco para promover a transformação no próprio cérebro e em cada músculo, nervo, tendão, osso, cartilagem, tecido e cultivar nos múltiplos sistemas, a capacidade de modelar, remodelar e superar os resultados, que a Terapia regenerativa das células-tronco tem mostrado ao reparar e otimizar, através da intrincada rede de neurônios, maximizando o nosso equilíbrio geral.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro?

Dr. Jorge Guedes:

O leitor pode acessar o site <https://www.drjorgeguedes.com.br/loja/> e a plataforma Hotmart. Em breve estará disponível no Amazon o e-book e a versão física, assim como a versão física também será disponibilizada no Hotmart e ficará à disposição dos leitores.

Conexão Literatura: E para palestras ou consultorias, como o interessado deve proceder?

Dr. Jorge Guedes:

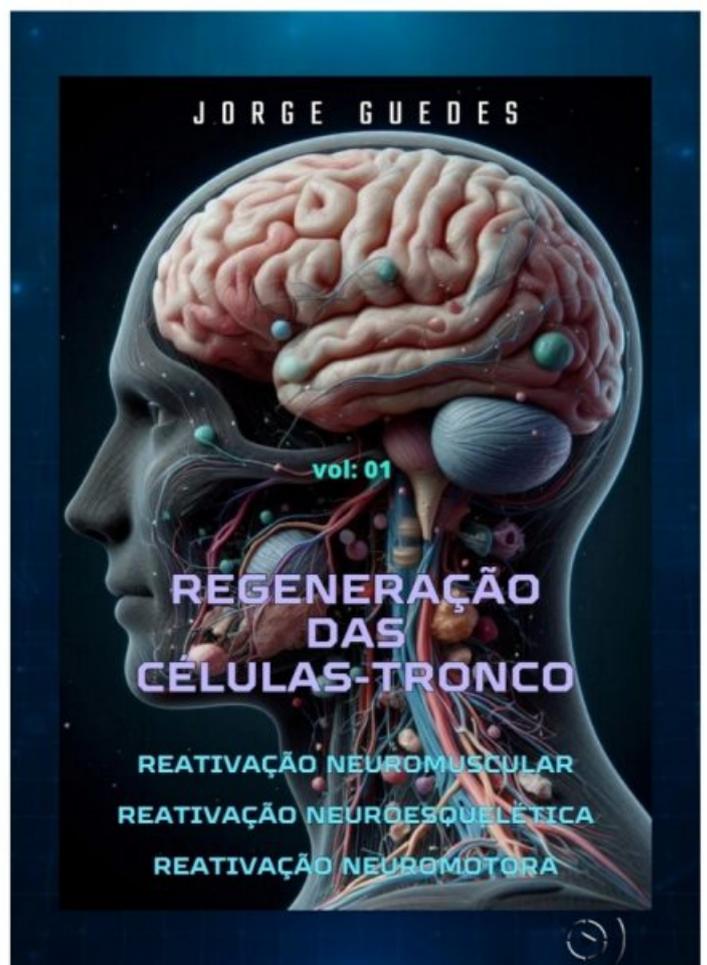
Entrar em contato para mais

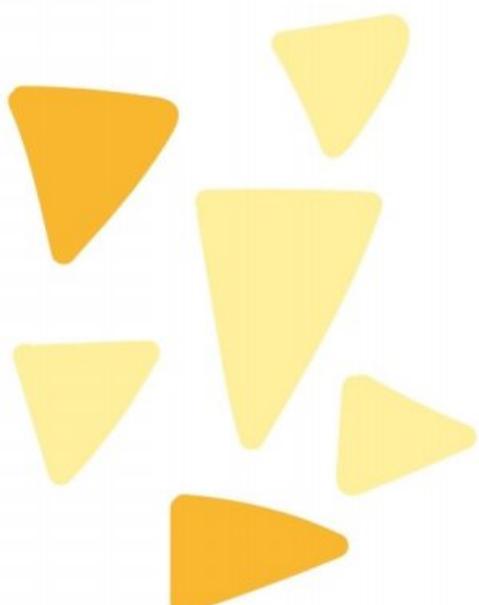
informações através do e-mail: jorgeguedes25@gmail.com e do telefone: 71 99704-2503.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Dr. Jorge Guedes:

É importante frisar que o profissional sempre deve levar em conta o tipo de lesão, depois a história de vida do cliente, pois cada tipo de lesão tem um tipo de abordagem diferente. Porém, o Terapeuta das Terapias Regenerativas das Células-tronco, sempre trabalha visando a independência e a autonomia do acometido. O terapeuta, deve levar em conta, que toda lesão pode provocar outras lesões significativas e atrofiar o sistema muscular, esquelético e motor em curto, médio ou longo prazo.





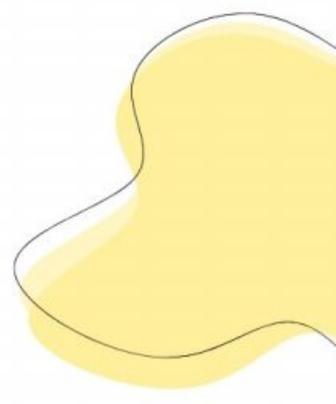
ROBERTO MOLLERO TOME

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Autor do livro *Acidente na montanha – O reencontro com uma paixão*

Roberto Mollero Tomé, nascido em 1960 na cidade de Santo André em São Paulo, formado em Comércio e com extensa vida profissional no Grande ABC. Aposentado encontrou tempo para a escrita, passou a compartilhar histórias nas redes sociais em forma poemas ou pequenos contos. Em 2020 durante a pandemia começou a publicar textos na Revista Digital Conexão Literatura. O desafio de publicar livros foi vencido pela publicação independente pela plataforma Uiclap. O Sobrenome Tomé que foi indevidamente retirado dos registros durante o processo imigratório, é uma homenagem aos seus antepassados.



Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Roberto Mollero Tomé: Desde os dias de escola, por timidez desenvolvi um método de escrever bilhetes com pequenos versinhos e entregar para as garotas. Mais tarde isso naturalmente evoluiu para poemas. Só quando nasceu meu primeiro filho foi que eu comecei a criar pequenas histórias para o distrair. A partir do confinamento social pela Pandemia, em dezembro de 2020 na edição nº 66 dessa revista, eu publiquei meu primeiro conto “A Garota da Sala ao Lado”, e logo em seguida outros. Os livros um sonho antigo, vieram através de publicação independente, pelo custo bem mais acessível.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Acidente na montanha – O reencontro com uma paixão”. Poderia comentar?

Roberto Mollero Tomé: Tenho a estranha sensação que o livro não me pertence, desde quando comecei a escreve-lo, pois o processo foi totalmente diferente de tudo que já escrevi. Tudo começou quando assisti a



abertura de uma série turca, O Hayat Benim que no Brasil ganhou o título de Minha Vida. Logo nos primeiros momentos, o que meus olhos viam, trouxeram na minha mente lembranças de um naufrágio, destroços de madeira e as feições de um rosto. Na época eu estava trabalhando em dois projetos diferentes ao mesmo tempo, de repente essa história apareceu do nada, e criou um caminho próprio ao induzir nos personagens principais, pedaços dessas lembranças desconhecidas, colocando-os em um lugar desconhecido, em idiomas desconhecidos com culturas diferentes. Apesar de ter ficado um pouco assustado com isso, pela história, pela rapidez com que tudo aconteceu, gostei muito do resultado quando li.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Roberto Mollero Tomé: - Normalmente costumo escrever as tardes, mas não me coloco prazos e não faço por obrigação, é um hobby. Elaboro um início de algo e como isso pode terminar, depois em dois ou três meses, entre vários deletes chego ao final. Só que esse foi feito pelas manhãs, logo após o café, como se embalado no calor de algum sonho ou nas asas de algum pesadelo, a história simplesmente foi se desenvolvendo linha por linha e eu não pensei muito para escreve-lo.

Quase sempre as inspirações vêm dos sentimentos pelas coisas que vejo ou ouço, e a forma de como expressa-las, mas esse livro especificamente, foi influenciado pelas lembranças que aquela série despertou.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Roberto Mollero Tomé: Claro, apesar de ter várias reviravoltas, o momento em que as lembranças encontram espaço, mesmo sem saber ela deu a possibilidade para conversar sobre as lembranças que ela trouxe para ele, desde a primeira vez que a viu acordada. Estavam caminhando e conversando sobre literatura quando ela diz:

“ser jogada assim, inesperadamente para uma vida totalmente fora dos costumes, das tradições, estar sozinha, e distante de tudo que a civilização proporciona. Sabe meu amor, histórias assim tem o poder de me deixar bastante excitada, mas também muito ansiosa”.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Roberto Mollero Tomé: Triste, além do poder aquisitivo não colaborar, a tecnologia tem afastado dos jovens o habito de pesquisar em livros, em bibliotecas, nos dias atuais com apenas um clique se encontra o que se deseja, em forma de imagens, vídeo clipes, e até mesmo o áudio livros. Eu sempre tive o costume de presentear meus filhos com livros juntos com brinquedos, roupas ou jogos de vídeo games e eles mantiveram o prazer da leitura e continuam comprando livros.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Roberto Mollero Tomé: basta acessar o [uiclap-qr-code-bio-Mollero](#) abaixo, encontrar o livro e clicar em saber mais.





antepassados, mas isso requer tempo, ainda está em fase de pesquisa e pode demorar.

Perguntas rápidas:

Um livro: Não tenho, sempre gostei de ler Adelaide Carraro.

Um ator ou atriz: Robert Mitchum e Cid Charisse (ela era a poesia em movimento).

Um filme: Casablanca de 1942, filmes Noir. Fotografia.

Um hobby: Fotografia.

Uma Música: Supertramp, The Logical Song. (é sempre atual).

Um dia especial: Dias em contato com meus filhos e netos, ou tardes de café e conversas com amigos, são super especiais.

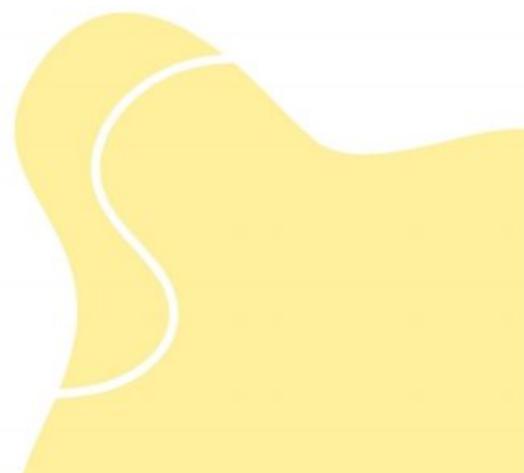
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Roberto Mollero Tomé: Desejo agradecer pela oportunidade e pelo espaço na revista de vocês, aos queridos amigos, meus ex professores (as), e um agradecimento especial a Jan pelo suporte e a Ezgi Asaroglu pela enigmática e fantasmagórica inspiração.

Sobre mim acho que o meu Instagram @rmollero pode ajudar a saciar a curiosidade, tem várias pequenas histórias e poemas

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Roberto Mollero Tomé: Depois desse livro, fiquei bastante assustado e inseguro, um certo receio para novas aventuras no mundo literário, até que alguns dias atrás, passeando pelas lembranças, me veio a ideia de recomeçar. Criei o Conto Um Encontro Único, publicado nessa Edição da Revista Conexão Literatura. estou trabalhando em "Ondas de Conflito", meu primeiro romance com conteúdo adulto. Tenho um antigo desejo em escrever um romance sobre a imigração dos meus



DIVULGUE O SEU
LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES



www.revistaconexaoliteratura.com.br



RENATO APARECIDO RODRIGUES

Tradutor

O tradutor Renato Aparecido Rodrigues é um dos maiores especialistas contemporâneo em tradução da poesia alemã para o nosso idioma. Há vários anos se dedica a traduzir a literatura fantástica alemã como E.T.A. Hoffmann; os Grimm além de profunda pesquisa e contato com a obra de brasileiros como Cruz e Souza e Augusto dos Anjos. Seu caminho para o lançamento de Poemas Macabros, editado pelo Clube de Autores/2024, se deu através do fascínio pelas obras de August Bürger, Ludwig Uhland e o próprio Heine, que o impactaram ainda mais por descobrir que praticamente não haviam traduções para o nosso português deste tipo de poesia germânica.

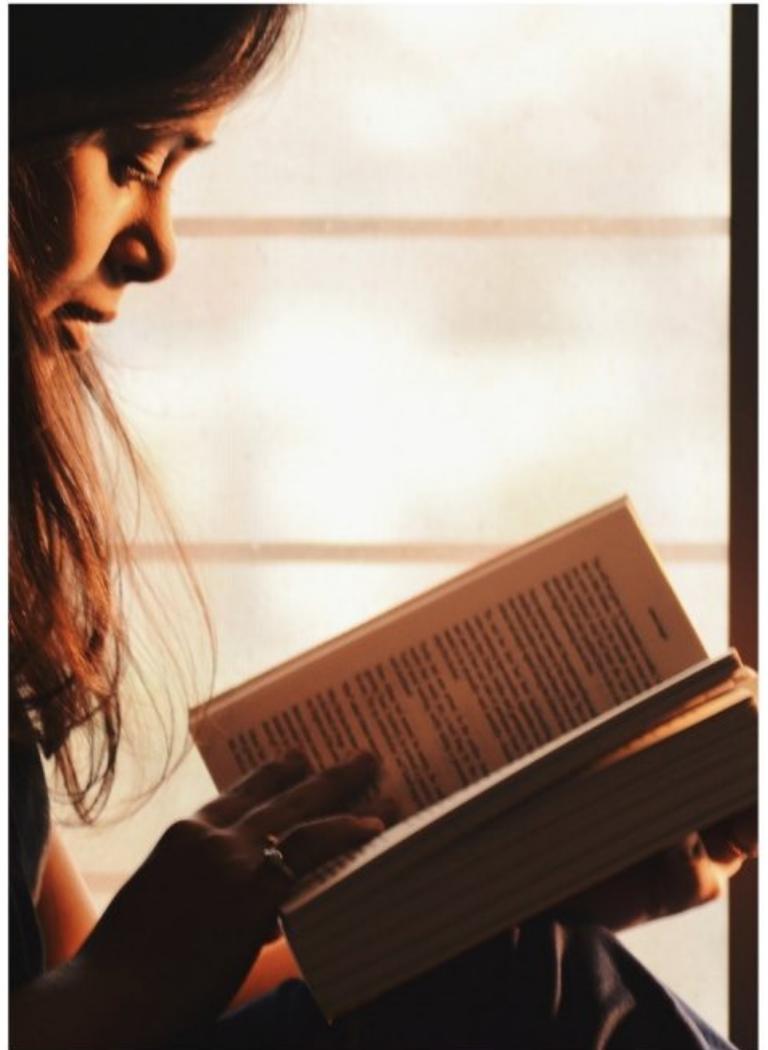
Além disso o tradutor entendeu que os poemas mereciam ilustrações a altura e por isso mais uma vez se debruçou na pesquisa histórica se deparando com as manifestações de um grupo artístico germânico lendário chamado Jung Prage – Praga Jovem – do qual participava, entre outros, o visionário gravurista Hugo Steiner-Prag que se notabilizou ao ilustrar O Golem, de Meyrink, um marco gráfico – e um dos alicerces do Expressionismo Alemão, cuja influência alcançou obras como o clássico filme Nosferatu, de 1922.

Qual o diferencial do original em relação a livros do mesmo segmento?

Há vasta quantia de obras que abordam o Romantismo negro e o Expressionismo alemão. Porém, meu livro propõe apresentar ao público brasileiro, além de uma faceta sombria de Heinrich Heine para compor baladas sombrias e macabras magistrais (afinal, a balada é um poema narrativo bastante cultivado na Alemanha, para contar histórias fatalistas e sobrenaturais, mas pouquíssimo conhecido no Brasil), a arte gráfica do ilustrador Hugo Steiner-Prag, hoje, criminosamente esquecido, já que “apenas” influenciou com sua arte, o então emergente Expressionismo na Alemanha, arte essa, que alcançou obras como *Nosferatu*, de 1922.

Qual o principal conceito que o livro passará aos seus leitores?

Resgatar artistas criminosamente abandonados ao ostracismo cultural, como Steiner-Prag, constitui uma grande surpresa. Na verdade, até mesmo a futuros telespectadores da nova refilmagem da figura vampírica citada (o filme em



produção de Robert Eggers). E também expor, obviamente, um dos grandes poetas alemães, Heine, artista de belas poesias líricas amorosas, como um ótimo contador de narrativas pavorosas em verso, com a ironia e melancolia típicas desse autor.

Cite algumas características especiais no perfil dos leitores para que o mesmo tenha mais probabilidade de sintonizar com o conteúdo do livro.

Muitos leitores habituados a apreciar horror literário em prosa,

encantaram-se ao conhecer horror literário em verso. Trata-se este, de um universo com linguagem única.

Cite na sua opinião, sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, classe social, hobby, hábitos, profissões específicas, problemas, ambições ou necessidades específicas do seu público leitor.

Quando concebi tal livro, primei por dois requisitos: o tipo de linguagem dele e o tipo de abordagem do conteúdo dele. Desejava tornar a obra acessível tanto a acadêmicos diversos, quanto a leigos diversos, portanto, as traduções são um misto de linguagem simples com alguma erudição semântica e morfosintática, e os paratextos buscam cumprir o dever de informar qualquer leitor que venha a se identificar com o material apresentado.

Destaque um trecho do próprio livro que pode vender, de maneira positiva, a sua obra para o seu público leitor:

A condessa palatina Judite

Passeia a condessa Judite pelo Reno,
Sob o esplendor do luar, num batel ameno.
À serva a remar, diz a condessa, a seu modo:
“Tu não avistas os cadáveres, sete ao todo,
Que atrás de nós têm estado,
Aproximando-se a nado –
Tão languidamente os mortos nadam!

Informações sobre a obra:

Heinrich Heine – Poemas macabros, com gravuras de Hugo Steiner-Prag (Heinrich Heine – Gespenstische Balladen, mit Radierungen von Hugo Steiner-Prag, 1924)

Editora: Clube de Autores

Páginas: 212

Temas: Romantismo Gótico e Expressionismo Alemão

Tradutor: Renato Aparecido Rodrigues-
Instagram: renato_sombras_escritas

Valor: R\$ 59,08

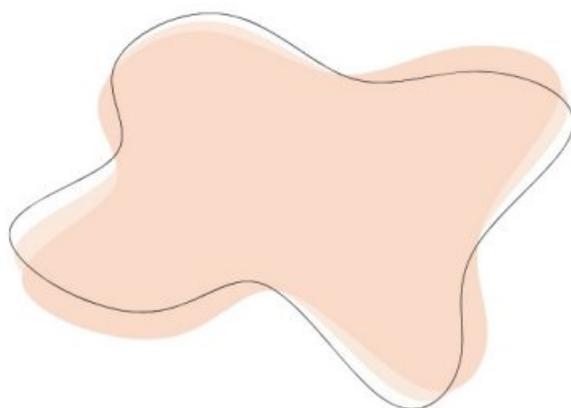


Contato:

Lívio Meireles Capeleto – Agente Literário
(019) 998507858 ou

casaprojetosliterarios@gmail.com

www.casaprojetosliterarios.com.br



Eram cavaleiros com paixão pubescente,
Em meu coração, afundaram perdidamente,
Jurando-me lealdade – Por garantia,
De que o juramento cada um não desfaria,
Ordenei que se agarrassem
De imediato, e se afogassem –
Tão languidamente os mortos nadam!”

À criada a remar, a condessa gargalha.
Pela noite, isso escarninhamente se espalha!
Até a altura dos quadris, vêm à tona juntos,
E das mãos estendem os dedos, os defuntos
Juradores – Sinalizam
Co’ olhares que cristalizam –
Tão languidamente os mortos nadam!



Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD

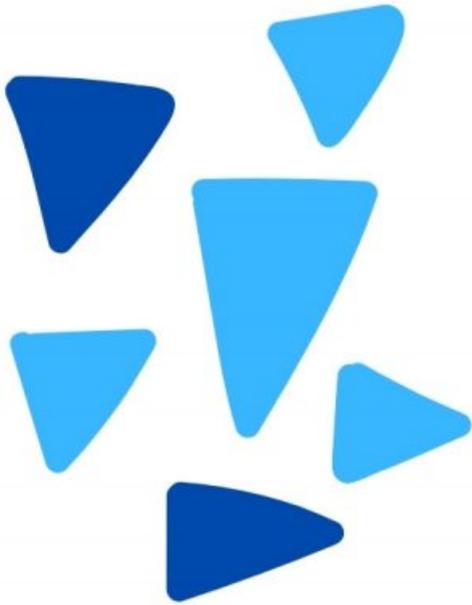


INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**





RODRIGO GALVÃO

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Autor do livro *Três Dores*

Rodrigo Galvão é escritor, servidor público, professor de Direitos Humanos para concursos públicos. Pós-graduado em Direitos Humanos e mestrando em Direito Internacional, é também Co-Host do Podciclos, podcast jurídico mais ouvido do país, e Idealizador da Plataforma Concursos360.



Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Rodrigo Galvão: Desde criança me encanto pela leitura, por vivenciar histórias através de páginas. Não consigo me recordar quantas vezes passei o recreio da escola na biblioteca lendo gibis da turma da Mônica. Bibliotecas e livrarias sempre foram meus locais favoritos, de uma conexão quase espiritual.

Ainda com uns 11 anos comecei a escrever minhas primeiras histórias, e, animado, as imprimia e levava para minha querida professora de literatura, uma exímia contadora de histórias.

As séries “OS KARAS” de Pedro Bandeira e “Percy Jackson e os Olimpianos”, de Rick Riordan definitivamente são dois grandes marcos na minha vida como jovem leitor que me fizeram criar mundos e personagens cativantes. Inclusive, o primeiro livro de Percy Jackson foi um presente da minha tia-avó, Sônia, que infelizmente faleceu meses antes da publicação do meu primeiro livro, e que foi a pessoa que mais incentivou minha paixão pela leitura.

Conforme os anos se passaram, nunca abandonei totalmente a



escrita, mas relutava em me dedicar a ela de forma mais séria e profissional. No entanto, ao final de 2019 eu encarei esse sonho de frente e decidi estudar, e daí surgiu Três Dores.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Três Dores”. O livro trabalha temáticas pesadas e que nos leva a reflexão, como foi o surgimento da ideia e como trabalhar temas tão delicados?

Rodrigo Galvão: Pro meu primeiro livro, que marcaria minha chegada ao mundo da literatura como escritor, quis abordar temas que levassem meus leitores a alguma reflexão. Ainda que não tenha a presunção de mudar o mundo com meu primeiro livro, queria levar as pessoas a refletirem, a enxergarem a dor do outro, a complexidade do ser humano e, com alguma sorte, mudar algumas atitudes (e fui a pessoa mais feliz

ao receber alguns feedbacks nesse sentido!).

Mas, claro, trabalhar temas difíceis não é uma tarefa simples. Não afastar o leitor, passar a mensagem que se quer passar e não ofender quem queremos retratar, sem reforçar estereótipos simplistas: é necessário bastante sensibilidade para equilibrar todos esses fatores.

A ideia, em si, surgiu enquanto eu estudava Direito da Criança e do Adolescente, ao ler alguma situação sobre violência contra a criança minha mente viajou, naturalmente surgiu Maria, e posteriormente Eliseu. Nos meses seguintes eu vivenciei na minha imaginação as histórias de cada um, senti as angústias, os medos, de fato me coloquei em seus lugares até precisar despejar essas dores em palavras.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Rodrigo Galvão: Eu brinco que meu processo de criação é uma gestação. Eu carrego os embriões dos personagens e dos enredos na minha mente o tempo todo, indo pro trabalho, na academia, comendo, em qualquer atividade eles estão lá se desenvolvendo. Quando estou criando uma história vivencio aquela história, aqueles personagens,

absolutamente todo o tempo. Chego a brincar que eles não me deixam dormir, porque as ideias, cenas, sentimentos, não param de jorrar, e me vejo como os personagens e sinto que muitas vezes parecem que tem vida própria.

Sobre inspirações, além da vida ao redor que sempre provém alguma inspiração, cito músicas, que me ajudam bastante a me transportar para outros cenários, histórias e universos, e minha esposa, Agatha, minha musa, que é a pessoa mais complexa que já conheci, poderia criar 100 personagens diferentes, totalmente únicos, apenas de conviver com ela.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Rodrigo Galvão: “— Filha, deixa eu te ensinar uma coisa que eu aprendi nessa vida. — Sua voz começou a ficar mais calma, em um tom passivo-agressivo. Mas Maria sabia que era apenas sua própria frustração engasgada, seus olhos não mentiam. — Essa cidade é uma grande máquina. E as engrenagens são feitas pra moer gente como eu e você. É uma máquina que quer que a gente morra. E pra pessoas sem casa, sem família, sem trabalho... Ela não só não tá nem aí. Ela vai perseguir vocês com todas as suas forças, até deixarem de ser um incômodo.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Rodrigo Galvão: A versão e-book de “Três



"Três Dores" está disponível apenas na Amazon, e a versão física tanto na Amazon, quanto em outras lojas varejeiras.

Convido, ainda, se gostou do conteúdo, a me seguir no Instagram, @profrodrigogalvao, para acompanhar meus futuros lançamentos.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Rodrigo Galvão: Leia e escreva. Eu brinco que meu sonho era viver como uma criança em processo de alfabetização, apenas dedicando meu tempo a ler e escrever. Ler outros autores, de diferentes países e estilos abre bastante nossos olhos para o que é literatura. Além disso, a melhora na qualidade da escrita

advém do treino, quanto mais escrever, treinar, revisar, reescrever, melhor será sua técnica.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Rodrigo Galvão: Sim! Pretendo lançar ainda esse ano um conto na Amazon, que já está quase pronto e estou muito animado com essa história, pois apresento um estilo de escrita bem diferente de Três Dores.

Além disso, tenho o protótipo do meu segundo livro, mas provavelmente demorarei um pouco mais para desenvolvê-lo por completo.

Perguntas rápidas:

Um livro: A hora da Estrela

Um escritor: James Baldwin

Um filme: As vantagens de ser invisível (acho que roubei nessa porque também é um livro hahahah)

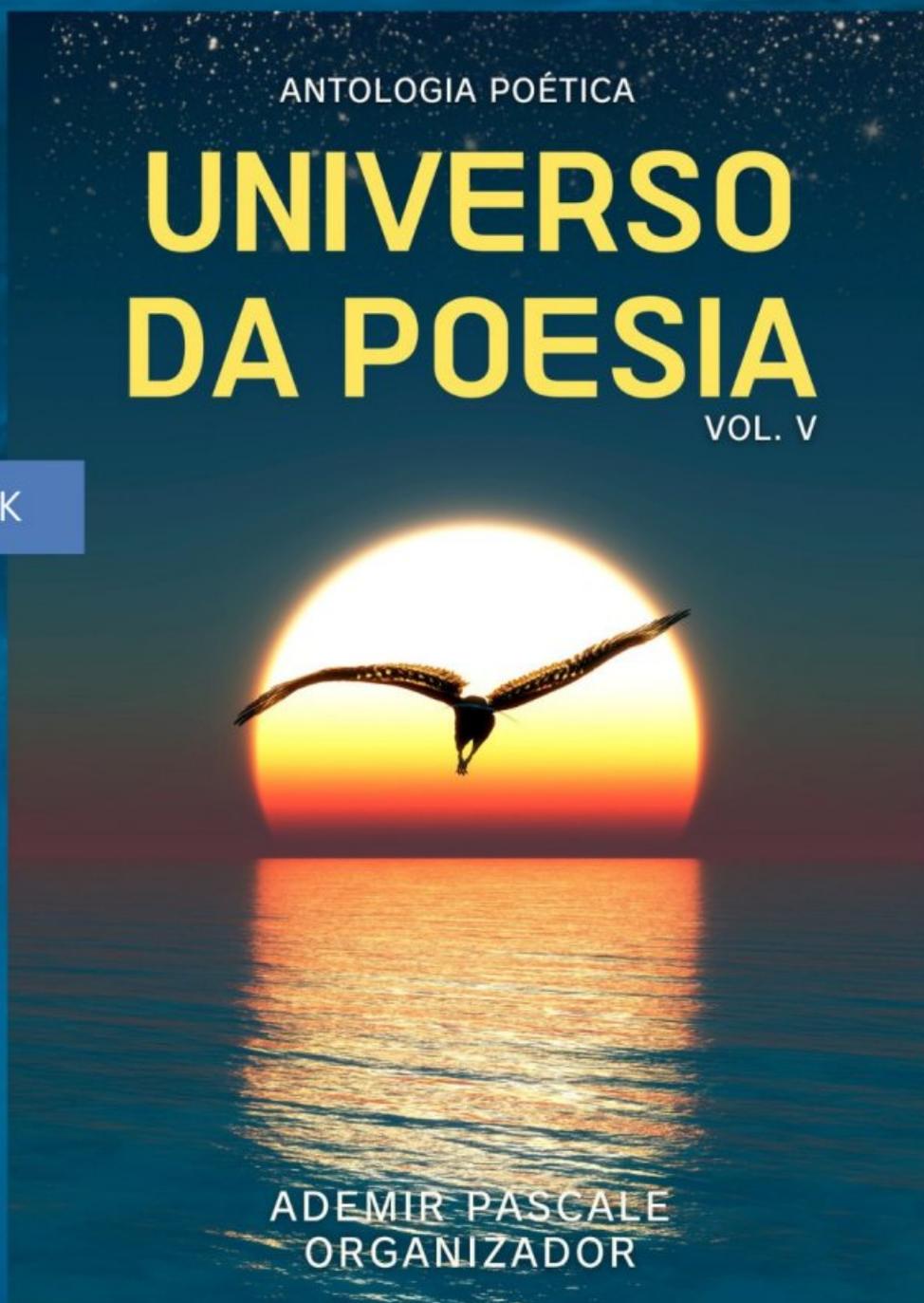
Um hobby: Arte digital (https://www.behance.net/Rodrigo_Galvao)

Um dia especial: A primeira vez que alguém que eu nunca tive contato direto ou indireto leu Três Dores e veio até mim comentar sobre o livro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Rodrigo Galvão: Gostaria apenas de agradecer ao espaço e a atividade que vocês realizam de promover a leitura e o interesse na literatura nacional. E, a quem ainda não conhece Três Dores, que deem uma chance pra essa jornada de três histórias tão doloridas mas tão reais.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
UNIVERSO DA POESIA
VOL.V



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)



JOSÉ ALBERTO JANEIRO



Autor do livro *XIII Luas – A grande caminhada da humanidade*

José Alberto Janeiro nasceu em Almofala – Figueira de Castelo Rodrigo, em 17 de junho de 1958, mas desde muito cedo adotou como sua segunda terra Vila Nova da Barquinha. Estudou Gestão de Empresas e possui um mestrado em Marketing e Gestão Comercial feito na Espanha. Em 1986 foi considerado JEEP (Jovem Empresário de Elevado Potencial) e desde sempre exerceu profissões ligadas à área da gestão. No âmbito da sua área profissional tem um vasto número de artigos publicados em jornais e revistas. Foi sendo convidado como orador em vários eventos profissionais. Desempenhou ainda as funções de formador/consultor nos mais variados aspectos relacionados com a sua área de trabalho.

Desde os 20 anos que decidiu entender a razão da sua crescente descrença num ser superior, a quem chamam deus e a razão pela qual as religiões lhe transmitem um desencanto e mesmo alguma desconfiança. Iniciou uma busca insistente e continuada cujos resultados deram origem a conferências, tertúlias com amigos e a dois livros iniciais: *Afinal onde está deus?* e *O 6º livro do profeta*. Agora este novo livro, *13 Luas – A grande caminhada da humanidade*, que pretende apresentar algumas respostas, assim como o que se sabe sobre os 13 temas e levantar novas questões sobre o este nosso percurso e o que já se conseguiu entender desde o átomo primordial e como tudo evoluiu, assim como foi a humanidade influenciada por esses 13 temas candentes, ao longo do seu percurso.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

José Alberto Janeiro: Tudo começa na década de 90 do sec. passado depois de imensas conferencias que fui fazendo sob o titulo: “A Bíblia como documento histórico”, onde explicava a componente da parte histórica da Bíblia que se consegue provar com recurso á arqueologia. Aí explicava como se consegue ainda hoje “seguir” o percurso do êxodo e os supostos milagres que se foram “produzindo”, o que se sabe sobre figuras como Nabucodonosor I, Herodes e outras figuras históricas do Antigo e Novo Testamento e se o que ali se diz foi mesmo assim. Isto despertou muito a atenção e havia questões sobre se havia este tipo de informação num livro só e daí escrevi o 1º livro “Afinal onde está dEUS?”. Como fiquei com muita informação decidi, muito mais tarde, 3 anos depois, escrever um romance histórico, com uma base muito factual do que se sabia sobre a historia de Moisés e apareceu o 2º livro: “6º Livro do Profeta”, 6º, porque se atribui a Moisés a escrita do Pentateuco, ou os primeiros 5 livros da Bíblia, coloquei a historia na primeira pessoa como se fosse



um relato dele mesmo. Ali aborda-se a primeira ligação, primeira porque estou a escrever um livro sobre essa temática, da origem dos Genesis e da Arca de Noé á Babilônia e á mitologia Sumérica, com Gilgamés e o que essa mitologia diz sobre a origem da vida e que foi transposto para a Bíblia com outros nome e nomenclaturas.

Na verdade, não foi bem assim que a minha aventura de escrita começou, mas sim com poesia e prosa poética, onde já tenho muitos poemas ou prosa poética publicada em diversas Antologias a escrita começou mais por aí. Curiosamente com 10/12 anos pediam-me textos para as festas de Natal no colégio, eram coisas muito ingênuas de acordo com a idade. Profissionalmente, tenho igualmente imensos artigos profissionais em revistas da especialidade de Gestão/Economia.

É importante contudo realçar que com 20 anos, tenho 66, comecei a olhar para a problemática da religião com a ideia que nada disso “batia certo”, isto depois de, por imposição familiar (a minha mãe era Brasileira e crente), ter cumprido todo o processo na igreja católica, até ao crisma, fui tentar entender estas questões, primeiro com um livro fantástico: “A Bíblia tinha razão?” do jornalista/ensaísta Werner Keller, li numa noite! Desenganem-se os crentes que achem ser um livro que justifica seja o que for sobre a Bíblia, no que concerne á justificação da fé, aborda apenas a componente da parte histórica da Bíblia. E depois disto nunca mais parei o meu estudo sobre as religiões e a componente da historia da humanidade e não apenas na parte religiosa. Na verdade tinha que entender porque sou ateu!

Conexão Literatura: Você é autor do livro "XIII Luas – A grande caminhada da humanidade". Poderia comentar?

José Alberto Janeiro: Quero começar por esclarecer que este livro, é um livro de não ficção, não é um romance, mas um livro quase enciclopédico sobre o que conhecemos sobre 13 temas importantes sobre a humanidade, como tudo surgiu e como nos influenciaram. Na verdade, o livro, aparece por razões quase

de egoísmo: por doença hereditária tive que iniciar o processo de hemodiálise, o meu médico aconselhou-me a ler e comprei imensos livros, pois não sabia quantos anos iria estar no tratamento até ao transplante renal. Comecei por ler e iniciei pelo “Sapiens – uma breve história da humanidade” de Yuval Harari, gostei, mas soube-me a pouco, achei que faltava muita coisa na história descrita. E decidi parar de ler outros livros, como o Homo dEUS do mesmo autor entre outros, e começar a escrever a “minha” historia da humanidade. Escolhi 13 temas que fossem um marco do percurso da humanidade desde o homo Sapiens até hoje, este foi o ponto de partida. Assim, mantenho-me ocupado durante as 4 horas de tratamento e tudo fica mais fácil. Este livro, no fundo, é também fruto do que fui continuando a estudar, porque sigo o grande e imenso Leonardo da Vinci quando disse algo como: “compreender o mais belo dos prazeres”, esta frase está no inicio de todos os meus livros.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

José Alberto Janeiro: O processo de escrita dos meus livros requer um profundo planeamento dos livros, coisa que faço primeiro. Depois então vou tratando dos temas e sub temas que possam estar dentro de cada capítulo. Este livro XIII Luas tem 525 paginas tive que gerir muito bem os temas para o essencial, senão seria o dobro e ficava impraticável. Ao longo dos capítulos, vou inserindo notas de rodapé para que a leitura seja fácil dado que os temas

podem não ser totalmente entendíveis por todos, contudo, tive o cuidado para que a linguagem fosse muito objetiva e muito clara, fazendo com que a leitura seja muito cativante e o conhecimento ali expresso fosse útil e entendível para todos, isto porque o CONHECIMENTO VALE MAIS QUANDO PARTILHADO. Como referi, em resposta á pergunta atrás, a minha grande fonte de inspiração é o único ídolo que tenho, Leonardo da Vinci e o que ele representou para o conhecimento. Sou fascinado pelas suas descobertas e pela sua historia de vida e a imensa capacidade de realização. Quando vou a Itália vou sempre a Vinci, sinto ali uma ligação muito emotiva. Aquela pessoa foi uma num milhão e deveria ter sido imortal fisicamente, merecia essa honra.

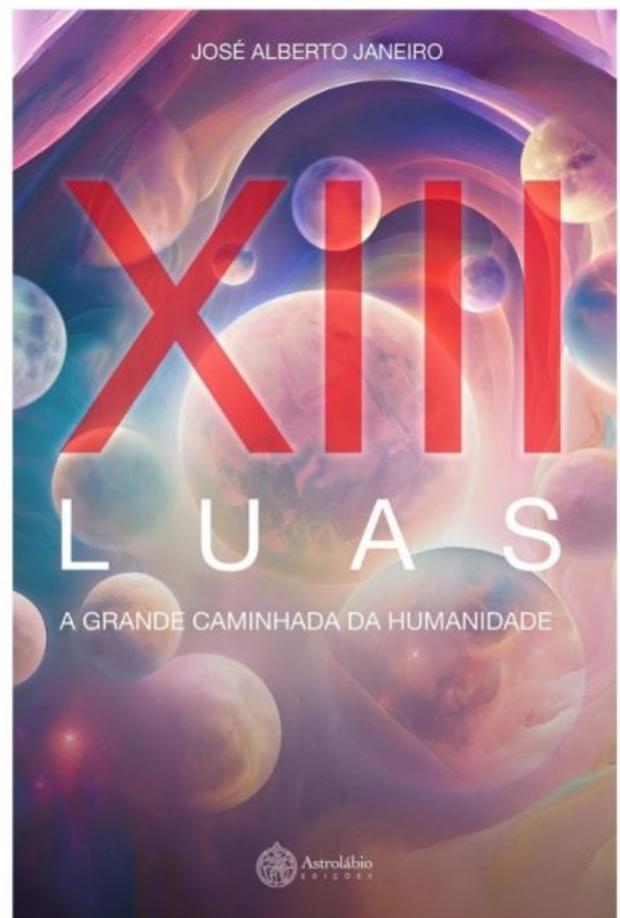
Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

José Alberto Janeiro: sim claro! Gosto muito do primeiro capítulo do livro: O UNIVERSO, onde procurei mostrar tudo o que sabemos sobre o grande mistério da origem da vida, quando digo tudo é mesmo TUDO, desde a ciência, á teoria Criacionista, até ás religiões animistas, o que elas dizem. Aqui podem ver uma comparação que criei entre a

teoria do Big Bang e os Genesis e naturalmente as muitas notas explicativas de rodapé.

Penso que o inicio do capítulo pela sua poesia e pela abertura do livro será o trecho que escolho:

“Numa noite longínqua, um ser humano ficou encantado com a festa que se produzia no céu estrelado e com aqueles pontos brilhantes, a que mais tarde chamaram luminárias, depois estrelas, hoje sabemos que são sóis em profusão que existem no espaço que achamos ser infinito. Mas aquele ser humano não podia saber isso. Para ele, era um dos muitos mistérios insolúveis e que tantas vezes se achava que os responsáveis por isso era, ou eram, uma qualquer entidade ou entidades divinas, e que assim comandavam a sua existência, sendo responsáveis por aquilo que não tinham como explicar.



Naquele momento, aquele ser primitivo não tinha ainda imaginado como responder às questões que lhe martelavam na cabeça. Sentia-se confuso e talvez os seus companheiros da tribo não se tenham questionado, porque continuavam na sua vida pacata de caçadores-recolectores, mais preocupados com a obtenção de alimento, (só muito mais tarde, quando a agricultura os dominou, os obrigou ao sedentarismo), do que com as questões secundárias sobre a sua existência. Por essa altura, ainda não se teriam questionado, nem procuravam as explicações para as dúvidas que eles achavam pouco importantes. Hoje, continuamos com as mesmas dúvidas, mas já entendemos um pouco mais do universo e do nosso grão de areia, a terra, que está inserida nesta imensidão que nos rodeia. A origem de tudo isto, continua a ser um mistério e a apaixonar a ciência que procura respostas e, acima de tudo, procura outros seres vivos em outras dimensões. Muito se evoluiu desde que se considerava a terra como o centro do universo e uma obra maravilhosa explicada por um deus criador, hoje sabemos um pouco mais, mas o mistério ainda persiste, teimosamente, pois o universo continua a esconder os seus segredos. Para termos uma ideia e olharmos para isto em perspectiva, seria

bom começar por entender que a estrela mais próxima de nós, sem ser o sol claro, chama-se Alpha Centauri C que fica a quase 5 anos-luz, ou dito de outra forma, fica a qualquer coisa como 9,5 triliões de km, ou seja, necessitaríamos exatamente quase 5 anos para chegar lá à velocidade hoje impossível de 299.792.458 metros por segundo – a velocidade da luz. Para termos uma ideia da monstruosidade do que falamos, a essa velocidade chegaríamos ao nosso sol em apenas 8,3 segundos, que é o tempo que demoraria a percorrer os 149.597.870 km que nos separam da nossa fonte de vida. Sim, a dimensão do universo é impensável e inimaginável para os nossos padrões de entendimento. Ficamos com um “buraco” na imaginação quando nos esforçamos por entender o que convencionámos chamar infinito, que aparentemente é a dimensão do universo. Mas como não conseguimos, na nossa existência finita, entender essa dimensão e esse conceito, a pergunta imediata é: “e o que fica para além disso?”, é uma pergunta quase automática.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura em Portugal?

José Alberto Janeiro: Um imenso problema e uma enorme tristeza! São poucos os que se interessam pela leitura. Tentei apresentar o livro no liceu da minha terra e explicar como se processa a escrita, bem como a aprendizagem e propus oferecer para a biblioteca da escola 3 exemplares e ainda hoje espero uma resposta. Uma tristeza. Penso que talvez seja transversal em todo o lado. As escolas não me parece que incentivem a leitura. Quando estudava éramos



incentivados pelos professores de Português a ler por um lado os clássicos e a fazer os trabalhos refletivos sobre esses livros lidos e por outro a ler livros que nos pudessem despertar interesse... e íamos para as bibliotecas. Tive excelentes professores de Português, cuja homenagem tenho em agradecimento nos meus livros. Hoje, com a facilidade de acesso aos livros e à informação, constato que há um enorme desinteresse e uma profunda literacia. Fui professor na universidade e foi muitas vezes um choque ao que assisti. Tentei incentivar as minhas filhas e agora a minha neta a lerem, a entrega de brinquedos a todas terminou quando já sabiam ler e interpretar e em vez disso livros e o incentivo à leitura como fonte de conhecimento e aprendizagem.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José Alberto Janeiro: O livro, está á venda em Portugal e no Brasil, a editora Portuguesa é do “grupo” onde a IPÊ das Letras se insere, a Atlantic Books, daí ele estar disponível na Livraria IPÊ das Letras. Basta ir ao site da Livraria www.ipedasletras.com, carregar do lado direito em “livraria on-line” e onde diz “buscar” procurar por “XIII LUAS”, assim mesmo, e podem ali ler a sinopse depois de carregarem na imagem do livro. Sobre mim, há informação por procura no Google por “José Alberto Janeiro” e ali podem inclusivamente ouvir, ler e ver a minha biografia e as entrevistas. Podem sempre segui-me nas redes sociais: Facebook Jose Janeiro-autor, idem para Instagram onde coloco muita informação e temas á discussão.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José Alberto Janeiro: sim, sem duvida. Agora estou aposentado e continuo na hemodiálise. Estou a escrever um livro com mais dois amigos sobre o Mistério de dEUS, titulo ainda provisório, onde estará a posição de um crente, de um agnóstico e a minha como ateu, penso que será um livro muito interessante pelas 3 visões que terá. E como já terminei a minha parte desse livro, vou continuar a escrever o que interrompi sobre o titulo: “Os deuses que vieram de longe – e como são hoje adorados”, abordará a problemática da possibilidade de o dEUS/Deuses terem sido fenômenos alienígenas mal interpretados e TODAS as provas que hoje se conhecem sobre o assunto, mais uma

vez um livro enciclopédico.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Desilusão de Deus de Richard Dawkins, penso que no Brasil tem um título ligeiramente diferente, não tenho a certeza, a ler fabuloso.

Um ator ou atriz: Como gosto de filmes de ação então Bruce Willis, agora com problemas de saúde.

Um filme: 2001 odisséia no espaço de Stanley Kubrick, marcante! Co-escrito por Stanley Kubrick e Arthur C. Clark, vi o filme imensas vezes.

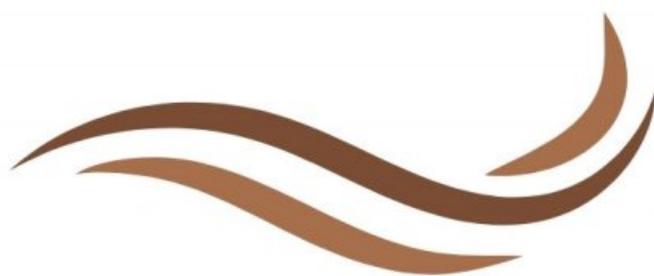
Um hobby: Estudar, aprender e conhecer. Mais “mundano”: até há pouco tempo: vela, paraquedismo e aviação ultra leve, agora não posso mais devido á dialise.

Um dia especial: tenho vários, as datas de nascimento das minhas filhas e neta e o dia em que terminei o brevet e pude imitar as águias, um pássaro fabuloso, que por vezes me acompanhavam nos voos ao meu lado, um sonho enorme de liberdade.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José Alberto Janeiro: Penso que ficou claro que me considero ateu, por ter estudado desde há 40 anos a problemática das religiões e em simultâneo a evolução da humanidade, apenas tenho como interesse partilhar conhecimento e mostrar as bases

desse conhecimento e o que conseguimos saber sobre tantos mistérios da humanidade, como tudo apareceu e aconteceu, em caso algum quero impor nada, apenas transmitir esse entendimento, depois cada um tira as suas conclusões. Leiam o livro XIII LUAS - A GRANDE CAMINHADA DA HUMANIDADE, porque foi escrito durante 1 ano e meio, com o objetivo de explicar e nada tem a ver com a fé das pessoas, cabe ao leitor decidir, ali estão só factos e explicações de base histórica, a crença de cada um é a sua intimidade. Eu não acredito em dEUS, você que é crente tem aqui a oportunidade de refletir e entender como tudo aconteceu, o porquê das coisas. Faça-o de mente aberta. Pretende-se que seja apenas uma porta aberta para o CONHECIMENTO. LEIA-O!



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

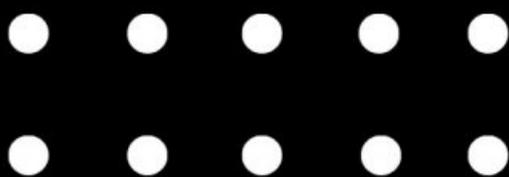
Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

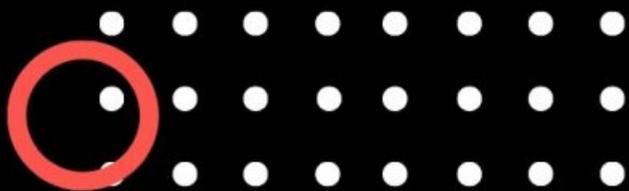
O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

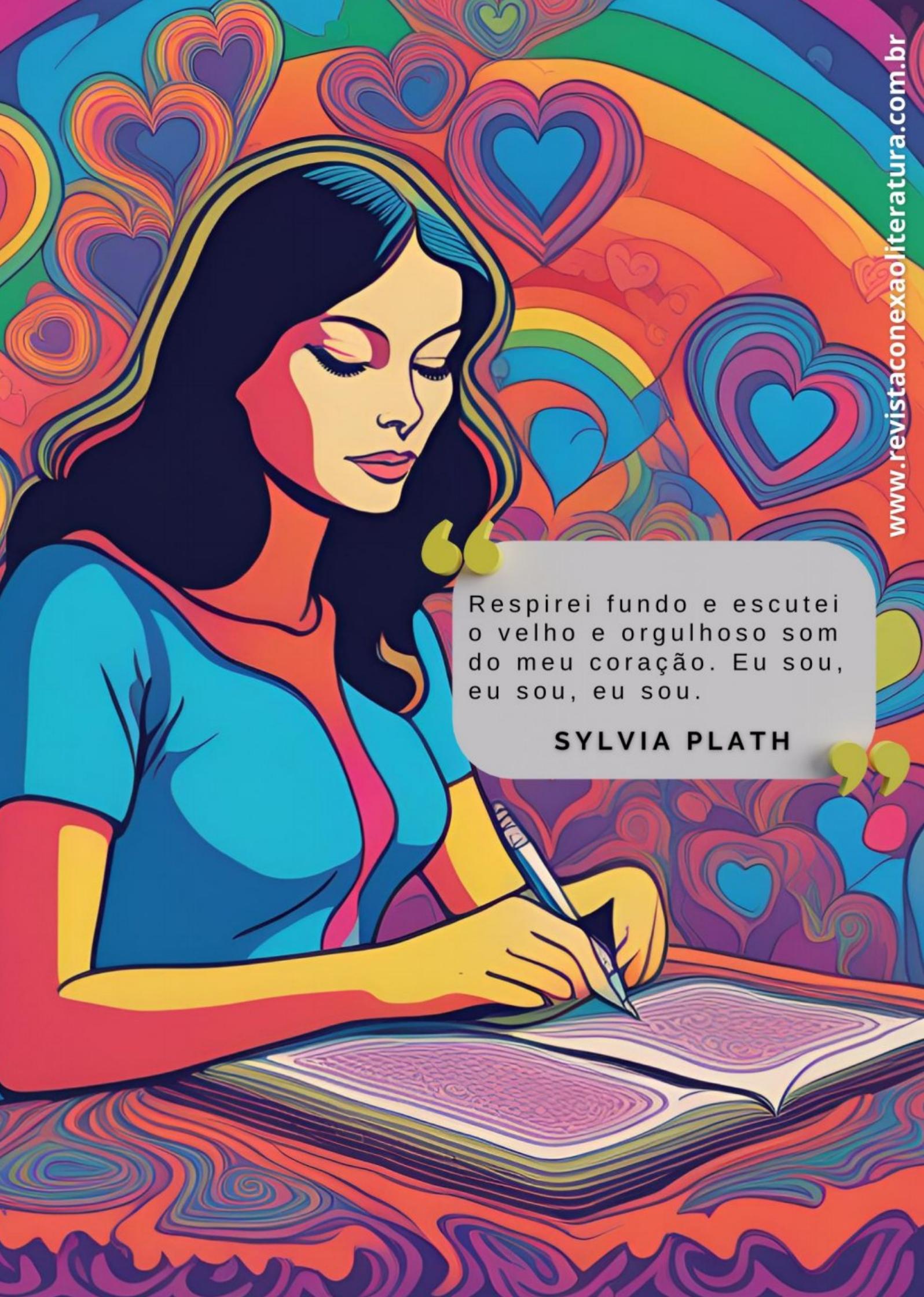
NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org



CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





Respirei fundo e escutei
o velho e orgulhoso som
do meu coração. Eu sou,
eu sou, eu sou.

SYLVIA PLATH

“
A preparação é a chave
para o sucesso e a vitória.
Quanto mais você suar em
tempos de paz, menos
sangrará na guerra.
”

GEORGE S. PATTON



Tire o seu conto ou poema da
gaveta

ANTOLOGIAS

Selo Conexão Literatura

Participe das antologias da
Revista Conexão Literatura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Leia os editais
CLIQUE AQUI



POR LUIZ F. HAIML

A SEGUNDA ALIANÇA

*A*lgo toca minha perna. Viro-me rápido e assustado e com a ponta do guarda-chuva afastado para longe o que quer que seja. O que primeiro pareceu-me uma boneca – engano desfeito pela tão esperada luz do amanhecer – meu empurrão conduziu ao umbral da porta. Como aquilo surgiu tão rápido? Há pouco nada havia, eu perscrutara tudo com cuidado. Sinto nojo ao ver o que na verdade é, mas a contrição vem logo, peço perdão a Deus.

Eu descera do armário, no alto do qual, mergulhado nas trevas, cruzei a madrugada; a lâmparina estava comigo, mas os fósforos ficavam nas gavetas invadidas.

Dentro da massa marrom e líquida, que já alcança as alturas da cabeceira da cama, abro a janela do quarto.

Padre Eduardo deitara tarde na noite anterior. O calor, os silogismos a serem usados no sermão de domingo e as impressões ficadas do último enterro eram a causa. Deitara-se, o sono, no entanto, custara. Havia também a ausência de Maria Catharina, já há dois dias em Igrejinha, cidadezinha próxima.

Contrapondo-se à timidez e quietude do novo padre, Maria Catharina mostrava-se divertida, de muita fala. Na presença da encorpada alemoa de meia-idade, rosto redondo e bonito, Eduardo sentia uma despreziosa e sincera alegria. No leito, às vezes, ele pensava em Maria. Era tomado então por um tranquilo sossego interior, e nessa gostosa indolência aninhava-se e sem muita demora adormecia.

A velha Elisabetha Klain, por anos a única a cuidar da casa dos padres, de súbito atacada por fortes dores na coluna, tivera que abandonar tal função. Daí convidaram Maria Catharina para substituí-la; sabia-se das dificuldades advindas do inesperado acidente que lhe tirara Oscar. Aliás, não tão imprevisto assim, pois inquietos presságios faziam-na pedir ao marido que desistisse de adquirir a motocicleta. No entanto, depois da compra da Yamaha DS-7, Oscar mudara para melhor; a máquina lhe realizara um sonho, e, percebia Maria, trouxera-lhe um motivo para mantê-lo feliz. Felicidade essa encerrada por um pneu que explodira numa descida de estrada. Eduardo, que em Moreira assumia sua primeira comunidade, era o segundo religioso para quem Maria trabalhava.

Trovões, mas ainda distantes. Padre Eduardo reza para que a chuva venha, imaginando que as pessoas do pequeno povoado estejam a fazer o mesmo. Os dias estão sendo de um mormaço incomum, de “assar a pele”, expressão muito ouvida ultimamente. É um final de verão como não houvera antes – isso atestam apreensivos anciões cujas vidas enraízam-se quase centenárias pelo solo daquela localidade. Um calor inclemente sob o qual não sofre apenas o Sul, onde fica Moreira, mas o país inteiro.

Moreira é um distrito pertencente a duas cidades: Gramado e Três Coroas. É um local interiorano de uma natureza exuberante, que aumenta devagarinho sua população de moradores, a maioria colonos dedicados á horticultura, criação de animais, venda de leite. Os turistas, ansiosos por badalações várias e nababescas hospedarias, não se aventuram pelo pó e cascalho de suas estradinhas, nem descobrem deslumbrados a beleza do lugar – pitorescas casas antigas habitadas por gerações de uma mesma família, vales verdejantes, frondosos túneis de árvores – a passar reto por ele rumo a Gramado. Tendo sua nascente em Serra Grande e seu término em Sander, um arroio homônimo, estreito, mas de longa

extensão, é a veia principal a irrigar Moreira; se não fosse por alguns poucos pequenos regatos, ele percorreria praticamente só a sinuosa superfície do lugar.

De longe, um uivo, não de animal, e os galhos e as folhas estremecem, a casa estala em vários pontos. Esperançoso com a possível mudança de clima que se anuncia, e pensando em Maria Catharina, as pálpebras do jovem pároco finalmente pesam e o afundam para dentro de um sono calmo e profundo, nem chega a ouvir o raio que faz sacudir tudo, e após, a tempestade rompendo os ares, desabando todo o seu peso sobre as coisas. E Eduardo sonha.

Estava eu na igreja, ao lado da pia batismal, ia realizar um batizado. Ninguém havia ao meu lado. Olhei para a nave, os bancos todos vazios. Apenas eu estava ali e segurava a criança a ser sagrada, que não se mexia, não emitia nenhum som. “Provavelmente dorme” pensei. Seu rosto era indistinto – ofuscado numa luz densa e leitosa – mas prossegui com o rito, e, prestes a completar o batizado ao aspergir a água benta em sua testa, um som veio de dentro da manta azul que a envolvia. Muito me assustou, pois não soou humano, mas algo como um guinchar, nesse exato momento as feições do pequeno surgiram nítidas, o reflexo que as tornava difusas desapareceu, com um grito de surpresa e horror descobri quem eu tinha em meus braços: era Alfredo, o bebê dos Lauffer. Na tarde anterior, eu realizara seu rito fúnebre. Então a água benta da pia batismal começou a aumentar e a aumentar sem controle, e logo estava a escorrer para o chão e a se espalhar pelo templo, me trazendo à lembrança o episódio do Mickey em “Fantasia” – última sessão de cinema que vimos juntos, meu irmão e eu. Da pia batismal, a água benta continua incessante a jorrar; tendo a certeza de que tudo ia ser inundado, corro em direção à porta principal, que está fechada, levando comigo o pequeno embrulho.

Se em paz Eduardo finalmente adormecera, tal pesadelo o tira rápido de tão tranquilo sono e o traz de volta a uma realidade que poderia bem ser ainda a continuação de seu pesadelo.

O ar paira aquoso e frio, um cheiro de barro e umidade. Lá fora a chuva desce volumosa, o efeito do temporal na casa é como o de um forte vento brincando com um frágil barquinho de papel, e o som que serve de fundo é a ampliação em mil vezes do ruído que se ouve no interior das conchas. Mas não é só.

Rodopia em torvelinho o espírito do jovem sacerdote, percebe-se cercado por águas, e uma intensa aflição dele se apodera. Não é, no entanto, uma ansiedade desconhecida, causada pelo que está a acontecer; descobrira-a quando menino, o pai o levava ao largo rio que corria perto de onde moravam. Mais tarde, já rapazinho, ampliou tal sentimento ao conhecer o mar. Achou-o algo surreal, atordoante – não demorou a ver que as ondas se elevavam, tornavam-se gigantescas, dentro delas, soldados egípcios, suas bigas e cavalos, sendo tragados em turbilhões. Eduardo sentia um receio esquisito diante das líquidas extensões, e não sabia dizer o porquê disso, mas não o atraía nenhum pouco o aproximar-se delas ou nelas banhar-se. De piscinas também fugia, e constrangidos efeitos lhe provocavam, no seminário, as conversas sobre banhos e pescarias em uma lagoa aos fundos de um dos retiros dos religiosos. “Pode ser sintoma de coisa de outras vidas, algum trauma ocorrido em uma existência passada” dizia-lhe padre Alberto – a quem não bastava o Catolicismo – acrescentando “Quem sabe tentamos uma regressão?”.

Quando seus olhos começam a distinguir melhor as formas, Eduardo vence o torpor que o imobilizara por um tempo que ele não sabe ao certo a duração, e no qual, mesmo sem ter o objeto ali consigo, refizera as preces do rosário até perder a conta. Essa fé desesperada o faz ficar de joelhos sobre a cama e apalpar a altura da água ao redor – o colchão começa a ficar molhado – tirar então a calça de pijama, prendê-la ao pescoço e, surpreso consigo mesmo por perceber-se livre de qualquer temor, lançar-se à substância fria e suja. Alcança logo o armário, uma peça antiga de três portas, maciça, belamente laqueada em azul-claro, impossível de virar. Salva uns cobertores, roupas dos cabides, camisetas, cuecas e lençóis, jogando tudo para o alto do móvel onde já mantinha a lamparina, um guarda-chuva, a pequena máquina de escrever. Agarra-se à beira do mobiliário, toma impulso e no topo dele monta refúgio.

Vejo, um pouco aliviado, as nuvens a se afastarem expondo um céu de peito largo e azul forte. A manhã chega, mas não anunciada pelo galo dos Kroeff, os latidos dos cães dos Bender, os mugidos das vacas dos Roth. E a paisagem mudou: cercas, porteiras, estradas, caminhos são uma única e impassível superfície, tudo é um caudaloso deserto. Não há mais margens, ao se ampliarem, consumiram-se, apagaram-se. Por um maligno milagre, o Moreira se transformara, se multiplicara.

Por sorte, a igreja de meus primeiros ofícios, graças à elevação em que se ergue, permanece a salvo, imaculada em sua recente pintura cor de creme. Pequenos arco-íris se formam quando os raios do sol encontram as gotículas da chuva nos vitrais. Se saísse, a alcançaria? Nosso Senhor Jesus Cristo caminhara pelas águas.

Eis que pressinto outro ser vivo (minha outra companhia, aquela sob o umbral, há muito não respira) a partilhar comigo o imprevisível cenário: uma ratazana. Olhos esbugalhados agita-se o bicho num nadar histórico. Busca um ponto de salvação e para isso tenta chegar à cômoda, ainda seca em sua superfície. Com o guarda-chuva facilito-lhe o objetivo. Olho para o limiar que leva à sala, o pequenino embrulho continua ali; o fino pano branco a envolver seu conteúdo não se soltou, a água o moldou mais a ele, definindo melhor seus contornos. Coração apertado, pernas enregeladas, vou me aproximando, esquadrinhando com a ponta do guarda-chuva o que há abaixo e sobre o aquoso terreno. Quero chegar à cozinha, pegar alguns alimentos, para isso preciso passar pela sala. Jogo o cobertor sobre o corpinho que não se moveu – não se aproximou ou se afastou, permanece ancorado sob a ombreira – e num passo grande e cuidadoso lanço-me à peça seguinte. Minha companheira de infortúnio, até então em resignado silêncio, começa a guinchar.

Na sala, monástico aposento, apenas um pequeno sofá vermelho (as turvas águas já repousadas sobre ele) e a mesa que me serve às refeições. Em seu tempo, ainda intocado, a louça da noite anterior que eu mesmo lavara, minha Bíblia e o caderno onde elaboro o rascunho de minhas prédicas, que quando terminadas, datilografo.

Junto à mesa, a pouca herança deixada pelo primeiro religioso a habitar a casa: uma cadeira nonagenária. Jamais tocada por cupim, mantém-se firme, indiferente ao que devagar engole o aposento, a casa, o mundo em torno dela. De repente dou um riso nervoso: parece que vejo, por rápido instante, nela sentado, o gordo cônego Eusébio.

Cheguei à cozinha. A porta dos fundos aberta pela força da inundação, Por ela deve ter entrado quem agora melhor repousa sob o cobertor que lhe pus. A água espelha uma forma retangular, e nela uma esplendência cuja origem não vem só da comum natureza, mas em sua tessitura percebo a mesma

cintilação que exala do véu da Virgem, uma harmonia perfeita, única, entre o etéreo e o concreto. Adentro o fulguroso retângulo e vejo, próximo à casa, o fusca azul usado para o ministério.

O que dele resta visível está dos para-lamas para cima. Penso no Nautilus, parte da bélica carcaça submersa, à espera, à espreita; o extraordinário Nautilus em que embarquei tantas e tantas vezes ao descobrir “20.000 léguas submarinas” na bibliotecazinha de minha primeira escola. Sinto o fluídico lençol ondear em torno de mim, subiu um pouco além da minha cintura. E não sou um sujeito baixo.

Volto meus olhos de novo para fora, e, por trás e além do que emerge do fusca, estende-se o alto morro em cujo pé nasceu e cresceu o cemitério de Moreira. A escura elevação rochosa encobre a si e aos seus de uma pesada sombra. Será de culpa, vergonha? Afinal, se há anos os enterrados tiveram ali colo protegido, não se vê mais o suave aclive em que o terreno do cemitério eleva-se até emendar-se a ela. Por ter represado as águas transbordadas, mudou-se em enorme lápide, triste memorial aos moradores daquele recanto. Quanto a esses, vejo-os agora, estão entre pontas de cercas, de pedras tumulares, de estátuas de Cristo, santos e anjos. Como despojos de um naufrágio presos a uma enseada, adejam num vapor barrento, despidos ou não de suas carnes.

Solto um risada longa e alta, o discernimento me é concedido, e a razão do que ocorre a mim é revelada: Abençoados estão a ser os mortos em Renovado Batismo, as Primeiras Coisas passaram, Deus sela com eles uma Segunda Aliança.

A enchente de 1971 foi uma das piores na região. As águas que cobriram Moreira demoraram dois dias para baixar, antes disso elevaram-se rápido e a ponto de muitos se obrigarem a buscar refúgio nos telhados de suas casas, ou de onde se encontravam no momento da enxurrada. Embora quinze corpos tenham sido recolhidos – alguns deles apenas muitos dias após a tragédia – fechou-se o número de vítimas em dezesseis, acrescentando-se entre elas o jovem e estimado padre Eduardo, de quem até hoje não descobrimos o destino.

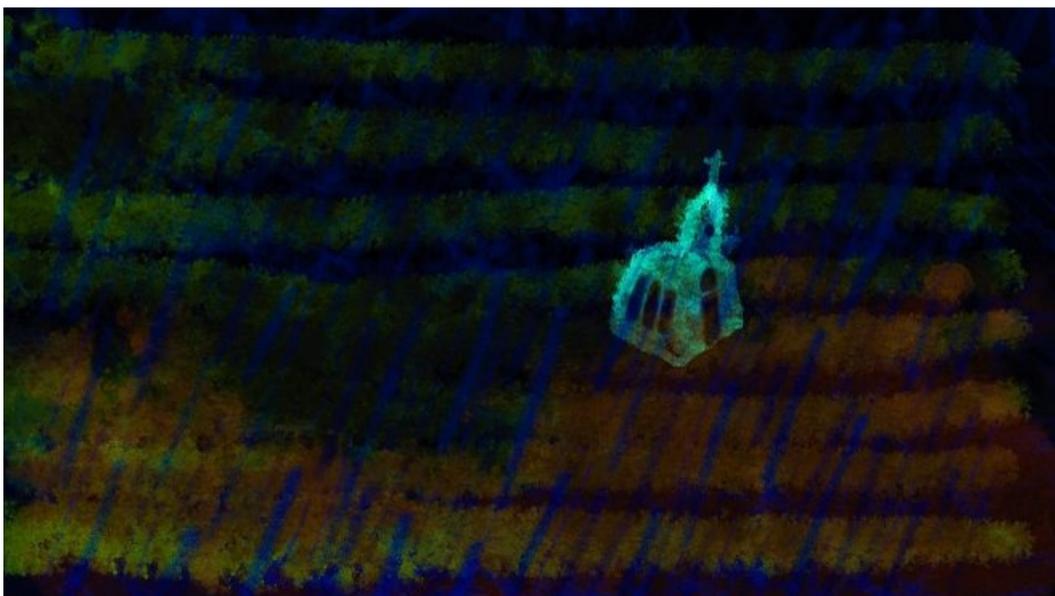


Ilustração por Edgar Loeser



Luiz F. Haiml 59, sagitariano. Natural de Porto Alegre (RS) Professor municipal, escreve ficção, poesia, letra de música, alcançou os primeiros lugares em alguns concursos literários e desde 2014 participa de antologias diversas. Já colaborou como colunista e comentarista em vários órgãos de imprensa da sua cidade (Taquara) e de outras (Tramandaí, Três Coroas). Cinéfilo, louco por séries, videomaker, roteirizou Ereshkigal, primeiro curta feito em sua cidade, no qual também atua. Tem várias produções audiovisuais, de gêneros diversos, no YouTube,

como LFHAIML. Mora em Taquara (RS) com a esposa Daniela, a filha Isabella, e duas muito amadas cadelinhas adotadas, Dog e Flor.

Seu lema é o dos Beatles “All is need is love”.

EDGAR LOESER, 30, Libriano. Natural de Igrejinha, RS, mora em Taquara (RS) desde pequenino. Músico, artista visual, outsider.

Este ano foi selecionado para a 27ª Mostra de Cinema Tiradentes, Belo Horizonte (MG), com o curta “Casulo”, com as funções de diretor, roteirista, ator e criador da trilha sonora.

Tem trabalhos de ilustração na Revista Conexão Literatura para os contos: O Morto entre as Pombas, edição fevereiro, 2024, O Pó dos Mortos, edição de maio, 2024, O Primeiro Caso, edição de junho, 2024, e agora A Segunda Aliança, edição de julho, 2024.

Musicalmente, Daniel Johnston, Syd Barret, Brian Wilson, David Bowie, Wesley Willis, são algumas das fontes que inspiram Edgar, que se inclui entre os naifs (músicos autodidatas), e da outsider art, outsider music, termos popularizados em 1990 pelo jornalista e DJ Irwin Chusid. Seu método de produzir se dá com um envolver-se pleno em seus projetos, faz a letra, vocal, melodia e instrumental, mas também a arte dos álbuns, ou clips para os mesmos, usando fotografia, desenho ou outra técnica que lhe chame a atenção. Sua curiosa, vasta e interessante produção pode ser achada no Instagram, no Facebook, YouTube, Spotify, Apple music, Deezer, Soundcloud, Tidal, Pandora.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

PETS - CONTOS E POEMAS

SOBRE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

VOL. II

Ademir Pascale - Organizador

PETS

E-BOOK

CONTOS E POEMAS

SOBRE ANIMAIS
DE ESTIMAÇÃO

VOL. II



saiba mais: clique aqui



BÁRBARA LA BLANCHISSEUSE

POR MÍRIAM SANTIAGO

Referenciando a protagonista de uma das importantes obras de Pierre Bonnard (1867-1947, pintor, ilustrador e gravurista francês do pós-impressionismo) ao eternizar ao mundo a *Femme Etendant du Linge* (*Mulher pendurando a roupa*), em 1892, Bárbara também carregou em sua vida a dura realidade de lavanderia nos anos de 1930.



Nascida em 04 de dezembro de 1918, Dia de Santa Bárbara que lhe rendeu o nome de batismo, a lembrança que tenho desta vizinha que partiu ao Reino da Eternidade há cerca de 20 anos, me fez recordar muitas de suas histórias ao longo da trajetória neste planeta.

Dona Bárbara ou Jandira como era conhecida pelos demais moradores de um pacato edifício na Rua Floriano Peixoto, no bairro Gonzaga, em Santos, que desde menina com seu gênio arredio e impulsivo ficara marcada como Bárbara/barbaridade o que a deixou odiosa de seu nome, adotando Jandira para a vida inteira.

Chovia muito no dia de seu nascimento com raios e trovoadas, por isso, Bárbara o nome da Santa contra tempestades, raios e trovões, assim contava a ilustre vizinha, que sempre me chamava para tomar chá da tarde em seu apartamento ao lado do meu, tendo o enorme prazer em contar sua vida, seu passado. Essas lembranças tão bem relatadas por ela é o que descreverei nas próximas linhas a você, querido leitor.

Desde muito cedo aprendi o sofrimento e a ausência de quase tudo em casa, já que meus pais imigrantes da Europa vindos de Portugal e Itália encontraram no Brasil uma alternativa para driblar a fome e a miséria.

Desembarcando no Porto de Santos em meados de 1910, se instalaram no Centro de Santos/SP, em um dos cortiços, local que abrigava várias famílias em situações precárias.

O Gabriel meu pai fora um homem inventivo e naquela época montou uma espécie de chuveiro para facilitar e agilizar o banho, já que o único banheiro era disputado por dez famílias. Sempre tinha gente batendo à porta para pedir emprestado o chuveiro.

Eu era a mais robusta de meus quatro irmãos, o que me custou a sair do ensino primário, terminara a terceira série quando minha mãe não me deixou prosseguir na escola, me empregando como copeira e arrumadeira na casa dos Faro, uma rica e tradicional família santista, aos 12 anos de idade para ajudar com as despesas da casa. Na época, em 1930, a patroa, que perdera uma das filhas por doença, desgostosa saía sem chapéu, e falavam para colocar por conta de bombas da Revolução; imaginem só, um chapéu protegendo a cabeça de bombas!

Assim acompanhava a patroa ajudando a trazer as compras ou só por companhia, para que não saísse sozinha. Não fiquei muito tempo no emprego, uma bofetada em um dos filhos porque levantou meu vestido foi o motivo de ir embora, não pela família, que repreendeu severamente o rapaz, mas por minha mãe, que não gostou da atitude do jovem.

Em casa presenciei o que a ignorância na época custava às pessoas, tirando a vida de minha irmã mais nova Carmem. Uma menina saudável que de repente começou a sentir dor na virilha. Tentaram de tudo e nada fazia passar o sofrimento. Abatida e sem fome Carmem foi definhando. Meu pai não tinha condições para um médico, e a medicina foi introduzida por sugestões dos vizinhos. E na última tentativa, colocaram bolsa de água quente em cima da virilha, supurando o apêndice (era isso o que ela tinha), que tirou a vida de Carmem.

Minha irmã foi enterrada abraçada em uma bolsa de couro, presente de uma das tias para que pudesse levar o material do colégio, e ela nem conseguiu ir ao grupo escolar que tinha paixão. Esse foi um dos meus momentos mais difíceis e tristes de toda a minha vida, dizia sempre para mim a dona Jandira.

Passando o episódio que abalou a família, à normalidade Bárbara foi levada novamente à uma casa para dar pequeno suporte a faxina e cuidados com o cachorro, que contava com moradia no local de trabalho.

— Mandou me chamar, senhora Conceição, minha filha aprontou alguma coisa?
— Pergunta a mãe de Jandira à patroa.

— Não, ela nada fez. Na verdade, contratei sua filha para cuidar exclusivamente do cachorro, já que a ajuda na faxina é mais para recolhimento de lixo, pois ela não tem idade para limpar uma casa.

— Então para que estou aqui? — Retruca a mãe.

— Toda vez que o cachorro toma banho ele se seca sozinho, se sacudindo e espalhando água para todo lado, depois não vejo ser escovado. Ao questioná-la, sua filha disse que pegou a toalha e o pente do cachorro para poder utilizar, já que não tinha.

Como a senhora traz sua filha sem o mínimo de cuidados possíveis? Que tipo de gente são vocês? Está aqui o pagamento dela, peço que se retirem, ela está despedida.

Esse episódio acho que foi o mais doloroso para dona Jandira, já que contou algumas vezes e com lágrimas aos olhos, ela nunca se esqueceu da humilhação.

Também trabalhou em outros locais, mas foi quando estive na casa de uma família que a colocou para lavar roupa na tina por várias horas abusando de sua ingenuidade com várias trouxas que a patroa atirava do andar de cima do sobrado, é que tiveram a ideia de montar uma lavanderia, a qual manteve em boas condições financeiras a família de Jandira por muito tempo.

Pelo menos uma história de vida que teve tanta exploração infantil acabou com uma situação em que Jandira conseguiu retornar os estudos, ela sempre mencionava a escritora Carolina Maria de Jesus como uma superação da ignorância em meio à fome e a miséria. Não que se tornasse escritora, mas viu em Carolina uma luz para a continuação de seus estudos.

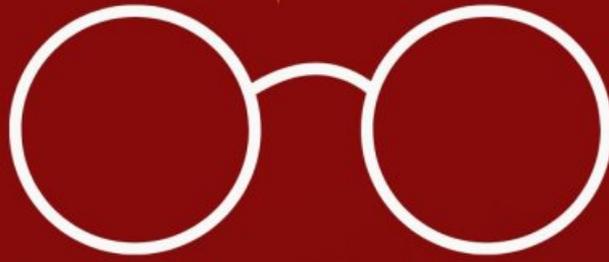
Ah, o quadro de Pierre Bonnard com sua grandeza e destreza de pinceis conseguiu comprar uma imagem pela internet por meio de lance em leilão, coisas que a tecnologia consegue fazer, e assim, ao pendurar na parede a esplêndida obra, me lembrarei mais vezes da falecida vizinha, mulher que mesmo com pouca cultura me trouxe grandeza histórica do cotidiano santista!

Pierre Bonnard: *pintor, ilustrador e gravurista francês, conhecido especialmente pelas qualidades decorativas estilizadas de suas pinturas e seu uso ousado da cor. Membro fundador do grupo pós-impressionista de pintores de vanguarda Les Nabis, seu trabalho inicial foi fortemente influenciado pelo trabalho de Paul Gauguin, bem como pelas gravuras de Hokusai e outros artistas japoneses. Bonnard foi uma figura importante na transição do impressionismo para o modernismo. Pintou paisagens, cenas urbanas, retratos e cenas domésticas íntimas, onde os fundos, as cores e o estilo de pintura geralmente tinham precedência sobre o assunto.*

Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o start para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras.

Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Contato: mirianssantos@gmail.com



**É LENDO QUE VIAJAMOS
O MUNDO E CONHECEMOS
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR IDICAMPOS

VULCÃO

Depois de passada a pandemia que assolou o mundo, no início da década de vinte, do século corrente. O ano de 2022 começou vazio... Sobraram poucas pessoas, sumiu quem não acreditava em ciência. Os desavisados escafederam, acabara a exploração do homem pelo próprio homem, a maioria da população procurava um novo ritmo, um bom motivo pra viver...

As relações humanas evoluíram para a fraternidade, havia comida em abundância, o ar soprava puro. O Sol nascia acolhendo e aquecendo toda forma de vida. Em fim a felicidade estacionava a esperança no planeta Terra.

Então, dando sequência a essa resenha futurista, naquela manhã de sexta-feira ensolarada, em Nova Iguaçu, precisamente na Serra do Vulcão. Um feixe de luz terminou a viagem no centro da cratera do vulcão.

A turma de boa só pensava em paz e amor; ninguém contava com tamanha surpresa, a curiosidade tomou conta do entorno. Os habitantes da cidade correram em direção ao clarão.

Avistaram na cabeça da montanha uma enorme espaçonave, lotada de seres enigmáticos. Os alienígenas comemoravam o sucesso do pouso do disco voador com cerveja gelada, churrasco, rock, samba, mais forró.

Inacreditável! A performance dos astronautas, até o Saci estava lá. O lobisOMEM exibia o pelo cheiroso; todavia a única sem capacete de proteção era a Mula Sem Cabeça.

Contato feito, amizade corroborada, juntaram-se os presentes numa festa de comemoração à evolução da natureza divina da vida.

O comandante da expedição, o desenhista Daniel Azulay, mobilizou o grupo em torno da proposta de uma excursão em volta ao mundo. Júlio Verne ficou responsável pela manutenção, revisão e ajustes da nave para a façanha.

O Saci Pererê estipulou 90 dias para a realização do passeio. Durante o percurso descobriram um colorido racial, uma só raça, a raça humana. Perceberam apenas uma classe, a classe dos sobreviventes.

No retorno — outra festa — cerveja a balde, ovo cor-de-rosa, salgadinho de farinha de trigo, chouriço, jiló frito, caldinho de feijão, costela no bafo, torresmo, batatinha, etc.

Acordei de ressaca, suado, a cama revirada, a visão turva; tendo lá no fundo o vulto da minha companheira, trazendo uma xícara de café amargo: — Acorda cara! Toma este café forte, porque ontem você encheu a cara!

Bebi num gole o café quente, abracei o travesseiro — confabulei com o inconsciente — mergulhei no sonho, mas Daniel tinha evaporado... Não havia nenhum vestígio do disco voador.

Qual seria o limite do sonho?

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



^ TRES MULHERES

POR IRACI J. MARIN

Mesmo bem agasalhadas, as três mulheres sentiam o ar gelado que vinha do mar, se estirando pela praia. Parecia que ele brotava das ondas a cada movimento de elevação que elas faziam para depois desaparecerem numa queda brusca, perdendo-se em espumas na areia. O dia não estava propício para caminhar por ali. O céu estava encoberto por uma névoa espessa desde o início da tarde. O vento era frio e constante. Conversavam enquanto caminhavam. Vários assuntos se cruzavam e lá vinha a reclamação:

— Se eu soubesse que ia ficar assim, não teria vindo.

— Está muito ruim mesmo. Hoje de manhã tinha sol. Logo pensei no nosso passeio.

— Que droga, fazia tempo que eu não vinha pra praia. Quando decido vir, encontro isto...

— Tu é pé frio!

Riram. O riso esquentou o seu ânimo e se mantiveram na caminhada. Volta e meia paravam, olhavam o mar — e o mar as atraía —, respiravam o ar fresco — isto era prazeroso — e os olhos se enchiam de uma certa alegria. Cada uma sentia a seu modo aquele momento. Cada uma com sua emoção. Mas todas tinham o mesmo sentimento de liberdade, sem os maridos, sem os filhos, sem relógio.

Distraídas, saboreando o momento de liberdade que se deram, se distanciaram da casa alugada. E anoiteceu. Quando uma se deu conta do fato — Meninas, está anoitecendo! —, pararam ao mesmo tempo e não sabiam onde estavam. Olharam ao redor, apreensivas, preocupadas.

— Onde estamos?

Caminharam na direção de luzes que viram, de alguma habitação isolada no espaço, distante da praia. Caminharam próximas uma da outra. Era forma de se sentirem mutuamente protegidas, embora sabendo-se fragilizadas e vulneráveis naquela hora. O coração batia forte, as pernas tremiam a cada passo, os olhos permaneciam fixos no horizonte iluminado. Podiam encontrar socorro ou perigo maior. A uns passos do local, estancaram. Deram-se as mãos. Só havia vozes masculinas brotando daquele antro, risadas e palavrões.

— Vamos pedir socorro?

— Não sei... o ambiente não me agrada.

— Estou com muito medo.

— Vamos voltar?

Nisto, alguém apareceu na porta, viu as três mulheres e foi com o grito dele que se fez silêncio no recinto.

— Pessoal, tem mulher ali fora!

Portas e janelas se encheram de cabeças curiosas e concupiscíveis. Logo uma gritaria desvairada ecoou pela noite e chegou até o mar, que devolveu o barulho em forma de som noturno. As mulheres ficaram paralisadas. Não conseguiam se mexer, as mãos de cada uma doía do aperto da mão da outra, tremiam, e uma começou a soluçar. Um homem gritou:

— Olhem, tem uma chorando como criança.

Houve risos.

— Silêncio.

Houve silêncio.

— O que vocês querem eu não sei. Mas eu sei o que quero – disse um. Cambaleando, começou a ir na direção delas. Logo os outros foram também.

Apavoradas, soltaram-se as mãos e começaram a correr na direção do mar. Chegaram perto da água, onde as ondas viravam espuma.

— Parem ou entramos na água.

— Vocês podem se afogar.

— Eu prefiro morrer afogada a cair nas mãos sujas de vocês.

Os homens pararam. As três mulheres permaneceram ali. A decisão que tinham em mente era mais forte que o medo. Os homens se olharam, alguém falou alguma bobagem e eles riram. Depois, viraram as costas para elas e retornaram para o salão.

Era escuro, elas estavam temerosas, nervosas, um pouco descontroladas. Tiveram alguma dificuldade para encontrar o caminho de volta.

Já era madrugada quando chegaram à casa alugada.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

UNIVERSO DA POESIA

VOL. V

ANTOLOGIA POÉTICA

UNIVERSO DA POESIA

VOL. V

E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui



SANGUE SOBRE O POR-DO-SOL

POR NEY ALENCAR

“Não é a lâmina
Que rouba a vida,
É a vontade
De seu senhor!”

— Morte no Festival das Lanternas Flutuantes,
13ª Estrofe

Ele sentiu o gosto ferruginoso do sangue na lâmina!
A base enferrujada de encontro à guarda de madreperla da lâmina
recendia à morte!

Do lado de fora o barulho das rodas de madeira de uma carroça que passava devagar e o estalar dos cascos do cavalo pelas pedras da rua.

O cheiro do saquê vinha em miasmas ardentes de uma das mesas próximas, a tigela à sua frente estava fria.

Seus olhos fechados por debaixo da venda de seda vermelha podiam ver tudo ao seu redor com nitidez vívida, a visão era supérflua!

Ouviu o bater do coração do outro que acabara de entrar, que mudou e passou a uma cavalgada descompassada quando voltou-se para seu vulto quase oculto pela escuridão do canto.

O outro se aproximou e parou à frente dele.

O espadachim sequer se moveu.

Havia apenas inevitabilidade em seus olhos vendados.

O outro respirou fundo, o pulmão se encheu e se esvaziou três vezes, foi o tempo que levou para mover o braço direito e descer a mão para o cabo da sua lâmina.

O espadachim ouviu o troar raspante do aço saindo da bainha como uma serpente que sibila ao pular para o bote.

Quando a lâmina saltou para fora cortando o ar com um tinido semelhante ao piar de um rouxinol, a lâmina do espadachim já havia encontrado seu alvo!

Suas sandálias de madeira mal se moveram.

A lâmina voltou para sua morada tão rapidamente que nenhum dos olhos que viram puderam perceber o que acontecera!

O espadachim terminou seu saquê com um leve ranger de dentes.

No caminho para a porta as três silhuetas que tentaram interceptar seus passos fracassaram.

Ele sentiu novamente o gosto ferruginoso sobre o aço ainda quente das entranhas.

Porém nenhum dos que viram compreenderam porque os outros caíram sem que ele se movesse.

Apenas o tinido das lâminas sobre o piso de madeira encerada mostrou o que ocorrera.

Em nenhum momento o espadachim descobriu os olhos!

Não ver a morte era seu compromisso e seu estigma!

O vento da tarde assobiou como um falcão enquanto o barulho das sandálias batia de encontro à terra com um toque seco e amedrontador.

Cinco vultos pararam ao redor do espadachim.

Nenhum deles falou, não havia o que dizer.

Ele sabia e eles sabiam!

Cem talhos marcavam sua pele, cem vezes cem mortes.

Sorriu!

Estava quase terminado agora!

O primeiro deu um passo fazendo rolar as pedras da estrada escandalosamente, esse foi seu erro, não pode remediá-lo nem fazer saltar completamente a lâmina da bainha.

A rapidez do espadachim o fez cair de rosto no pó.

Não se levantou.

O segundo tentou ser mais cauteloso, sua respiração entrecortada era como o resfolegar de um búfalo, sua ruína, não conseguiu.

Caiu sobre as costas partidas, a lâmina lascada foi jogada de lado, inútil.

O terceiro correu, gritou e fez barulho pelos outros dois, não foi o suficiente.

O quarto caiu para o lado e o cheiro forte e ferruginoso encheu o ar da rua quando os respingos vermelhos mancharam o pó da terra com gotas grossa.

O quinto parou e olhou, percebeu o que era aquele espadachim!

Curvou-se em uma reverência que foi refletida pelo espadachim como um cumprimento.

Giraram em torno um do outro na rinha.

O espadachim ouviu o coração do adversário, o medo transitava dentro daquela carne que tremia, seus passos refletiam a poesia da dança das lâminas quase como dois pássaros cantando um dueto mortal.

As lâminas dançaram em uníssono esculpindo a carne com seus gestos metálicos, tocando-a com a leveza de folhas de papel de arroz, afiadas como línguas viperinas.

O choque do metal contra metal retiniu pelo ar da tarde por sete vezes até que apenas o som entrecortado do metal rasgando a carne pode ser pressentido.

Não houve eco de palavras ou gemidos.

O corpo do quinto homem caiu para a frente, ainda segurando os intestinos que teimavam em fugir por entre seus dedos esgazeados.

O esgar da morte sorrindo em seus lábios brancos!

O espadachim caminhou pela rua vazia, seus passos não tinham som.

Não precisou levantar a venda de seda vermelha, não precisaria mais.

Sabia contar os dez corpos que deixara para trás!

Sentiu pena apenas do último, seu próprio, que, assim abandonado não teria ninguém para chorar por ele na longa estrada para o Além!

Os pessegueiros e as ameixeiras em flor balançaram suavemente lançando sua fragrância suave ao vento que descia a rua correndo!

O sol se pôs!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, androides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

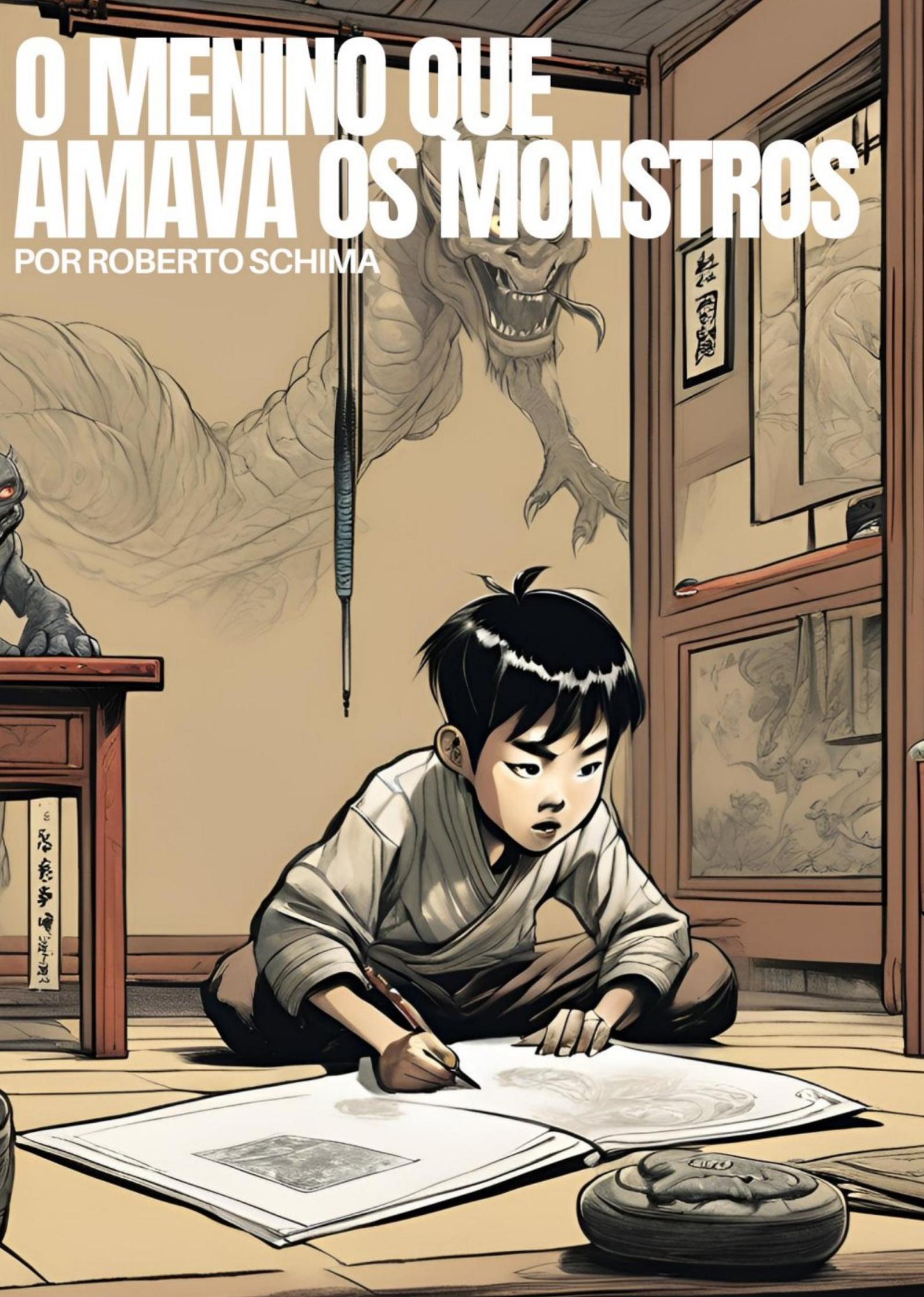
LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/CDTR5)



O MENINO QUE AMAVA OS MONSTROS

POR ROBERTO SCHIMA



Japão.

Ashiken.

Kagoshima.

Amami Ōshima.

A Segunda Guerra Mundial terminara fazia alguns anos. Derrotado, o Japão estava mergulhado na miséria e caos social. Crenças e valores foram afetados. A elite militarista conduziu a nação à ruína. Para sobreviver, alguns descambaram para a criminalidade. Mesmo em ilhas afastadas, a maioria da população não se encontrava livre de bandoleiros, principalmente aqueles que vinham de fora.

Amami Ōshima, a maior ilha do arquipélago Amami, situada entre a ponta sul da ilha de Kyushu e a ilha de Okinawa, embora geograficamente isolada das principais ilhas do arquipélago japonês, não fugia à triste regra para desalento do povo que vivia da pesca e do cultivo de cana-de-açúcar, batata doce e arroz.

Era meados de junho, final da primavera.

Uma chuva persistente caía do lado de fora.

A brisa vinha ligeira do Mar da China Oriental.

O menino gostava de observar a chuva sem saber o porquê. Apreciava ouvir o tamborilar no telhado e o modo como agitava as poças d'água. Tinha somente oito anos e Gonjiro Shimada era o seu nome.

Ele adoraria ser o primeiro a dizer que era uma criança igual às outras, só que não era. Coisas da genética, da própria personalidade, do convívio, traumas da guerra... Quem poderia dizer com certeza? Fato era que Gonjiro vivia no casulo de seu próprio mundo: grande, misterioso e, não raro, assustador. Mantinha viva na memória o dia em que, ao despertar, vira-se sozinho no quarto. Estava tudo escuro por causa da janela e porta fechada. Titubeante, tateara a esmo atrás do interruptor da luz, batendo contra a mobília até encontrar. Era um fim de semana e, portanto, *tinha* que ter alguém em casa! Vasculhara a cozinha e outras dependências. Olhara o quintal através da tela. Ninguém. Não possuía idade o suficiente para compreender que a mãe havia saído cedo para tentar adquirir as mercadorias que necessitavam. Tudo o que sabia era que estava trancado entre paredes imensas e silenciosas de madeira como se não existisse mais ninguém no mundo. Chorara como nunca chorara, pedindo por um socorro que jamais chegara. Quando Miyazuru Shimada, a mãe, retornara, encontrara-o num canto perto do santuário da família, lágrimas ressequidas, abraçado aos joelhos, quieto, olhos arregalados a temer os monstros que habitavam o interior dos armários, no poço, sob os *tatamis* ou em meio às sombras da floresta. A mãe não pudera protegê-lo. O pai fora morto no conflito em Okinawa. Estava só.

Gonjiro não sabia dizer por que não era feliz ou por que não conseguia relacionar-se com as outras crianças, afinal, estas também passaram por dificuldades semelhantes. Apenas acontecia. E, quanto mais dele debochavam, mais introspectivo se tornava e mais se apegava a um mundo interior o qual, a seu ver, adquiria mais consistência do que aquele que o rodeava.

Mergulhava nos desenhos animados, nos *mangás*, nos seriados. Invariavelmente, eles tinham algo em comum: os monstros. Fossem sobrenaturais, radioativos, do espaço

sideral ou até os que já existiram ou existiam como os dinossauros e as criaturas abissais. Nutria sentimentos ambíguos por eles. Apavoravam-no, mas, ao mesmo tempo, sentia admiração.

Em vez de serem assustados, assustavam.

Em vez de serem indefesos, atacavam.

Em vez de temer, eram temidos.

Possuíam todas as formas e tamanhos e não se originavam apenas em território nipônico: robôs, zumbis, múmias, dragões, gárgulas, vampiros, alienígenas, lobisomens, assombrações, seres mitológicos, homem das neves, monstro de Loch Ness.

Desde esqueletos ambulantes a criaturas maiores do que edifícios, Gonjiro, não obstante o medo, os amava, pois, por mais apavorado que ficasse ante aqueles olhos medonhos, uivos arrepiantes e o rastro de destruição que deixavam no papel ou nas telas, nunca, de fato, haviam feito mal a ele.

Um dia, ao retornar da escola após a costumeira sessão de *bullying* por parte dos colegas, estranhou que a casa estivesse toda aberta. Ainda chovia e ele correu para dentro.

Ao pisar na sala, ouviu o ruído de algo pesado caindo.

— Mamãe?

Quando entrou no quarto, deparou-se com uma cena terrível: a mãe caída no piso de tábuas, em meio a uma poça de sangue. Gavetas foram abertas ou arrancadas e os conteúdos esparramados. Todos os seus pesadelos envolvendo monstros nada significaram diante daquilo. Correu para ela, porém, a meio do caminho, foi agarrado por um homem grande e mascarado.

— Chegou cedo demais, fedelho.

Foi a voz mais horrenda que ele ouviu em toda a sua curta vida. Tentou gritar, mas uma mão enorme tapou sua boca. Chorando, clamou e clamou pela ajuda dos monstros. Mas eles não vieram em seu auxílio. Talvez tivessem medo. Medo? Sim, medo. O pavor diante de um monstro pior do que qualquer criatura que Gonjiro tivera conhecimento. Horrendo, desprezível e totalmente humano.

O menino esperneou e estremeceu diante do contato frio e penetrante da lâmina da adaga em sua barriga. Algo quente escorreu por suas pernas. A dor chegou feito ondas cada vez mais furiosas até se tornarem um *tsunami*.

Então, veio a calmaria e seu corpo parou de se debater.

Gonjiro era jovem demais e nunca pensara na morte, exceto diante das cinzas do pai. Tudo o que podia imaginar a respeito disso era que se assemelhava a um sono sem fim, o vazio da saudade que deixava e que a morte, quando chegava, só atingia as pessoas mais velhas, segundo sua mente de criança.

Todavia, o mundo real não era assim.

Gonjiro, o garotinho de oito anos, morreu na mão do assaltante.

A história de mais um crime sem solução poderia ter se encerrado assim...

... Mas não foi.

Gonjiro... Acorde!

Era a voz que vinha de toda parte e de parte nenhuma.

Acorde!

Gonjiro abriu os olhos — assim pensou —, mas não possuía mais olhos.

Quem é? — perguntou, temeroso.

Desculpa por não termos ajudado.

Quem é? — repetiu.

Somos os monstros.

Gonjiro Shimada sentiu o medo percorrer a espinha, embora espinha não tivesse mais.

Estava tudo tão escuro.

Ele morria de medo do escuro.

Mamãe!

Não tenha medo. Nós sabemos. Sentimos muito. Porém, agora ela está a salvo e em paz da crueldade dos homens.

Não tinha lágrimas para enxugar.

Posso vê-la?

A seu tempo, sim. Agora, você tem um dever a cumprir.

Dever?

Apesar do temor, pensou nas lições de escola. Se tivesse um rosto, teria feito uma careta.

Os monstros prosseguiram:

Pode pensar não como um dever de casa, mas um tipo de brincadeira.

O que é?

Ouça...

Era de madrugada.

No vilarejo de Buren, uma tempestade de verão açoitava as cabanas de madeira. O braço de mar encrespara-se, e, nos arredores, a exuberante floresta farfalhava. Grous e salamandras refugiavam-se como podiam. A lavoura agradecia.

Deitado em uma ocidental cama de solteiro, o assassino pestanejou.

"Por que aquele moleque apareceu justo naquela hora?"

Fazia três semanas que o crime ocorrera e, desde então, não conseguira deixar de pensar nisso.

Não bastava a mulher ter reagido de forma totalmente adversa da que ele esperava? Fizera campana perto da casa deles, observara seus hábitos. Pretendera invadir o lugar quando somente ela estivesse, surpreendê-la, roubar aquilo que pudesse, deixá-la amarrada e amordaçada e dar o fora. O garoto voltaria da escola e a soltaria. E pronto! Mas não, ela tinha que ter feito escândalo, reagir, atirar-lhe coisas, berrar feito doida por socorro, morder seu braço. Não teve jeito e acabou golpeando-a com a arma. Podia tê-la esmurrado para somente desacordá-la? Podia, mas naquele momento, quem conseguiria pensar direito com todo aquele alvoroço e a dor? Ademais, sentira muita raiva das coisas que ela xingara. Nem quando se rendera aos americanos fora tão humilhado. Tanto

trabalho para, no final, descobrir que ela tinha pouquíssimas coisas de valor. Depois, aparecera o pivete. Aí, o caldo entornara de vez.

— Não era para ser assim. Não era! Agora já foi...

De repente, o bandido escutou um ruído.

— Que porcaria...?

A princípio inaudível, o som ganhou volume, sobrepondo-se à chuva e soou aos seus ouvidos como um par de mãos a arranhar a madeira. Sabia disso de seu tempo de prisioneiro de guerra, pois tivera um sujeito que ficava ao seu lado, cuja sanidade perdera-se durante os bombardeios, e possuía essa mania de raspar o piso, o que o deixava doído de ódio.

Rasp... Rasp... Rasp... Rasp...

— Quem?

Vasculhou o quarto e toda a cabana, entretanto, não havia ninguém.

De repente, ele notou algo estranho: o ruído aparentava vir de toda parte e não somente do quarto.

Do rádio.

Das paredes.

No travesseiro.

No forro da casa.

Embaixo da cama.

No fundo do armário.

No vaso com o *bonsai*.

Em cima das luminárias.

De dentro das tubulações.

Rasp... Rasp... Rasp... Rasp...

Como podia ser?

Era um barulhinho irritante. De irritante, tornou-se inquietante e, enfim, assustador.

Vinha de dentro dele próprio também!

Unhas e unhas arranhando seu crânio de dentro para fora.

Rasp... Rasp... Rasp... Rasp...

— AAAAAHHHHH! — gritou o assassino, pressionando a cabeça com ambas as mãos.

Foi cambaleando até o banheiro e lavou o rosto com água gelada. Um alívio momentâneo. Assim que mirou o espelho, em vez de seu reflexo, avistou uma tela negra no centro da qual se projetava um rosto descarnado que bateu de encontro ao vidro. Ele escorregou no piso molhado e bateu a nuca na borda do *ofurô*. A dor reverberou na cúpula sobre seu cérebro e os ruídos de raspagem tornaram-se mais altos, quase ensurdecedores.

RASP!... RASP!... RASP!... RASP!...

— Não! Não!... NÃÃÃOOO!

Foi quando aconteceu o blecaute.

O ar frio da noite tornou-se gelado.

A ventania rugiu por todas as frestas.

Um trovão fez toda a cabana estremecer.

De dentro da escuridão fantasmagórica, algo veio rastejando e cravou as unhas profundamente nas pernas do criminoso. Elas afundaram na carne: mais, mais e mais.

A última coisa que o homem escutou antes de desmaiar foi o som de uma risada.

Um riso de criança.

Aquele menino que um dia fora Gonjiro aterrorizou seu matador noite após noite durante meses e de todas as formas que as recordações da criança pudessem alcançar através dos *mangás*, desenhos animados, seriados e filmes que assistira.

Até que chegou uma noite na qual o vilão viu-se encurralado, enquanto sua adaga flutuava a alguns centímetros de sua barriga. Beirava a loucura e pesava a metade de quando invadira a residência da criança do outro lado do mar, em Ashiken. Seus olhos estavam vidrados e uma baba viscosa escorria da boca.

Na dimensão em que se encontrava, o menino ouviu aquela voz feita de inúmeras vozes.

Os monstros.

Gonjiro!

O que é? — respondeu impertinente e cheio de fúria em relação àquele homem.

O que pretende fazer?

Cansei da brincadeira.

O QUE PRETENDE FAZER? — insistiram com veemência.

Depois de um tempo que o menino não soube medir, caiu em si. O que faria com a arma?

A adaga que ora flutuava foi ao chão num baque amortecido sobre os *tatamis*.

O bandido também desabou rente à parede, desfalecido. Não passava de um farrapo.

Sim, Gonjiro caiu em si. O menino indefeso e solitário não se encontrava mais sozinho, não era mais indefeso e, como aqueles que agora o acompanhavam, tornara-se o monstro que um dia amara e temera. Porém, foi detido a tempo de não se tornar um verdadeiro e terrível monstro, como aquele que no chão ficara em meio aos próprios excrementos.

Venha, Gonjiro, venha.

Aonde?

Você cumpriu seu dever. Agora, reencontrará Miyazuru Shimada, sua mãe.

Instantaneamente, viu-se de novo na margem oposta do braço de mar, em sua casa, agora em ruínas.

E o riso ecoou novamente entre as quatro paredes, desta feita, de felicidade.

Amami Ōshima.

Kagoshima.

Ashiken.

Japão.

NOTA DO AUTOR:

O presente conto foi originalmente publicado na antologia “Meu Mundo Sobrenatural” (Projeto AutoEstima, 2021), organizada por Elenir Alves. Resgato as personagens do conto “Gonjiro”, publicado na edição nº 108 da “Conexão Literatura”. Meus avós paternos são originários da ilha de Amami Ōshima. Meu avô, Suminori Shima, era do vilarejo de Ashiken; minha avó, Fuji Sato (sobrenome de solteira), do vilarejo de Buren. Gonjiro e Miyazuru eram os nomes dos pais de minha avó paterna.

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorrei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e vinte e quatro antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Revista Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

O ENCONTRO

POR ROBERTO MOLLERO TOMÉ



Era uma tarde cinzenta e gelada de outono, após encontrar o que procurava, tinha chegado a hora de retornar para casa, junto a poluição misturada com a garoa criando imagens distorcidas no para-brisas. Um som saudoso ecoou, pela música que tocava no rádio ao acessar aquela avenida no Rudge Ramos, o que já havia sido um trajeto rotineiro, agora muitos anos haviam se passado. Ao parar no semáforo vermelho, olhou a sua direita e as antigas paredes de tijolos vermelhos desaparecerá da paisagem, a velha fábrica curvou-se ao impiedoso progresso, cedendo seu lugar a dezenas de prédios. Agora crianças brincam aonde homens trabalhavam para ganhar seu sustento, o mesmo lugar aonde projetos futuros eram discutidos detalhadamente, tornou-se abrigo para rotina e os sonhos de famílias inteiras.

Malicioso o reflexo da luz vermelha sobre o para-brisas, sujo e embaçado, refletindo na retina levemente alterada pelo cansaço do trânsito caótico, trouxe a sensualidade de dias passados. Em fração de segundos, melancolicamente a mente voou tão rápido pelos caminhos da memória, descobrindo tenras lembranças de momentos secretos, experiências atrevidamente abusadas e únicas, como a daquela reunião. Ah!

Que reunião.

Quanto tempo ele não pensava nela, naquela bela mulher de estatura mediana, magrinha e de poucas palavras, com seus longos cabelos negros ondulados, presos por uma piranha, salientando ainda mais o formato pequeno dos seus olhos cor de amêndoa, seu tom de pele bem claro. Aos quarenta e três anos, elegantemente vestida com um blazer azul claro, uma saia executiva cinza chumbo, os seios bem guardados em sua camisa social florida e com laços na gola, apoiada em um clássico sapato preto com salto alto. Uma mulher tão marcante, que poderia ser reconhecida há quilômetros de distância, mas ela estava ali, a poucos metros dele. Esbelta, elegante postura ereta, sentada com um caderno aberto entre suas pernas cruzadas, alternando seu olhar entre os participantes e suas anotações. Perigoso olhar de canto!

Seu provocante perfume se contrapunha a leve maquiagem, o suave batom vermelho realçava ainda mais sua boca pequena, com lábios harmoniosos e sedutores. O tom rosa claro em suas unhas cumpridas, combinava com o colorido das estampas em sua camisa, com o cinto de couro e até com sua bolsa, repousada nas costas da cadeira que ela ocupava.

Essa era Abby MacKenzie, americana de passagem pelo país.

Em lados opostos na mesa de reuniões, faíscas brilhantes como diamante, disparavam a cada troca de olhares entre eles, principalmente quando os pensamentos coesos sobre o assunto abordado, se depararam com divergências entre pontos de vista. Sutil, ela sabia fazer a diferença, sem petulância, sem egoísmo, quanto mais neutra buscava ser, mais marcante se tornava. Direta e precisa, a leveza em suas palavras expostas aos participantes, pesava uma tonelada aos ouvidos dele. Olhar atento as feições dela, o assunto em questão sumiu, se perdeu no ar, na verdade o fascínio do

posicionamento dela, despertou uma enorme curiosidade em torno do que a fazia ser tão atraente, qual traço nela que lhe chamava mais atenção.

Pulando as precipitações entre o tempo e espaço, fim da reunião e todos lentamente deixavam o ambiente, mas a sua frente, ela permanecia sentada, olhar disperso fixado no celular brilhando sobre a mesa. Com voo de volta para casa agendado para o início da noite, pouco tempo restava, ela ignorou a chamada para despedir-se dele. Ao descruzar de pernas para levantar-se da cadeira, sua compostura social se desfez, a postura sensual e feminina assumiu o controle, ao levantar seus olhos em direção a ele. Um olhar carregado por pensamentos inusitados, insanos, atrevidos e que por si só, já eram descabidos, foi como flecha atingindo em cheio seu alvo.

A aura que surgiu em torno daqueles dois corpos humanos, no tocar de mãos raiou uma luz imperceptível aos olhos, mas facilmente reconhecida pela mente, pelo corpo e pela alma.

A provocante troca de calor aproximou ainda mais os dois, expondo o desejo que os olhos emanavam e também refletiam, abrupta euforia, foi o suficiente para raptar a razão, sufocar a lógica, e com o cotovelo ele fechou a porta entre aberta.

Sem saber o que dizer, o silêncio foi interrompido pelo barulho do metal na madeira, se chocando com o batente da porta, e na quietude veio à tona, sons anormais de uma respiração em suspense, gerada pela sensação de ansiedade, instantes antes de se tornar explicitamente ofegante. A distância praticamente extinta, já deixava possível até ver a batida dos corações pelo movimento das roupas, embora a mente esboçasse palavras, as bocas não conseguiam expressar, não tiveram tempo ou vontade em fazer, pois os olhos estavam concentrados na aproximação dos lábios.

Final do expediente estava próximo, o tempo era curto demais para alimentar fantasias inapropriadas, mas algo naquele ambiente inóspito liberou mais ocitocina. O desafio enfrentado a pouco tempo, encontrou abrigo no olhar sincero, trouxe o sorriso de criança, prendendo a postura profissional em algum lugar da existência. Resistir ao irresistível, excitante por demais o colar dos lábios, beijo forte e marcante, eles adentraram o portal da libidinagem, e aquela discreta saia executiva, se tornou tão pervertida ao ser levantada, que acelerou a testosterona. A temperatura corporal em fervor requeria abertura do zíper para resfriar, o suave toque apressado, ansioso e cobiçado, gerou um friozinho na barriga, que de nada adiantou para aliviar a sensação de calor. Era preciso seguir os instintos, se permitir ousar e assim, talvez compreender ou no mínimo, entender a irresistível atração. Inocentes, sem saber que isso só chegaria quando o prazer alcançasse lucidez na alma, quando no estado de repouso gerado pela sensação aflorada, pudesse encontrar abrigo na realidade, vista pelo olhar perplexo da experiência única compartilhada.

A noção da realidade distorcida fez a noção do tempo se perder, rápido ou demorado foram subjugados e ignorados, pela sensação de prazer com a qual se olharam,

transmitindo ternura no olhar, e um sorriso tímido enquanto se recompunham apressadamente.

Não foram pegos em flagrante, apesar de que em seu íntimo isso não importasse, para eles opiniões alheias não seriam significativas, nem mesmo a dos seus cônjuges, que deveriam estar aguardando por eles em casa.

Respeitosamente uma carona foi oferecida, educadamente a carona foi aceita, se despediram no aeroporto tomando um café. Não trocaram endereços, nem telefones, tão pouco alguma insinuante proposta sobre voltar a se verem. Somente mantiveram as mãos juntas, uma sobre a outra, até a última chamada para o voo ecoar nos autofalantes. Sem abraços, sem beijos, só com o olhar e dessa vez, os pensamentos e pontos de vista eram similares. Sem explicação e sem conclusão, se a união deles após reunião tinha sido um caso de uma tarde, ou um caso da eternidade.

Com os olhos ainda queimando, ele acompanhou o caminhar dela, mas antes de lembrar-se de como ela desapareceu pelas portas de vidro, em seus ouvidos buzinas soaram, o reflexo avermelhado apresentava um tom esverdeado. Alguém no carro de trás parecia estar impaciente, apressado ou sem tenras lembranças. Hora de fechar o baú dos segredos, soltar os freios, deixar as rodas girarem de volta para realidade, carregando consigo o sigilo daquela tarde, no interior daquelas paredes de tijolos vermelhos, que agora são só recordações.

Roberto Mollero Tomé, nascido em 1960 na cidade de Santo André em São Paulo, formado em Comércio e extensa vida profissional pela região do Grande ABC. Aposentado encontrou tempo para a escrita, passou a compartilhar histórias em forma poemas nas redes sociais. Em 2020 durante a pandemia começou a publicar alguns trabalhos na Revista Digital Conexão Literatura, e alguns livros pela plataforma da Uiclap. Tomé que foi indevidamente retirado dos registros é uma homenagem aos seus antepassados. (Instagram @rmollero)



POR SELMA LUANNY

PASSOS PARA O COSMOS

PARTE IX

PREPAROS FINAIS

O planejamento para se poder avançar com solidez e segurança, rumo ao espaço interestelar, os projetos das naves, sua estrutura e conteúdo, todos os equipamentos ultramodernos necessários, o mapeamento dos trajetos úteis à aquisição de matéria prima e energética, estão sendo constantemente refeitos de acordo com a evolução da Ciência e da capacidade de engenharia, além do conhecimento que chega através do retorno das informações adquiridas pelas naves robóticas lançadas ao espaço profundo, há milênios. Os futuros preciosos passageiros biológicos – a humanidade e plantas e animais que a acompanharão - deverão ter segurança máxima.

Dentro deste conceito de segurança máxima - por agora, os projetos ainda não são definitivos, pois a evolução dá passos largos a cada mês ou ano – atualmente (ano 150.000) cada nave teria um centro de ferro puro, moderadamente aquecido, dentro de uma capa de tungstênio e titânio, por sua vez, ligada a um largo anel oco, que funcionaria como um túnel. Este anel seria ligado em orientação radiada, a uma grande quantidade de unidades independentes, onde se concentraria toda a atividade humana e que, no espaço profundo e em altíssima velocidade, só se uniriam em casos de emergência, através do anel ao redor do seu centro.

Aproximações mecânicas se necessárias para ultrapassarem obstáculos ou lançamento de naves entre as unidades foram como seria inevitável, previamente testadas inúmeras vezes para evitar quaisquer problemas.

Este tipo de grande nave central seria rodeada por naves robóticas menores, fundamentais à proteção da nave-mãe e à aquisição de material no espaço e/ou nos corpos celestes encontrados pelo caminho.

Com cobertura magnética, proteção eletromagnética e a autossuficiência no espaço, naves-mães seriam os veículos responsáveis pela expansão da humanidade além do Sistema Solar e com o contínuo aprimoramento da Ciência, esta expansão também não teria limites.

Era primordial e já era realizada uma pesquisa minuciosa de futuros sistemas estelares, com estudo e acompanhamento de planetas que davam impressões firmes de condições para a expansão da humanidade e seres que a acompanhariam, mas os quais não deveriam ter sinais de vida complexa ou inteligente.

A humanidade não queria e não deveria ser agente de destruição de potenciais pontos de vida avançada em outros mundos, como chegara a fazer no seu próprio planeta, num passado já remoto, quando o ser humano ainda não era devidamente civilizado e consciente da inter-relação de todos os organismos vivos.

Cap 7

O rumar ao Espaço Profundo

Nesta necessária jornada para o Cosmos, mas nunca abandonando as suas raízes, o aprendizado e a evolução físico-cibernética são e deverão ser imparáveis e inseparáveis.

De mãos dadas, a humanidade e a inteligência "artificial" – ainda assim denominada, mas aceita por ambas as partes – estão se prontificando para se direcionar ao espaço interestelar e novos sistemas solares, sem receio do que encontrar adiante, quando chegada a hora. E, a seguir, viagens intergalácticas, se aventadas, serão uma possibilidade nunca descartada pela Física, pelo menos para a parte robótica.

É duvidoso que, devido às imensas distâncias entre os diferentes sistemas solares neste braço da Via Láctea, onde o Sistema Solar se encontra, haja seres vivos inteligentes – pelo simples fato de ainda não terem sido detectados ou se manifestados e às dificuldades e até impossibilidades de longuíssimas viagens se o seu poder tecnológico não for suficientemente avançado.

Além do que, cada civilização avançada teria que se proteger das suas próprias ameaças, como ocorreu com a humanidade no século 21, onde esteve à beira da sua destruição, devido às inúmeras guerras e poderio nuclear – sempre ao alcance das mãos de insensatos e inconsequentes, e até mesmo de tiranos ou psicopatas.

Como os diferentes mundos são submetidos a diferentes condições e extensão de tempo que possam permitir evolução para uma civilização galáctica, a possibilidade de encontrarmos com tais seres, é remotíssima.

Mesmo que porventura tais civilizações sejam detectadas à distância, através de radiotelescópios ou outro meio, o percurso a perfazer para atingi-las é imenso, medido em anos-luz, e acrescido de dificuldades e perigos no trajeto, o que não viabilizaria qualquer vontade de aproximação física. Muito pelo contrário. A humanidade enfrentou problemas inimagináveis para chegar a este nível, que apesar de alto, deve ser consolidado e protegido de quaisquer ameaças externas. E a mais grave ameaça viria com toda certeza de seres alienígenas avançados.

Assim, a humanidade irá avançando aos poucos pelo espaço conhecido e de importância para o seu futuro. Mas não precisará se aventurar para o desconhecido, urgentemente, sem necessidades atuais e nenhuma pressa maior, pois agora, pode praticamente tudo, sem a necessidade de se precipitar.

A humanidade está se consolidando como uma civilização estelar. Com a pesquisa aprofundada do Sol e a utilização avançada da sua energia, com um controle total dos sistemas físico-químicos e a engenharia desenvolvida ao longo dos milênios progressos, isto já se pode dizer que é uma realidade.

Mas avançar para outros sistemas solares propícios à manutenção da vida, não significa já dominar todos os aspectos de uma civilização galáctica.

Significa o seguir pela sobrevivência da espécie, quando a manutenção da vida no nosso próprio sistema solar tornar-se inviável.

Ao chegar a hora de sair deste sistema solar, devemos conseguir dominar e usufruir os potenciais da energia solar sem sucumbir à sua altíssima temperatura e radiação, então a distância para se tornar uma civilização galáctica, estará a "um passo" da nossa realização.

Aí, não haverá mais incertezas. Nem medos, nem barreiras.

E o futuro se abrirá a qualquer empresa.

E o tempo e o espaço serão apenas uma catapulta para voos cada vez mais altos, facilmente dominados.



(Nota de rodapé: nona parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes lançadas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA)

Sobre a autora:

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>





- **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES
POR APENAS
R\$ 180**

DÊ MAIS VISIBILIDADE AO
SEU LIVRO E MOSTRE A
SUA OBRA PARA
MILHARES DE LEITORES.

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademir@divulgalivros.org**

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**





a leitura é
uma janela
para infinitos
mundos.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA



Ler é o
melhor
para
poder
crescer.



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA



TODO UNIVERSO
CABE EM
UM VERSO.



Um presente da Revista Conexão Literatura



Marcadores para
imprimir
e recortar!



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO • ATENÇÃO • ATENÇÃO



**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2024

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+780 MIL +150 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.08.2024

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: [clique aqui](#)

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 [@conexaoliteratura](#) // Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)

Fanpage 2 [@conexaogramatica](#) // Youtube: [@conexaonerd](#)